USP - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FFLCH- FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

Nedir Fernandes de Almeida

SALAS AMBIENTE COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO-APRENDIZAGEM

versão corrigida

São Paulo, 2017

USP - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FFLCH- FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

SALAS AMBIENTE

COMO ESTRATÉGIA

DE ENSINO-APRENDIZAGEM

versão corrigida

Nedir Fernandes de Almeida

Tese apresentada por Nedir Fernandes de Almeida ao Programa de Pós-graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo, sob a orientação da Profa. Dra. Glória da Anunciação Alves como requisito à obtenção do título de Doutor em Geografia

São Paulo, 2017

Aos vivos

Agradecimentos

Esta Tese é fruto de estudos desenvolvidos por mim nos últimos anos e também um registro das minhas observações, percepções e de inúmeras discussões com uma infinidade de pessoas. Foi construída na minha vida cotidiana enquanto docente. É o resultado de uma experiência vivida.

Impossível agradecer a todos aqueles que conviveram comigo e colaboraram para esta pesquisa. Foram ótimos os nossos diálogos. Agradeço aos professores e alunos com quem convivi e entrevistei para essa pesquisa. Agradeço à juventude secundarista que mostraram ao Brasil que sonho que se sonha junto é realidade.

Muitos dos que gostaria de agradecer podem não estão relacionados aqui, porém jamais serão por mim esquecidos. São muitos. Agradeço ao meu amigo de décadas que o tempo não conseguiu separar, Bemerval Carneiro. Não poderia deixar de lembrar o incentivo que tive dos amigos Alex Franulovic, Joaquim Félix, Marcelo Menezes, Gustavo Pagador, José Aparecido Rolon, Aline, Denis e Ítalo Rivas.

Também agradeço os meus amigos geógrafos que colaboraram com essa pesquisa, especialmente a Profa. Dra. Mariana Soares Domingues e Marcio Sabbadini Francisco. Agradecimentos especiais à minha ex-aluna Tuanny Maia Costa, agora quase geógrafa pela Universidade de São Paulo. Também agradeço meus grandes amigos e afilhados de casamento Geisa Tanganeli Pires e João Batista Pires.

Não poderia deixar de lembrar e agradecer ao meus amigo fotógrafo Joca Duarte. Também é inesquecível o estímulo que recebi de Laíz, Raphael, Neide e Eliana. Bem querer e desejos de boa sorte é o que não me faltou.

Agradecimentos especiais presto aos autores dos livros, blogs e sites da internet que contribuíram para a concretização dessa Tese.

Além de disso, agradeço muito ao criativo artista Geandre Tomafon que me cedeu gentilmente, durante uma manifestação dos estudantes secundaristas na Avenida Paulista, no vão livre do Museu de Arte de São Paulo, o uso de imagem da sua da sua criação, cadeira com asas, nessa obra.

À minha orientadora Glória da Anunciação Alves pela confiança depositada em mim, pela paciência e por estar sempre disponível para diálogos sempre necessários.

Resumo

Salas ambiente como estratégia de ensino-aprendizagem

Verificamos atualmente no Brasil o fortalecimento de uma Educação tecnicista, impregnada com o ideário da racionalidade capitalista, que amplia e barateia a mão de obra nacional. Esse projeto de Educação foi fortalecido principalmente por meio dos acordos MEC USAID durante a ditadura militar (1964-1985). Ao mesmo tempo em que a população concebe a Educação escolar como possibilidade de escapar das agruras sociais, mais as escolas públicas se tornam mais semelhantes às prisões: grades, sirenes, muros, portões, salas como celas, longos corredores e professores como carcereiros. E isso, contraditoriamente ocorre num espaço público que é em si, a possibilidade concreta de se construir uma sociedade mais democrática. Coloca-se como urgente a adoção de novas estratégias de ensino-aprendizagem. Assim, os estudos sobre salas ambiente apresentam-se como possibilidades. Essa urgência foi revelada, em 2015, nas ocupações das escolas públicas. Nelas, a apropriação dos espaços escolares fez com que estudantes acreditassem que a realidade escolar podia ser mudada se agissem e se eles se reconhecessem como parte integrante e ativa nas decisões escolares. Salas ambiente são entendidas como formas de estruturação física das escolas, em que os professores ficam fixos em determinadas salas de aula e os alunos são os que se movimentam para seus estudos entre uma disciplina escolar e outra. Salas ambiente aliviam o corpo e a mente num ambiente de confinamento; podem contribuir para a diminuição da violência e da evasão escolar além de colocarem as ações pedagógicas em primeiro plano. A análise do lugar Escola, a sua observação e descrição, a comparação entre sala ambiente e sala fixa, e finalmente a análise combinada de tudo isso produziu essa Tese. Ela se projeta no campo do conhecimento, com essas ferramentas essencialmente geográficas, como uma forma de contribuição para as pedagogias escolares.

Palavras chaves: salas ambiente, salas fixas, espaço escolar, ocupações escolares, ensino aprendizagem.

Abstract

Shared classrooms as a learning/teaching strategy

We presently verified in Brazil the strengthening of a technicist Education, pervaded by the ideology of the capitalist rationality, which amplify and cheapen the national labor. This Educational Project was strengthened mainly by means of the MEC USAID agreements during the military dictatorship (1964-1985). At the same time the population sees School Education as a possibility of escaping the social hardships, the public schools become more similar to prisons: grids, sirens, walls, gates, classrooms as cells, long corridors and teachers as jailers. And all this occurs, contradictorily, in a public space which is itself the concrete possibility of building a more democratic society. It is, therefore, urgent to adopt new learning/teaching strategies and the studies on shared classrooms present themselves as a possibility. This urgency was revealed in 2015 by the occupations in public schools. In them, the appropriation of the school space made the students to believe that the school reality could be changed if they acted and if they could recognize themselves as integral and active participants in the school's decision process. Shared classrooms are forms of physical structuring the schools in which the teachers remain fixed in specific classrooms and the students are the ones to move between one class and the other. Shared classrooms alleviate the body and the mind in a environment of confinement; they can contribute to diminish the violence and the school dropout and, in addition, put the pedagogical actions in the foreground. The analysis of the school place, its observation and description; the comparison between shared classrooms and fixed classrooms and, ultimately, the combined analysis of all this, produced this thesis. It projects itself in the knowledge field, with these essentially geographic tools, as a contribution to the school pedagogies.

Keywords: shared classrooms, fixed classrooms, school space, school occupations, learning/teaching.

Sumário

Apresentação 13
1 – Introdução 21
2- Metodologia: Combinando proximidade e afastamento do objeto de estudo 33
3 - O urbano, o ambiente escolar, o confinamento e o apelo ao consumo 41
3.1- O ambiente escolar 41
3.2 - O confinamento e o apelo ao consumo 49
4- Ocupações das escolas públicas paulistas: 54
rebeliões inesperadas. 54
4.1. A internacionalização do movimento 65
4.2 - A organização nas ocupações 81
3 - Uma geração que se revela. 88
5 - As salas ambiente: uma experiência que alivia o corpo e a mente num ambiente de confinamento 92
5.1 - As salas ambiente 92
5.3 - Um pesquisa comparativa entre salas fixas e salas ambiente 106
5.4 - Os alunos falam 108
5.4.1 - As limitações pedagógicas das salas fixas e salas ambiente como instrumento para um melhor ensino-aprendizado 108
5.4.2 - Salas ambiente favorecem o desenvolvimento da sociabilidade entre alunos e facilitam a construção de relações mais solidárias entre eles. 112
5.4.3 - Salas ambiente estimulam a auto organização 114
5.4.4 - Salas ambiente combatem o tédio, animam, diminuem a ansiedade ao distensionar um ambiente confinado, melhorando assim o espaço escolar 115
5.4.5 - Salas ambiente facilitam a "cabulação" de aulas? 120
5.4.6 - Em salas, o encontro de indispostos: alunos e professores. Salas ambiente podem diminuir a evasão escolar desses dois lados. 121
5.4.7 - O aluno pode transportar um menor número de materiais didáticos 123
6 - Salas ambiente: uma forma pedagógica de estruturação física escolar que melhora o aprendizado e distensiona o corpo discente. 125
7 - Considerações finais 140
8 - Bibliografia de Referência 144
9 - Anexos 151

O Trono do Estudar

Ninguém tira o trono do estudar
Ninguém é o dono do que a vida dá

E nem me colocando numa jaula porque sala de aula
Essa jaula vai virar

A vida deu os muitos anos de estrutura do humano
À procura do que Deus não respondeu
Deu a história, a ciência, a arquitetura
Deu a arte e deu a cura e a cultura pra quem leu

Depois de tudo até chegar neste momento
Me negar conhecimento é me negar o que é meu
Não venha agora fazer furo em meu futuro,
Me trancar num quarto escuro e fingir que me esqueceu
Vocês vão ter que acostumar porque...

Ninguém tira o trono do estudar
Ninguém é o dono do que a vida dá

E nem me colocando numa jaula
Porque sala de aula
Essa jaula vai virar

E tem que honrar e se orgulhar do trono mesmo
E perder o sono mesmo para lutar pelo que é seu
Que neste trono todo ser humano é rei
Seja preto, branco, gay, rico, pobre, santo, ateu
Pra ter escolha tem que ter escola
Ninguém quer esmola, isto ninguém pode negar

Nem a lei, nem estado, nem turista
Nem palácio, nem artista, nem Polícia Militar

Vocês vão ter que me engolir, se entregar
Porque ninguém tira o trono do estudar

Dani Black

Lista de Figuras

Figura 1- Charge divulgada nas rede sociais computadorizadas feita durante o período de ocupação das escolas (2015).

Figura 2 - Depredação na Escola Alfa. 2015.

Figura 3 - Cartaz colado em parede na Praça da República, no centro da cidade de São Paulo, durante a greve dos professores em junho de 2015.

Figura 4 - Concentração de professores em frente ao Estádio do Cícero Pompeu de Toledo (o Morumbi), próximo ao Palácio dos Bandeirantes, sede do governo do Estado de São Paulo, durante a greve dos professores em 2015.

Figura 05 - Três classes amplas de incentivos motivam os professores.

Figura 6 - Visita de alunos da Escola Alfa à escola privada na região da Avenida Paulista em 2015.

Figura 7 - Maquete elaborada por alunos, na Escola Alfa, como atividade interdisciplinar de projeto pedagógico.2015.

Figura 8 - Manifestação de alunos da E E Diadema na Avenida Paulista.

Figura 9 - Passeata dos estudantes secundaristas que ocupavam escolas na Avenida Paulista em dezembro de 2015.

Figura 10 - Passeata dos estudantes secundaristas pela Avenida Paulista em dezembro de 2015.

Figura 11 - Manifestação em Roma (Itália) em solidariedade às ocupações das escolas no Estado de São Paulo .

Figura 12 - Mapa da escolas ocupadas na cidade de São Paulo.

Figura 13 - Charge feita durante o período de ocupação das escolas. (2015)

Figura 14 - Cozinha de escola na região central da cidade de São Paulo ocupada pelos alunos. Hora de preparação do almoço. Dezembro de 2015.

Figura 15 - Passeata dos estudantes secundaristas pela Avenida Nove de Julho em dezembro de 2015.

Figura 16 - Concentração de professores em frente ao Palácio dos Bandeirantes durante greve dos professores em 2015.

Figura 17 - Manifestante durante assembleia de professores em frente ao Museu de Arte de São Paulo durante greve dos professores em 2015.

Figura 18 - Passeata dos professores passando sobre ponte da Marginal Pinheiros em direção à sede da Rede Globo para protestar contra postura de cumplicidade editorial da empresa com as políticas educacionais do governo estadual em 2015.

Figura 19- Aula pública com a cartunista Laerte na EE Fernão Dias - 2015.

Figura 20 - Passeata dos estudantes secundaristas pela Avenida Paulista, sempre acompanhada por forte aparato policial, em dezembro de 2015.

Figura 21 - Carteira com asas, criação do artista Geandre Tomafon,2015.

Figura 22 - Passeata dos estudantes secundaristas das ocupações de escolas, com o apoio de movimentos populares, pela Avenida Paulista. 2015.

Figura 23 - Passeata dos estudantes secundaristas pela Avenida Paulista em dezembro de 2015.

Figura 24 - Charge ironizando a "rebeldia" dos alunos em relação aos pais durante a ocupação das escolas pelos estudantes secundarista em 2015.

Figura 25 Garota enfrenta Policial Militar em manifestação de rua (2015)

Figura 26 - Arte feita no interior de uma escola durante ocupações estudantis. "Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo " Paulo Freire.

Figura 27 - Escola Alfa em reforma. 2012.

Figura 28 - Sala sem porta e suja durante vigência das salas fixas. 2014.

Figura 29 - Pichação em muro da cidade de São Paulo durante o movimento de ocupação das escolas. 2015.

Lista de Tabelas

Tabela I - Cidades com mais caso de agressão a professores

(jan de 2014 a abr de 2015)

Tabela 2- Comparação entre salas fixa (tradicional) e sala ambiente

Tabela 3 - Na sua opinião, quais foram as principais diferenças que você observou entre a existência de salas fixas para os alunos e de salas ambiente na escola Alfa?

Apresentação

Fracassei em tudo o que tentei na vida.
Tentei alfabetizar as crianças brasileiras, não consegui.
Tentei salvar os índios, não consegui.
Tentei fazer uma universidade séria e fracassei.
Tentei fazer o Brasil desenvolver-se autonomamente e fracassei.
Mas os fracassos são minhas vitórias.
Eu detestaria estar no lugar de quem me venceu.

Darcy Ribeiro

Quando fiz a minha dissertação "Metamorfoses dos usos do lugar: a revalorização urbana como estratégia de acumulação de capital" procurei abordar o processo especulativo no centro da cidade de São Paulo pesquisando a sua revalorização espacial. Nela, discuti como a revalorização da região central de São Paulo transforma os usos dos diversos lugares dessa região, estabelecendo conflitos entre os promotores desse processo e a apropriação desse lugar por seus usuários. Nesse sentido, cresce a especulação imobiliária, a transformação dos espaços religiosos, o desenvolvimento do turismo e a expulsão, desse lugar, de quem não pode pagar por ele. Inserida dentro de um processo de reestruturação produtiva, essa revalorização é impulsionada pela iniciativa privada e pelos poderes públicos, que concebem a cidade como uma máquina de produzir riquezas, incentivando estratégias de acumulação de capital. Nesse processo, o centro antes desvalorizado, agora se revaloriza. Por outro lado, há quem resista a essas estratégias, transgredindo-as, demonstrando que o caráter criador da sociedade urbana aponta sempre para diversas possibilidades e uma delas é a de que o uso da cidade não esteja submetido a valores de troca do mercado. Com o trabalho de pesquisa dessa dissertação, acreditei ter contribuído à geografia urbana sistematizando o que vivia e observava no meu dia a dia tendo em vista o fato de que resido na região central de São Paulo.

Seria mais cômodo continuar minhas pesquisas em geografia urbana, porém agora optei por aliar conhecimentos geográficos ao ensino em escolas públicas. Essa tese trata-se, portanto, de uma pesquisa que procura analisar a apropriação do espaço escolar. Isso se deu porque verifiquei que é necessário cada vez mais pesquisar as escolas públicas a partir de observações no interior delas, do conhecimento das suas práticas cotidianas, ou seja, de baixo para cima; isso sem menosprezar o avanço teórico acadêmico.

A premência de se estudar mais profundamente as escolas públicas do nosso país foi demonstrada por meio das recentes ocupações das escolas públicas paulistas pelos estudantes, ocorridas em 2015, o que surpreendeu os mais diferentes meios políticos, acadêmicos e sociais. Trataremos disso um pouco mais à frente.

Percebo uma distância enorme entre a Universidade Pública e a Escola Pública, entre as políticas pedagógicas públicas e a vida cotidiana nas escolas, ou seja, entre o concebido e o vivido. A universidade, por meio do seu corpo docente, deve estar mais próxima à educação básica para poder observar, analisar, e propor teorias e práticas junto às comunidades escolares. Há décadas, verificamos na geografia um estranho paradoxo: ao mesmo tempo que se defende uma unidade entre ensino e pesquisa, vai se afirmando uma valorização maior do pesquisador em detrimento do ensino, ou seja, de ações voltadas para estudos didáticos pedagógicos.

Talvez essa distância entre a universidade e a escola pública também seja entendida como natural por alguns em função de concepções corporativistas, meritocráticas e elitistas que ainda têm presença relevante nas universidades. O produtivismo e a imposição de produtividades acadêmicas, cada vez maiores em tempos cada vez mais curtos, talvez tenham dificultado a existência de um tempo menos tensionado para reflexões sobre a escola pública. É a rendição das atividades intelectuais à lógica dos tempos de reprodução do capital. Nesse sentido, as chamadas ciências humanas perdem terreno para as ciências instrumentais devido à dificuldade de mensuração do valor produzido. Isso se reflete um pouco na distância entre a universidade e o ensino básico público e integra um rol de elementos que causam a persistente crise de ambas. Mesmo existindo políticas públicas que sucateiam ambas as modalidades escolares não se conseguiu até agora uma unidade efetiva entre elas. Ainda, a maioria dos estudantes das escolas públicas paulistas de ensino superior é originária do ensino básico das escolas privadas enquanto que, a maioria dos estudantes do ensino superior pago estudou em escolas públicas. Essa é mais uma contradição da educação pública brasileira.

Podemos apontar uma infinidade de fatores que colaboram para esse estado de coisas e aqui destaco alguns.

Existe uma incapacidade real em enfrentar concretamente as questões que cercam o ensino público como por exemplo: como aproximar as experiências vividas no dia a dia nas escolas e a elaboração teórica? Como facilitar essa elaboração sem que isso seja uma imposição metodológica acadêmica? É

uma tarefa quase hercúlea elaborar uma tese estando durante todo o processo dessa elaboração dentro das salas de aula. Infelizmente, rotinas de trabalho muitas vezes tornam nossas ações repetitivas, quase automatizadas. Isso reduz a nossa capacidade crítica, pois a repetição aliena. Por outro lado, o afastamento das salas de aula pode levar à ignorância quanto à sua realidade e à acomodação. É necessária uma mediação. O pensamento e a criação requer tempo do livre pensar. Ao mesmo tempo, a profissão docente requer quase que necessariamente que o docente seja um pesquisador. Eis aí um paradoxo. O tempo não para e se faz necessário uma atualização constante, ou seja, praticar a pesquisa sempre. Isso, pelo menos, é ideal. Mas na prática, as condições de trabalho nas escolas públicas, geralmente impõem a uma grande parte dos professores certa paralisia intelectual, um desânimo e assim uma profissão que deveria ser essencialmente um exercício constante de apontar novos horizontes para o pensamento e o conhecimento acaba sendo, na maioria das vezes, socialmente associada ao fracasso e à frustração. Quase tudo parece se perder entre burocracias e empirismo. Numa sociedade que apresenta cada vez mais modelos de sucesso estreitamente ligados à lógica da reprodução do capital, ou seja, ao mercado, qual será o lugar daqueles que apresentam na prática e na crítica, contrapontos a esses modelos? Seria isso a marginalização das práticas teórico-metodológicas reflexivas?

A sociedade e os diversos níveis de governo deveriam se envergonhar da situação em que se encontra a maioria das nossas escolas públicas, porém, esses transferem, habilmente, esse "envergonhamento" para aqueles que desempenham uma atividade fundamental para o futuro de gerações inteiras, ou seja, profissionais da educação, dentre os quais, encontramos os professores das escolas públicas. Tentam tapar o sol com a peneira. Pura ilusão, pois na verdade, somente postergam a hora da eclosão de conflitos inevitáveis. Geralmente os poderes constituídos e a mídia atribuem o fracasso escolar aos professores, ou seja, ao invés de apontarem análises mais aprofundadas sobre essa persistente crise, optam pelas respostas mais fáceis e pelo lugar comum. E, infelizmente, boa parte dos professores das escolas públicas acaba interiorizando esse sentimento de fracasso e frustração.

Reforça-se assim sentimentos de culpa por parte dos professores. Alguns associam o estado de prostração de muitos professores à Síndrome de Estocolmo, patologia em que uma pessoa que é submetida durante muito tempo a situações de humilhação e intimidação, passa a ter simpatia pelo seu agressor. Apesar da resistência por parte dos professores aos ataques a um ensino público de qualidade, também é muito comum, entre eles, a aceitação do estado das coisas na educação. Poderemos observar um certo imobilismo, que leva a uma paralisia frente às políticas públicas impostas. Reforça-se a concepção de que sempre se deve aceitar as determinações governamentais que vem de cima, sem reagir. Enquanto isso, gerações inteiras fogem da carreira docente, principalmente em escolas públicas, como diz o ditado popular, como o diabo foge da cruz, nessa sociedade de horrores. Existem políticas públicas formais de incentivo ao ingresso na carreira docente, todavia, elas pouco ecoam no "chão" das escolas, tornando-se assim, ineficazes. A desvalorização salarial dos professores é avassaladora em comparação a outras categorias que possuem nível superior. Comumente vemos notícias em jornais e televisão sobre falta de professores nas escolas, como noticiou o jornal Folha de São Paulo[1]: " Rede estadual de São Paulo enfrenta saída recorde de professores". Sem valorização profissional e planos de carreira atrativos fica muito difícil incentivar o ingresso na carreira docente.

Apesar da precária situação da escola pública e dos discursos que tentam desacreditá-la, existe a necessidade de vê-la por um outro ponto de vista, o da esperança. Como exemplifica a charge da Figura 1, é preciso olhar para além dela. Enxergar novos horizontes e possíveis perspectivas de avanço do ensino-aprendizagem.

[1] http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/11/1707366-rede-estadual-de-sp-enfrenta-saida-recorde-de-professores.shtml?cmpid=compfb, acessado em 15/11/2015.

Figura 2- Charge divulgada nas rede sociais computadorizadas feita durante o período de ocupação das escolas (2015) http://jornalggn.com.br/tag/blogs/charge

Com inevitáveis lacunas e também acertos, a proposta dessa tese é ousada no sentido de procurar analisar o que são os espaços geográficos de confinamento que boa parte das nossas escolas se transformaram. Atualmente, as paisagens das escolas públicas se assemelham com as paisagens das prisões. Nesse sentido, o estudo das salas ambiente, como estratégia para um melhor ensino-aprendizado, apresenta-se como uma necessidade, à medida em que potencializa, no ambiente escolar, a criação.

Entende-se como salas ambiente formas de estruturação física das escolas, baseadas em Planos Políticos Pedagógicos, em que os professores ficam fixos em determinadas salas de aula e os alunos são os que se movimentam para seus estudos entre uma disciplina escolar e outra. Nelas, os professores e alunos podem contar com instrumentos pedagógicos adequados à sua disciplina tais como mapas, tabelas, data-show, materiais para experimentos físicos e químicos, materiais para o desenvolvimento das artes, pequenas bibliotecas e armários para guardar a produção dos alunos.

Na *Introdução* fIzemos uma análise do que levou a escola a se apresentar tal como está, o papel social da escola, seus conflitos e desafios.

No capítulo seguinte *Metodologia: combinando a proximidade e o afastamento do objeto de estudo* estudamos como projetos impostos pelos mais diferentes governos impactam fortemente a educação, particularmente os professores. Sendo assim, fazer pesquisas estando inserido diretamente na vida cotidiana escolar torna-se um desafio.

No capítulo 3 *O urbano, o ambiente escolar, o confinamento e o apelo ao consumo* é estudado o ambiente escolar, inserido em um metrópole como São Paulo, lugar de segregações espaciais, onde o apelo ao consumo é evidenciado. O urbano impacta diretamente as comunidades escolares e a geografia também tem como tarefa desvendar essas relações.

É nesse meio urbano escolar que ocorrem as *Ocupações das escolas públicas paulistas: rebeliões inesperadas,* título do capítulo 04. Essas ocupações colocaram de forma muito nítida o desejo de que o espaço escolar seja apropriado por sua comunidade.

Essa necessidade de apropriação do espaço escolar encontra resposta a partir da prática de salas ambiente. No capítulo 05, *As salas ambiente: uma experiência que alivia o corpo e a mente num ambiente de confinamento* estudamos primordialmente essa prática pedagógica a partir de experiências na Escola Alfa, levando em consideração experiências realizadas também em outras escolas.

E finalmente, no capítulo 6 *Salas ambiente: uma forma pedagógica de estruturação física escolar que melhora o aprendizado e distensiona o corpo discente* reafirma a tese da necessidade de uma nova reestruturação física do espaço escolar avançando no estudo sobre a motricidade discente.

Essa tese é uma tentativa de aproximação de uma pesquisa universitária de um programa de pós graduação com estudos relacionados à escola pública, para a qual experiências e elaborações acadêmicas tornam-se elementos essenciais para possíveis práticas transformadoras.

1 – Introdução

Atualmente, o nosso país conseguiu garantir a quase todas as crianças e adolescentes a possibilidade de acesso à educação. Isso ocorreu seja em função de pressões populares, seja da necessidade de qualificação da mão de obra que o capital precisava e precisa para concorrer com os mais diferentes territórios numa sociedade globalizada. O grande salto desse processo inclusivo ocorreu entre a segunda metade da década de 1970 até mais ou menos 1982 (PENIN, 2011, p.70), durante a ditadura civil militar[2] que governou o país por 21 anos (1964-1985). Nesse período foram estabelecidas estratégias educacionais para o país estreitamente ligadas às estratégias norte-americanas que privilegiavam o atendimento principalmente das necessidades dos setores privados da economia.[3] Isso marcou a saída de um período caracterizado como de acesso restrito ao ensino público de qualidade, privilégio de poucos, para um período de "inclusão perversa"[4] que permanece até hoje, ou seja, garantiu-se e garante-se o acesso das classes populares ao ensino e ao mesmo tempo as limita quanto a uma formação educacional mais ampla, consistente e qualificada.[5] Nessa "inclusão perversa", também chamada de "democratização quantitativa", muitas transformações e permanências ocorreram nos espaços geográficos escolares.

---

[2] Ancorada nas Forças Armadas, a ditadura civil militar foi sabidamente apoiada por setores da sociedade civil, principalmente empresários, banqueiros e latifundiários.

[3] Durante a ditadura civil militar no Brasil, período de vigência da Guerra Fria, foi assinado um acordo entre o Ministério da Educação e Cultura do Brasil (MEC) e a United States Agency for International Development dos Estados Unidos (USAID). Essa foi uma ação dos EUA para transferir ao Brasil suas concepções de organização social, política e econômica, particularmente na área da educação, através de uma reforma no ensino. Um conjunto de convênios foram produzidos principalmente entre 1964 e 1968 que traçaram e determinaram os rumos do ensino nacional. Marcados pela ideologia do desenvolvimento e do desenvolvimentismo, esses convênios fortaleceram uma educação tecnicista com a valorização da formação técnica, ampliando a mão de obra nacional, com vistas a atender as necessidades do desenvolvimento capitalista. Segundo essa visão tecnicista, a educação é o pressuposto para o desenvolvimento econômico, bem como do desenvolvimento do indivíduo, que, ao estudar, estaria valorizando a si mesmo na mesma lógica em que se valoriza o capital.

[4] Termo usado por José de Souza Martins ao analisar processos de inclusão social, que preservam a situação de precariedade dos incluídos.

[5] Aqui, tratamos do Ensino Básico no Brasil. No Ensino Superior, tem-se processos diferenciados principalmente nos últimos 10 anos.

Diminuíram drasticamente os salários dos professores, proletarizando-os, e pioraram as condições de trabalho. Em muitas escolas, por exemplo, faltam bibliotecas, ventilação nas salas de aula em dias de forte calor, material didático e também retaguarda de funcionários que auxiliem professores e alunos no seu dia a dia.

Aumentou a violência contra professores. Levantamento feito pelo sindicato dos professores na rede estadual[6], revelou que a cada dois dias, um professor é agredido fisicamente por um aluno sendo que de janeiro de 2014 a abril de 2015, a Secretaria de Estado da Educação registrou 295 casos de violência contra docentes (uma ocorrência a cada 39 horas, em média). Isso sem contar as agressões não declaradas. Mais da metade dos casos de agressão ocorreu na região metropolitana de São Paulo. Nesse levantamento, feito em todas as cidades do estado de São Paulo, a APEOESP (Associação de Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo) destacou as dez cidades onde os casos de agressão a professores é mais incidente (vide Tabela 1).

Tabela 1

Cidades com mais casos de agressão a professores (Jan. de 2014 a abr. de 2015)		
1º	São Paulo	26
2º	Guarulhos	11
3º	Mauá	11
4º	Santo André	9
5º	São Bernardo do Campo	7
6º	Itapevi	6
7º	Mogi das Cruzes	5
8º	Arujá	4
9º	Itaquaquecetuba	4
10º	Osasco	4
Fonte: Secretaria de Estado da Educação		

[6] http://www.apeoesp.org.br/noticias/noticias/a-cada-2-dias-um-professor-e-agredido-por-aluno-em-escolas-estaduais/ 09/07/2015

Também esse crescimento da violência na escola pública se deu ao mesmo tempo em que cresceu o uso da educação como objeto de lucro, ou seja, como uma mercadoria, o que fez com que grandes grupos econômicos avançassem nesse quinhão altamente lucrativo à sua disposição**.** A Kroton Educacional[7] já é a maior empresa do setor educacional no Brasil e no mundo. Nesse caso, constata-se uma influência cada vez maior do capital transnacional, em que empresas internacionais estendem seu poder sobre os mais diversificados espaços geográficos do planeta, ordenando o espaço territorial urbano, derrubando limites territoriais em busca da manutenção e do aumento das taxas de lucro em diferentes setores da economia, como nesse caso, a educação. Portanto, quanto maior o número de escolas privadas maior será o provável lucro da empresa. Em defesa desses interesses mercantis e propondo saídas para a atual crise econômica brasileira, *o Jornal O Globo,* com o título "Crise força o fim do injusto ensino superior gratuito", em editorial [8], escreve:

> Para combater uma crise nunca vista, necessita-se de ideias nunca aplicadas. Neste sentido, por que não aproveitar para acabar com o ensino superior gratuito, também um mecanismo de injustiça social? Pagará quem puder, receberá bolsa quem não tiver condições para tal. Funciona assim, e bem, no ensino privado. E em países avançados, com muito mais centros de excelência universitária que o Brasil.

Esse editorial propõe um aumento da exclusão educacional no país, pois uma crescente privatização do ensino no país é, na prática, uma crescente exclusão de grande parte da população ao seu acesso, uma vez que o Brasil é um dos países mais desiguais socialmente do mundo, ou seja, poucos têm muitos rendimentos econômicos e muitos não tem nada. Com um discurso de se fazer justiça social esse editorial defende a abertura do setor educacional brasileiro ao mercado de capitais. Essa lógica mercantil também avança sobre o ensino básico brasileiro.

Permaneceram, em muitas escolas públicas de ensino básico, seus prédios de inegável beleza arquitetônica, vários espaços amplos para atividades

[7] Kroton Educacional foi o nome dado à empresa criada com a abertura de capital grupo educacional Pitágoras na BM&F Bovespa, em 2007.

[8] http://oglobo.globo.com/opiniao/crise-forca-fim-do-injusto-ensino-superior-gratuito-19768461, acessado em 28/07/2016

pedagógicas, mesmo em regiões valorizadas das cidades. Também permaneceu e cresceu a concepção da educação como processo de ascensão social tendo em vista que o mercado requer cada vez mais trabalhadores com uma base mínima de escolarização.

Com a abertura da economia brasileira, no início dos anos 90 e, portanto, com o aumento da concorrência entre empresas, houve um aumento da demanda por parte das empresas, de funcionários com maior escolaridade. Com as empresas precisando de maior competência, a empregabilidade seria melhor para quem possuisse maior escolaridade. Assim, a renda das famílias seria determinada pelo que elas investissem em educação. Portanto, muitas das expectativas familiares foram depositadas nas escolas, muito além do que elas podem dar conta. Segundo CORTELLA[9]:

> A escola foi soterrada nos últimos 30 anos com uma série de ocupações que ela não dá conta - e não dará. Em uma sociedade em que os adultos passaram a se ausentar da convivência com as crianças, seja por conta do excesso de trabalho, da distância nas megalópoles ou da falta de paciência para conviver com aqueles que têm menos idade, a escola ficou soterrada de tarefas. As famílias confundem escolarização com educação. É preciso lembrar que a escolarização é apenas uma parte da educação. Educar é tarefa da família. Muitas vezes, o casal não consegue, com o tempo de que dispõe, formar seus filhos e passa a tarefa ao professor, responsável por uma classe de 35 ou 40 alunos, tendo de lidar com educação artística, religiosa, ecológica, sexual, para o trânsito, contra a droga, português, matemática, história, biologia, língua estrangeira moderna, etc, etc, etc. A escola passou a ser vista como um espaço de salvação.

Esse espaço de salvação em que a escola se transformou é onde as famílias procuram abrigo e respostas para os questionamentos e ansiedades de seus filhos. Ele foi ampliado física e socialmente, tornando-se um lugar de encontro das diferenças tendo em vista a diversidade de origens sociais das suas

[9] http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,cortella-a-escola-passou-a-ser-vista-como-um-espaco-de-salvacao,1168058, acessado em 18/05/2014.

comunidades.[10] Nesse sentido, a comunidade escolar ficou, e ainda continua, mais complexa e conflitiva.

Vivemos em uma sociedade em que não se tem tempo para os filhos porque geralmente a pressão do mercado de trabalho rouba o tempo necessário à dedicação aos filhos. Quem tem um maior poder aquisitivo paga pelo ensino em escolas de elite, preenche o tempo do filho com diversas atividades que vão do ensino de línguas ao dos esportes[11]. Assim, para os pais, o tempo se reproduz em função da inserção futura no mercado de trabalho para os filhos. Poderemos questionar se essa educação é a necessária hoje, em tempos tão cinzentos, de violência e desumanização das pessoas. A violência social não seria também consequência dessa desumanização das escolas?

Para as classes mais populares a escola também é tida como um espaço de salvação. Devido ao baixo nível de formação escolar das gerações mais antigas no Brasil e à crescente inclusão dos seus jovens filhos na escola, choca-se na casa dessas famílias dois mundos: uma geração em contato com novos saberes e outra com os saberes da vida não letrada. Existe aí uma impossibilidade real de acompanhamento escolar dos filhos. Por outro lado, a escola geralmente não leva em consideração a bagagem cultural que as crianças trazem. Elas têm o sentido de concreto mais aguçado, sabem mais das coisas práticas da vida, o que não é valorizado e isso muitas vezes se manifesta em forma de conflitos.

Essa falta de tempo e condições de se dedicar aos filhos, faz com que as classes populares esperem que o Estado cumpra essa função. Nas classes mais abastadas, essa insuficiência de tempo é suprida com o pagamento para que outros façam o que não são capazes. Nesses dois casos, existe uma espécie de terceirização da criação dos filhos.

---

[10] Houve necessidade de ampliação dos espaços físicos escolares. Cabe ressaltar que essa expansão do número de escolas incluiu, na cidade de São Paulo, as chamadas escolas de lata, ou seja, estruturas metálicas pré-fabricadas usadas como salas de aula. Em dias de verão, o calor irradiado pelo sol tornava, e ainda torna, o ambiente escolar quase insuportável.

[11] Cabe ressaltar que existem muitas diferenciações entres as escolas privadas. Elas também crescem inclusive nas regiões periféricas, com populações menos solventes, muitas vezes com qualidade de ensino inferior a muitas escolas públicas.

Poderíamos dizer que essas novas gerações estão se formando, em sua maioria, como se fossem gerações de órfãos de pais vivos? Isso é bem provável. E as escolas, públicas ou privadas, enfrentam conflitos advindos dessa realidade social.

Sendo assim, ao abrir mão da educação dos filhos, as famílias contribuem em muito para o atual ambiente violento em que incontáveis escolas se encontram. Ainda segundo CORTELLA[12]:

> Nunca tivemos tanta agressividade dos alunos contra os docentes. Parte das crianças fica sozinha, come se quiser, vai de perua para a escola e quase não encontra adultos. Se é de classe média, o único adulto que ela encontra é a empregada, para quem ela dá ordem. Não há uma estrutura da disciplina. O primeiro adulto que ela encontra no dia é o professor, que pergunta cadê o uniforme, você fez a tarefa, guarde o celular. Claro que nessa hora a criança vem para cima. É uma geração que confunde desejos com direitos. É preciso uma educação que seja mais firme, mas isso exige tempo, e tempo é questão de prioridade.[13]

Essa situação social em que se encontra milhões de alunos, além de potencializar a violência escolar, favorece o aumento de ansiedades tendo em vista que o mundo fora dos muros da escola parece muito mais atraente.

Os estudantes do século XXI parecem não caber numa estrutura escolar do século XIX, baseada em giz e lousa, com professores formados no século XX. Essa situação de desencontro e descontentamento muitas vezes se manifesta na forma de pichações e depredação nas escolas.

Também permaneceu no espaço geográfico escolar, quase como para nos lembrar sempre, sua semelhança com as prisões: grades, sirenes, muros, portões, salas como celas, longos corredores, professores como carcereiros,

[12] http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,cortella-a-escola-passou-a-ser-vista-como-um-espaco-de-salvacao,1168058, acessado em 18/05/2014.

[13] www.estado.com.br, acessado em 17/05/2014. Entrevista do professor Mário Sergio Cortella ao jornal O Estado de São Paulo sob o título " A escola passou a ser vista como um espaço de salvação".

mentes que parecem não possuír corpos, grandes pátios fechados, inspetores de alunos como se fossem policiais.

Figura 2 - Depredação na Escola Alfa. Foto do autor. 2015.

Isso lembra igualmente as fábricas com as suas linhas de montagem onde a educação também se insere no processo mais amplo da divisão social do trabalho.

A Escola também lembra a fábrica e a fábrica lembra a Escola. Analisando a gênese das atuais escolas na Europa do século XVIII, ENGUITA (1989:113 e 114), escreve:

> Mas a proliferação da indústria iria exigir um novo tipo de trabalhador. Já não bastava que fosse piedoso e resignado, embora isto continuasse sendo conveniente e necessário. A partir de agora , devia aceitar trabalhar para outro e fazê-lo nas condições que este outro lhe impusesse.

Esse autor lembra a necessidade do uso da escola para esse novo momento histórico. Não que as escolas tivessem sido criadas necessariamente com este propósito, nem que já não pudessem ou fossem deixar de cumprir funções:

simplesmente estavam ali e se podia tirar bom proveito delas. Essas escolas estimulariam o "hábito da laboriosidade", da obediência e da ordem. Ele também destaca o discurso das escolas, nos Estados Unidos, no século XIX, voltado essencialmente ao trabalho onde a preocupação primordial era habituar os recém chegados imigrantes à pontualidade e à regularidade - um sentido de tempo capitalista e industrial.

Assim podemos entender, em parte, a gênese do que nos dias de hoje, faz com que a pressão dos poderes constituídos vá no sentido de reduzir cada vez mais estudos, pesquisas e disciplinas que promovam o questionamento do mundo tal como ele se apresenta e priorizar cada vez mais cursos técnico-instrumentais. E isso dentro de espaços confinados, ou seja, espaços fechados, geralmente cercados por muros providos de portões com cadeados que limitam a liberdade, internamente, de ir e vir. A crítica a esses espaços confinados, estava expressa em cartaz afixado na Praça da República (Figura 2), sede da Secretaria Estadual da Educação, durante a greve dos professores em 2015.

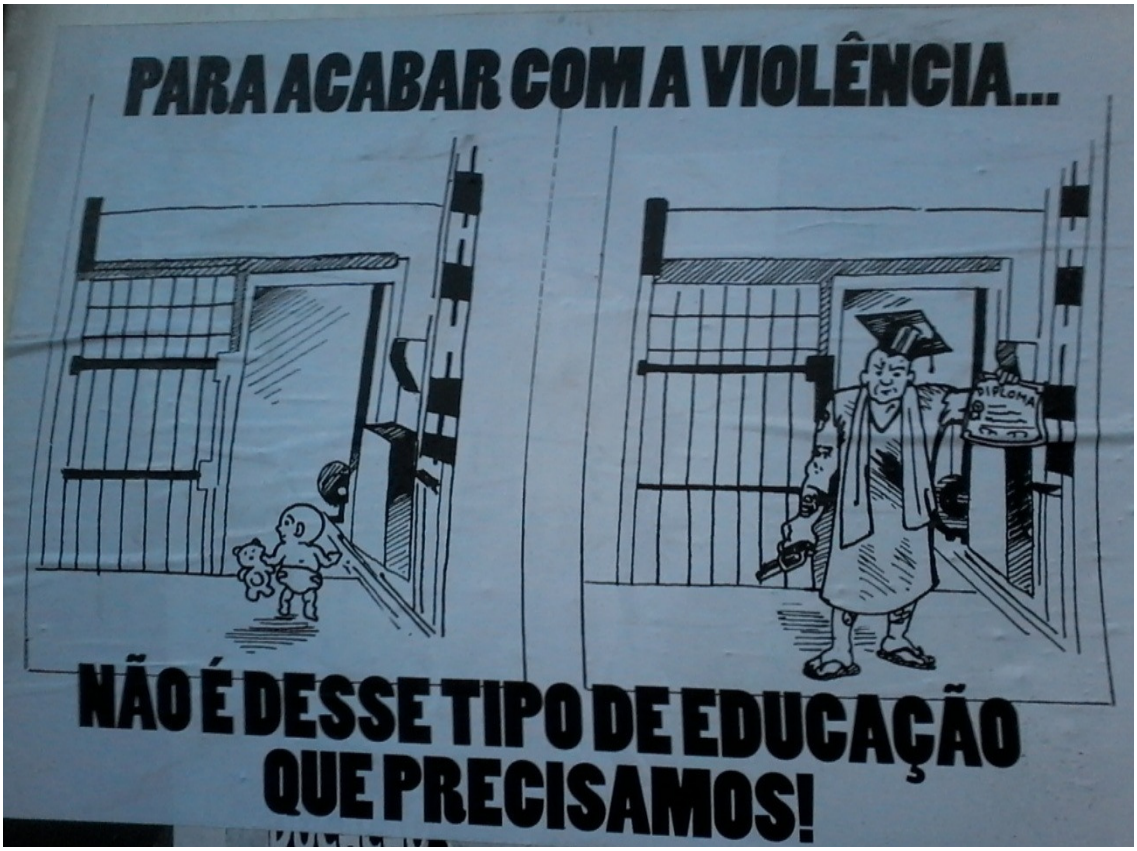


Figura 3 - Cartaz colado em parede na Praça da República, no centro da cidade de São Paulo, durante a greve dos professores em junho de 2015.

Nele se questiona: Para acabar com a violência dentro das escolas é necessário confinar o espaço escolar? A escola é parte indissociável do corpo social e, sendo assim, não seria com a interação entre escola e sociedade como o todo que acharíamos respostas para os seus principais dilemas, ou não? A Escola não pode ser um depósito de crianças e sim um lugar também lúdico onde se possa desenvolver potencialidades humanas. É possível criar ambientes nas escolas em que estudantes e professores sintam prazer em frequentá-los, com diálogo e atividades educativas e culturais que os integrem à comunidade como um todo, ou seja, uma escola mais inclusiva, democrática.

Sobre isso, questionando o que é a escola pública atualmente, Gabriel Bichir[14] corrobora essa ideia de confinamento em que a Escola Pública se transformou quando escreve:

> Ora, essa simples interrogação já nos leva a uma constatação central: a escola não é o que esperaríamos dela. Não um local de formação, de amadurecimento e reflexão crítica, mas um depositório. Após o processo de democratização do país, muitas iniciativas foram propostas para se reconstruir a escola pública: era um momento de massificação do acesso. A ideia era usar a escola para tirar o jovem da rua, possibilitar a todos alfabetização e evitar o máximo possível a evasão. Essa fórmula teve seu mérito e cumpriu sua função durante certo período, mas o problema é que ela eventualmente cristalizou-se e recaiu em seu contrário. Se o objetivo inicial era encher as salas de aula e oferecer ensino de qualidade, depois de alguns anos a lógica inverteu-se e a escola tornou-se propriamente um depositório de crianças, ou seja, mera alternativa (fictícia e deficitária) à rua.

Aqui cabe um questionamento, como transformar essa cultura das ruas que se manifesta nas escolas em formação cidadã? Qual o lugar da rua e o lugar da escola, na vida cotidiana ? O que elas têm em comum? O que as difere? A escola transformou-se numa rua confinada? Fazendo uma analogia, a sala de aula, onde se encontram e se chocam o descontentamento de professores de um lado e de

[14] http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Primeiros-Passos/Pensar-a-escola-publica-e-reabilitar-vinculo-critico-fundamental-entre-teoria-e-pratica/42/30882http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Primeiros-Passos/Pensar-a-escola-publica-e-reabilitar-vinculo-critico-fundamental-entre-teoria-e-pratica/42/30882 , acessado em 20/12/2015.

estudantes do outro lado, seria a casa opressora do aluno, e o pátio da escola, a rua, o lugar da liberdade. Assim poderíamos dizer que temos lugares de conflito e conflitos entre os agentes dos diferentes lugares.

Uma importante demonstração de confinamento, principalmente nas escolas públicas na região metropolitana de São Paulo, constatamos quando lemos REZENDE E FERREIRA (2008:7):

> O panorama que vislumbramos nas escolas públicas da capital de São Paulo é o seguinte: a maioria das saídas dos alunos é para os parques de diversões, com o intuito mais recreativo do que cultural. São poucas as saídas dos alunos da escola pública, que visam aproveitar os equipamentos culturais que a metrópole oferece. Dentre os espaços culturais que a cidade e região metropolitana oferecem poderemos citar: o centro histórico, museus, igrejas, estação ciência, os planetários, aquários, orquidários, réplica de castelos, passeios de bonde, carruagens, parque municipais, cinemateca, pinacoteca, bibliotecas temáticas, centros culturais, casas de cultura, teatros municipais e estaduais, vila inglesa, vilas operárias, escolas de samba, cemitérios, entre outros. Somente na Cidade Universitária (USP) é possível encontrar nove museus! Fato desconcertante é perceber que a maioria das visitações é feita por alunos de escolas particulares.

Existem programas na Secretaria da Educação do Estado de São Paulo que promovem a articulação escola/espaços de aprendizagem (escolas, teatro, etc.), porém são pouco utilizados e sempre esbarramos em processos pouco ágeis, burocráticos, no sentido de sua massificação. São também excessivamente verticalizados, ou seja, a gestão dessas atividades, e dos meios de efetivá-las, raramente são feitas diretamente pelas escolas. Aqui constatamos concretamente a necessidade, cada vez maior, de autonomia das escolas, ou seja, delas poderem gerir autonomamente verbas essenciais ao ensino-aprendizado. Além disso, podemos destacar algumas dificuldades que se enfrenta tais como a dificuldade de transporte e alimentação dos alunos. Mesmo planejando-se atividades em museus para finais de semana, as dificuldades persistem. As programações dos museus são mal divulgadas e aquelas situadas na Cidade Universitária (Campus Butantã), por exemplo, são quase impeditivas já que a cidade universitária, no caso citada, é fechada à

população em geral aos finais de semana sob o argumento de se evitar a violência urbana. Ao ver a guarita e os seguranças armados impedindo a passagem, poucos se atrevem a perguntar se podem ir aos museus. Desse modo, graças a processos excessivamente verticalizados da gestão dessas atividades, que raramente são feitas diretamente pelas escolas, e dos meios de efetivá-las, torna-se muito difícil a realização dessas atividades. Faltam recursos financeiros e autonomia às escolas.

Sendo assim, reforçam-se as atividades intramuros da escola. Segundo o geógrafo Ricardo Hirata Ferreira, em um artigo intitulado *Estado, educação e espaço escolar*[15], o período em que vivemos é permeado pela vigilância e pelo controle.

> De certa forma ainda levando em consideração as análises de Foucault: presídios, escolas e hospitais psiquiátricos são acentuadamente espaços de cárcere e tendem a ser, mais ou menos, verdadeiros depósitos de gente. Lugares de confinamento para manter-se a ordem e o funcionamento da sociedade que não necessita da participação de toda a população. Uma grande parte dela é esvaziada de humanidade e por isso mesmo tem sido eliminada ao longo da história. Da mesma maneira que países inteiros e regiões que foram exploradas no passado não têm quase nenhuma importância para o mundo do capital.
>
> No caso dos espaços escolares, estes se transformaram muito mais em espaços-cárceres, onde o sistema de vigilância é acentuado. O controle é exercido sobre os indivíduos e pelos próprios indivíduos, por exemplo, através de constantes procedimentos de avaliações. O conteúdo a ser trabalhado é determinado de cima para baixo de forma homogênea e deslocada propositadamente da realidade para não fazer sentido aos alunos e as alunas. A escola é cercada de muros, todos os portões e todas as portas, externas e internas, são fechadas e/ou trancadas. Grades, correntes, cadeados e chaves compõem o cenário da paisagem escolar. O som da sirene alerta a hora permitida de entrar e sair da sala de aula.

[15] http://www.debatesculturais.com.br/estado-educacao-e-espaco-escolar/acessado em 18/09/2016.

Para ele, esse processo de catequização dos corpos e mentes serve à reprodução do *status quo,* em que a educação se vincula a um projeto maior de hierarquização dos indivíduos: aqueles que vão comandar; aqueles que vão servir e aqueles que podem ser descartados.

Esse confinamento escolar, geralmente gerido por normas elaboradas distantes das comunidades escolares, gera cotidianamente e inevitavelmente conflitos e confrontos. Chocam-se, nesse contexto, projetos governamentais que satisfazem interesses do mercado capitalista e a aspiração, sentida pela comunidade escolar, de uma escola mais democrática. Essa realidade, potencialmente explosiva, é mais contundente principalmente em grandes metrópoles onde o difícil desafio do convívio com as diferenças pode apontar caminhos novos e libertários ou encerrar-se em tragédias cotidianas.

Por que esses espaços geográficos de confinamento parecem avessos às inovações? Como a já referida "democratização quantitativa" pode transbordar-se em qualidade? Que caminhos seguir? Essas questões serão abordadas com possíveis soluções ao longo dessa pesquisa. Nela, tentarei demonstrar que essa "inclusão perversa" mais encurrala estudantes do que educa a começar pelo confinamento destes no espaço escolar.

Nesse sentido temos a seguinte hipótese: a existência de salas ambiente se apresenta como possibilidade de distensão nesse espaço de confinamento, ou seja, pode possibilitar uma ampliação dos horizontes de aprendizado em que, literalmente, o corpo discente, enquanto conjunto de corpos e mentes, pode apropriar-se mais amplamente do ambiente escolar como um todo, facilitando o ensino-aprendizagem.

No entanto, antes de definirmos e estudarmos as salas ambiente propriamente ditas, uma questão metodológica se impõe: como estudá-las estando imerso nesse objeto de estudo? Disto trataremos no capítulo seguinte.

2- Metodologia: Combinando proximidade e afastamento do objeto de estudo

Na busca de caminhos para uma educação de qualidade, também observamos em inúmeras pesquisas e estudos que não se questiona a Escola enquanto instituição. Talvez esse seja o bloqueio que dificulta reflexões sobre a estruturação física das escolas, como salas ambiente, por exemplo. Parece existir em nossa sociedade discursos que se colocam como barreiras que agem no sentido de silenciar qualquer contestação da estrutura escolar vigente tal como ela se apresenta. Parece que estamos presos a um conceito absoluto de educação visto como única maneira de conseguirmos viver em sociedade. Segundo Camargo, não se questiona a Escola do ponto de vista institucional e sim se procura a todo o momento colocá-la no eixo CAMARGO(2012:77). Será que o questionamento da Escola enquanto instituição não nos traria também elementos para o entendimento da atual crise do sistema da educação básica no Brasil? Até que ponto as relações de poder aí estabelecidas se colocam como obstáculo a uma educação pública de qualidade? Afirma FOUCAULT (1998:141) que:

> De uma maneira geral, os mecanismos de poder nunca foram muito estudados na história. Estudaram-se as pessoas que detiveram o poder.

Torna-se necessário aprofundar o estudo dos mecanismos de poder que se manifestam no cotidiano escolar e seus desdobramentos práticos. Esses mecanismos são os que, na prática, garantem a permanência de estruturas arcaicas nas escolas. Muito se fala da escola pública e de sua persistente crise. De muitos ângulos essa crise tem sido abordada, muitas vezes pelo viés da falta de verbas, que é real, mas que toma, nessas análises, muitas vezes, um lugar determinante. Aqui cabem perguntas. Verbas para quê? De que formas serão geridas e quem as controla? Existe transparência na sua prestação de contas? Serão usadas para que projetos? Diversas são as perspectivas de análise dos fenômenos escolares. Segundo PENIN (2011:38), duas formas de análise se destacam:

> A primeira via, a mais privilegiada pelos investigadores que optam pela abordagem totalizadora, caracteriza-se por analisar a escola a partir de um ponto de vista macrossocial, ou seja, que procura estabelecer explicações abrangentes sobre a escola e seu papel. Nestas explicações, a escola é entendida ou como "instituição" (conceito herdado das investigações de cunho positivista) ou como "aparelho de Estado" (conceito herdado das explicações "crítico-reprodutivistas" da escola).
> Outra via, indicada para procurar a natureza do estrutural, formal ou funcional de determinados fenômenos, tem sido a análise destes a partir de um ponto de vista microssocial, ou seja, das pessoas e de suas relações sociais.

Essa abordagem a partir das pessoas e das suas relações sociais, ou seja, da análise do cotidiano, do vivido, da subjetividade fugaz, das emoções, dos afetos, dos hábitos e do comportamento, inicialmente me parece a mais adequada para essa pesquisa. Ao mesmo tempo, considero necessária a análise mais geral das estruturas institucionais em que a Escola se insere, ou seja, do espaço concebido.

O que podemos refletir a partir das práticas existentes dentro desses espaços escolares? Qual a contribuição que a geografia pode oferecer para esses estudos? Por meio de descrições, observações, comparações e análises desses espaços escolares poderemos contribuir.

Para nós, escrever sobre experiências vividas na escola pública tem o intuito de contribuir para reflexões sobre o ensino-aprendizagem e, portanto, reflexões sobre a qualidade do ensino público. Também vai ao sentido de combater a amnésia que se abate sobre as mais diversas experiências pedagógicas vividas em nossas escolas públicas, no passado e no presente. Conhecer as suas vivências cotidianas se faz necessário, ou seja, saber quem é o aluno e os professores que vivenciam o espaço escolar, quais suas aspirações, quais os principais obstáculos a um melhor ensino aprendizado.

Existe um elemento a mais quando se pesquisa a partir de práticas escolares concretas, pois segundo PENIN (1995:7):

> Na escola, o professor é envolvido não só por essa cultura geral, mas também é exposto ao que podemos chamar de *cultura escolar*. De fato, a escola cria ou produz ela própria um saber específico, a partir, de um lado, da confrontação ante os conhecimentos sistematizados disponíveis na cultura geral, e, de outro, daqueles menos elaborados, provenientes tanto da "lógica" institucional quanto das características da profissão, como ainda na vida cotidiana escolar.

É inevitável que professores não sejam mergulhados dentro dessa cultura escolar no seu dia a dia. Nela, manifestam-se dilemas humanos, questionamentos de como se produzir conhecimento e de como formar indivíduos críticos. Na vida cotidiana escolar manifestam-se também projetos que visam a mercantilização da escola, gerando conflitos.

Dentre tantos conflitos, destacamos as recorrentes greves de docentes por melhores condições de ensino.

Figura 4 - Concentração de professores em frente ao Estádio do Cícero Pompeu de Toledo (o Morumbi), próximo ao Palácio dos Bandeirantes, sede do governo do Estado de São Paulo, durante a greve dos professores em 2015. Foto do autor.

Em geral, apesar de todo movimento dos professores, as reivindicações não são atendidas. Nesse sentido, as diretrizes do Banco Mundial[16], para a América Latina e Caribe, recomendam profundas alterações nas relações de trabalho do magistério e posturas de enfrentamento com sindicatos. Sobre isso BRUNS e LUQUE (2014: 40, 42, 48) afirmam que professores devem ser estimulados por meio de recompensas profissionais (dentre elas, citam reconhecimento e prestígio), pressão por responsabilidade e incentivos financeiros. Defendem políticas salariais baseadas na meritocracia e a avaliação dos professores por desempenho. Também afirmam que:

> As estratégias para fortalecer a responsabilidade incluem medidas *para reduzir ou eliminar a estabilidade no emprego, aumentar a supervisão e capacitar os clientes (pais e alunos)* a monitorar ou avaliar os professores.

A implementação dessas políticas implica em enfrentamentos com os sindicatos. Para enfrentar as resistências, BRUNS e LUQUE sugerem que os líderes políticos envolvam as mídias nos projetos de reformas da educação:

> Em uma época em que a mídia de massa proporciona aos líderes políticos um canal direto de comunicação com até os mais distantes e rurais de seus cidadãos, uma das fontes mais antigas de poder dos sindicatos - a capacidade de mobilizar seus membros para campanha política de base em larga escala - podem ser de pouca utilidade.

Apesar das péssimas condições de trabalho e da precariedade de suas instalações, as mídias brasileiras, em geral, têm estado ao lado dos governantes na implementação de projetos que debilitam mais o ensino aprendizagem no país.

O esquema representado na Figura 05, baseado num tripé: recompensas profissionais, incentivos financeiros e pressão por responsabilidade revela

[16] O Banco Mundial surgiu da Conferência de Bretton Woods (1944) para atender às necessidades de financiamento da reconstrução dos países devastados pela Segunda Guerra Mundial. Ele fornece empréstimos financeiros para países em desenvolvimento.É composto pelo Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD) e pela Associação Internacional de Desenvolvimento (AID). Com o passar do tempo, mudou o seu foco de atuação para os países em desenvolvimento e tornou-se referência importante por suas análises e experimentos relacionados ao processo de desenvolvimento, tendo destacada atuação na área da educação. A sua estrutura organizacional assemelha-se à do Fundo Monetário Internacional (FMI).

algumas estratégias propostas pelo Banco Mundial para a Educação na América Latina, em que a racionalidade do mercado capitalista se manifesta ao se referir aos estudantes como clientes, sugerir um feedback gerencial como nas empresas e utilizar o reconhecimento e prestígio para destacar o individual sobre o coletivo. Também revela uma concepção da formação discente enquanto capital humano, centrada nos prováveis benefícios econômicos que seriam gerados por investimentos capitalistas e expressa uma concepção de educação enquanto mercadoria a ser exposta no mercado.

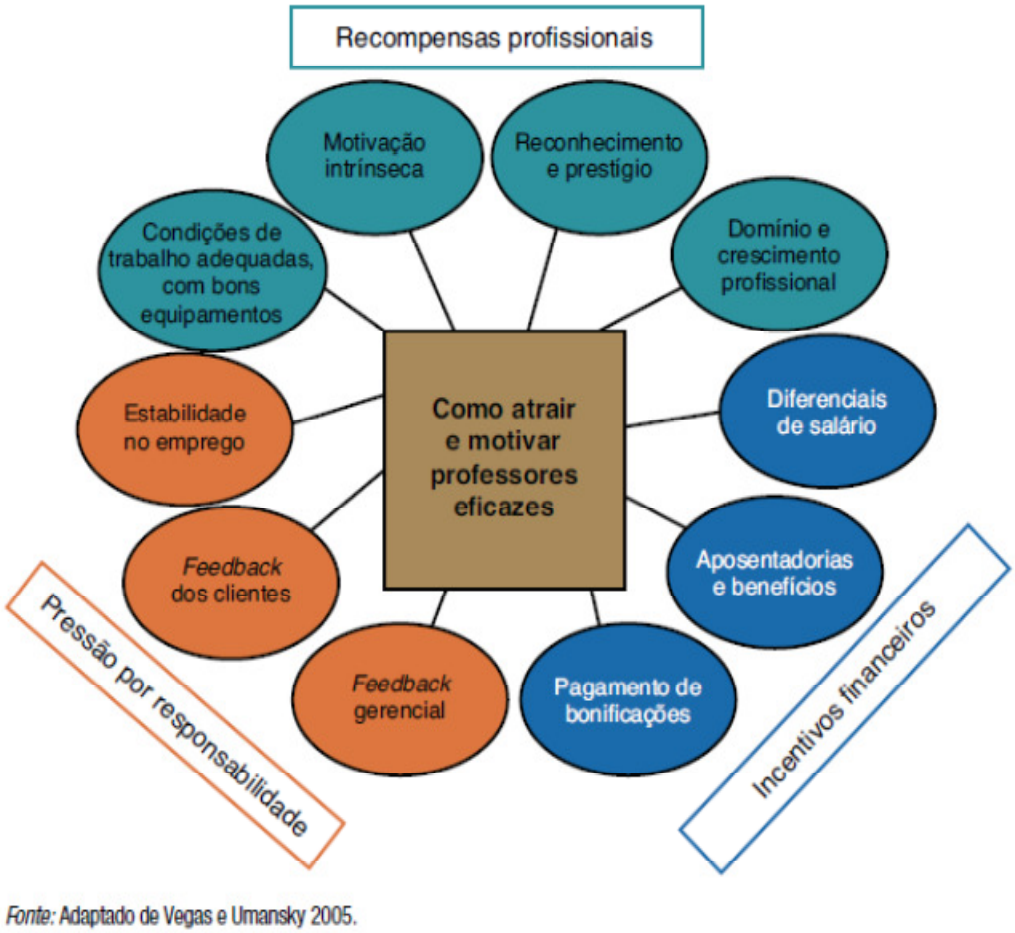


Figura 05 - Três classes amplas de incentivos motivam os professores. (BRUNS e LUQUE(2014:41).

Essa mercantilização da educação tende ainda mais a ser impulsionada com o recente golpe parlamentar ocorrido no Brasil em 31 de agosto de 2016[17]. O novo governo sinaliza no sentido de avanço do capital sobre a Educação com significativas mudanças nas relações de trabalho dos professores. Propostas de Emenda Constitucional e Projeto de Lei Complementar aumentam a idade mínima para a aposentadoria de professores; estabelecem o fim da aposentadoria integral; desvinculam os benefícios previdenciários do PIB; e aumentam a alíquota de contribuição dos servidores para o sistema previdenciário de 11% para 14%. Além disso, o governo Michel Temer propõe arrochar mais os salários dos servidores públicos e precarizar ainda mais os equipamentos escolares quando envia para o congresso medidas legais que limitam despesas com educação. O documento público que expressa as diretrizes desse novo governo chamado de "Uma Ponte para o Futuro"[18] defende que:

> é necessário em primeiro lugar acabar com as vinculações constitucionais estabelecidas, como no caso dos gastos com saúde e educação.

Sobre a Previdência Social afirma:

> Preservando os direitos adquiridos e tratando com respeito as expectativas de quem ainda está no mercado de trabalho e já se aproxima do acesso ao benefício, é preciso introduzir, mesmo que progressivamente, uma idade mínima que não seja inferior a 65 anos para os homens e 60 para as mulheres, com previsão de nova escalada futura dependendo dos dados demográficos.

Nesse momento, as resistências sindicais a essas propostas são expressivas. Entidades ligada à Educação, como a APEOESP (Sindicato dos Professores

[17] A recente fase de democratização da sociedade brasileira foi interrompida por ações no Congresso Nacional promovida por banqueiros, latifundiários, industriais e mídia nacional. Representantes desses setores, defendendo medidas baseadas no neoliberalismo, promoveram a remoção, sem crime de responsabilidade, de uma presidente eleita com 54.501.118 de votos. A motivação alegada para tal foi o cometimento de crime de responsabilidade na gestão de finanças do país o que não foi processualmente confirmado. Por 61 votos a 20 a presidenta Dilma Rousseff foi destituída por processo de impeachment.

[18] http://pmdb.org.br/wp-content/uploads/2015/10/RELEASE-TEMER_A4-28.10.15-Online.pdf, acessado em 19/09/2016.

do Ensino Oficial do Estado de São Paulo) reagem a essas propostas tendo em vista o forte impacto que terão na qualidade do ensino. A Proposta de Emenda Constitucional, número 241, e o Projeto de Lei Complementar número 257 precarizam ainda mais os serviços públicos. (Anexo 1).

Também a Medida Provisória número 746 de 22 de setembro de 2016, encaminhada ao Congresso Nacional institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral e altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação). Essa Medida Provisória limita o ensino das ciências humanas, aumenta a carga horária no Ensino Médio estimulando a formação de escolas em tempo integral, além de introduzir disciplinas ligadas ao aprendizado técnico. O fim do ensino de disciplinas tais como Educação Física, Artes, Sociologia e Filosofia são os primeiros passos desse projeto. Em comunicado do ministro da Educação (Anexo 2)[19] ao presidente da República, ele justifica a exclusão dessas disciplinas dizendo que o baixo desempenho e a evasão dos alunos do ensino médio no Brasil se deve às disciplinas que não dialogam com o mundo do trabalho:

> Isso é reflexo de um modelo prejudicial que não favorece a aprendizagem e induz os estudantes a não desenvolverem suas habilidades e competências, pois são forçados a cursar, no mínimo, treze disciplinas obrigatórias que não são alinhadas ao mundo do trabalho, situação esta que, aliada a diversas outras medidas, esta proposta visa corrigir, sendo notória, portanto, a relevância da alteração legislativa.

E mais à frente reafirma que essa reforma está de acordo com as orientações do Banco Mundial:

> Um novo modelo de ensino médio oferecerá, além das opções de aprofundamento nas áreas do conhecimento, cursos de qualificação, estágio e ensino técnico profissional de acordo com as disponibilidades de cada sistema de ensino, o que alinha as premissas da presente proposta às recomendações do Banco Mundial e do Fundo das Nações Unidas para Infância – Unicef.

[19] sf-sistema-sedol2-id-documento-composto-58261.pdf, acessado em 24/09/2016.

Podemos verificar que essa Medida Provisória vai ao sentido de formação de mão de obra com o mínimo de qualificação e com baixo valor de mercado; uso das unidades escolares como forma de impedir que jovens e crianças fiquem nas ruas, sem se preocupar com as condições concretas de precariedade em que se encontram as escolas, implantando o ensino integral; e de finalmente dificultar a formação de um aluno crítico que possa entender o seu lugar no mundo e o mundo do seu lugar. O provável é que no futuro novas pesquisas revelem toda a gravidade desse momento que atravessamos

Estar "imerso" nesse mar de acontecimentos e movimentos ao mesmo tempo em que facilita as nossas análises do nosso objeto de estudo também dificulta as trilhas de uma pesquisa, considerando que é sempre necessário distanciar-se desse objeto para melhor compreendê-lo e analisá-lo.

Nessa tese, procuramos estudar os mecanismos de poder que se manifestam no cotidiano escolar e seus desdobramentos práticos que garantem a permanência de estruturas arcaicas nas escolas. Nesse sentido, a implantação de salas ambiente se torna uma estratégia pedagógica necessária e inovadora. Fazemos uma abordagem a partir das pessoas, dos projetos concebidos na escola, da sua vida cotidiana, dos afetos, dos hábitos e do comportamento sem deixar de lado a análise mais geral das estruturas institucionais em que a Escola se insere. Para realizar essa pesquisa tornou-se impossível deixar de contextualizar o urbano, o ambiente escolar, o confinamento a que estudantes são submetidos e a sociedade de consumo.

Para a realização dessa pesquisa, além da bibliografia, foram feitas entrevistas, estudos comparativos, questionários, registros em fotos como também estudos de caso de outras escolas relacionadas à prática de salas ambiente.

3 - O urbano, o ambiente escolar, o confinamento e o apelo ao consumo

Torna-se necessário para nossas análises contextualizar o ambiente da escola referência para a nossa pesquisa, a sociedade urbana em que está inserida com as suas diversas formas de segregação, confinamento e de consumo. Segundo LEFEBVRE (2004: 89):

> A grande cidade consagra a desigualdade. Entre a ordem dificilmente suportável e o caos sempre ameaçador, o poder, qualquer que seja – o poder do Estado – sempre se escolherá a ordem. A grande cidade só tem um problema: o número. No seu âmbito necessariamente se estabelece uma sociedade de massas, o que implica a coação sobre essas massas, portanto, a violência e a repressão permanentes.

E mais à frente afirma:

> A ordem urbana contém e dissimula uma desordem fundamental. A grande cidade não é apenas vícios, poluições, doenças (mental, moral, social). A alienação urbana envolve e perpetua todas as alienações. Nela, por ela, a segregação generaliza-se: por classe, bairro, profissão, idade, etnia, sexo. Multidão e solidão.

Crianças e adolescente vivem na metrópole paulistana essa realidade e agem sobre ela, principalmente na escola. Não vivemos tão somente nas nossas casas e/ou escolas. Vivemos na cidade, ou seja, nos seus mais diversos lugares de forma fugaz ou duradoura. Integramos uma sociedade urbana.

3.1- O ambiente escolar

O meu interesse em estudar o cotidiano escolar em um espaço de confinamento, e nele, as salas ambiente, surgiu a partir da minha experiência prática. Tomei como referência para essa pesquisa uma escola pública da região central de São Paulo que aqui chamo de Escola Alfa. Essa escola tem tradição de ensino-aprendizagem superior à média das escolas públicas paulistanas e desenvolve reflexões cotidianas importantes como ocorreu no Projeto: Semana Cultural: Arte e Reflexão realizada nos dias 16, 17 e 18 de

outubro de 2013 (Anexo 3). Teve como justificativa integrar a escola visando a formação cultural e cidadã do alunado por meio das artes como forma de combate à violência em suas varias formas de manifestações.

Nessa semana foi debatido com aproximadamente 300 alunos a relação entre o espaço público e o espaço privado, o consumo de drogas na sociedade e nas escolas, o porquê de se depredar escolas e finalmente qual o lugar do professor hoje e sua relação com os alunos.

Também se discutiu o como e por que da necessidade de conservar os equipamentos do espaço público uma vez que ele a nós pertence, ou seja, é fruto do trabalho de toda sociedade. É a tributação desse trabalho que possibilita a manutenção dos equipamentos públicos tais como salas, elevadores, carteiras, mesas de uma escola pública, por exemplo. Sendo assim, a depredação de uma escola é uma agressão a todos nós, ou seja, uma agressão ao fruto do nosso trabalho que foi tributado pelos governos. O conflito entre alunos e professores, também tratado nessa pesquisa, foi também objeto de debates.

Com relação ao uso de drogas na escola, exposições e palestras foram em direção ao entendimento da questão das drogas num sentido mais amplo como compostos químicos de uso médico, diagnósticos, terapêuticos ou preventivos; substâncias cujo uso pode levar à dependência; substâncias entorpecentes, alucinógenas, excitantes. Substâncias essas, cuja normatização é estabelecida de acordo com as tradições culturais de um povo. A produção e consumo de drogas equipara-se ao comércio mundial do petróleo e de armas: milhões estão envolvidos na produção, distribuição e consumo. Criam-se redes ilegais envolvendo produtores, consumidores, autoridades, forças policiais, aduaneiras e a lavagem de dinheiro é promovida.

A escola, enquanto espaço público, acaba se tornando bastante vulnerável ao consumo de drogas, dentre outros motivos poderemos destacar a escassez de outros espaços públicos para o uso popular e a limitada oferta pública de atividades culturais. Sendo assim, a escola se apresenta como um lugar seguro

para essa prática ilegal, pois acaba sendo um lugar de refúgio, de segurança em relação à repressão policial onde se pode encontrar amigos e se divertir.

Para se evitar o uso de drogas no espaço público escolar é necessário ressensibilizá-lo: construir relações mais solidárias, menos competitivas, menos individualistas e mais respeitosas para com o espaço individual e coletivo. Aliás, diversas têm sido as iniciativas, principalmente de professores, para que a Escola Alfa possibilite um melhor aprendizado aos seus alunos, articulando-as ao cotidiano. Em 2015, por exemplo, diante da necessidade de conscientização dos alunos com relação ao problema da escassez na distribuição de água, principalmente na região metropolitana de São Paulo, foi desenvolvido o projeto: Água: meio ambiente, sustentabilidade e cidadania (Anexo 4). Nesse projeto, foram desenvolvidas atividades pedagógicas interdisciplinares envolvendo quase todas as disciplinas. A participação dos professores não era obrigatória mas muitos se envolveram nessas atividades. Dentre as atividades desenvolvidas foram feitas redações sobre o tema, elaborados jornais e realizadas visitas a uma escola privada na região da Avenida Paulista para conhecer o projeto de coleta de resíduos sólidos.

Figura 6 - Visita de alunos da Escola Alfa à escola privada na região da Avenida Paulista em 2015. Foto do autor.

É claro que, junto a isso, os alunos também observaram diferenças e similaridades entre a escola pública e a escola privada. Essas diferenças e similaridades, foram debatidas, posteriormente, em sala de aula. Nesses debates foram observados, por exemplo, ricos aspectos que só a escola pública possibilita, tais como a sua diversidade étnica e cultural. Alguns alunos observaram que a diversidade étnica e cultural da escola pública é muito maior, ou seja, é composta por pessoas de todas as cores e origens econômicas e culturais. Nesse sentido, em geral, a escola privada é mais homogeneizada, ou seja, é composta por maioria de alunos pertencentes a único estrato social[20], majoritariamente de cor branca e com padrão superior de renda. Também observaram a inexpressiva presença de negros nessa escola privada.

Os estudantes também elaboraram uma maquete de uma cidade imaginária cujas atividades apresentavam baixo impacto ambiental. Ao final desse trabalho fizeram uma exposição artística criando charges, desenhos e montagens críticos à vida cotidiana nas cidades. Infelizmente não houve uma maior integração entre as disciplinas para análise da obra e estudos da cidade imaginária e da cidade real, uma vez que já estávamos quase entrando em férias quando foi concluída a maquete.

Figura 7 - Maquete elaborada por alunos, na Escola Alfa, como atividade interdisciplinar de projeto pedagógico.2015. Foto do autor.

[20] Escolas particulares como essa costumam oferecer bolsa de estudos aos filhos de seus funcionários e professores.

A escola Alfa possui amplos espaços que possibilitam ações como essa de instalações de maquetes, painéis, exposições, etc. Ela possui trinta e duas salas de aula (em 2016), distribuídas entre dois blocos. Nela, ocorreu a prática de salas ambiente, o que pode contribuir para estudos teórico-acadêmicos sobre salas ambiente aplicadas em outras unidades escolares. É hora de se propor e estimular políticas pedagógicas que tratem a formação do cidadão e seu desenvolvimento cognitivo a partir da própria escola, ou seja, do próprio local de ensino. Ou ainda, entender as estratégias gerais definidas para a Educação a partir da diversidade e das características locais. Talvez muitas das respostas para os desafios que a escola pública atravessa sejam encontradas a partir da vivência cotidiana em seu interior.

A Escola, enquanto lugar, ganha uma importância cada vez maior como espaço onde as pessoas constroem seus laços afetivos e subjetivos e é nesse lugar que as pessoas buscam referências pessoais e constroem um sistema de valores que fundamentam a vida em sociedade. Corroborando isso, ao ser informado de depredações na Escola Alfa, um ex-aluno escreveu em uma rede social[21]:

> Incrível como um lugar que foi tão importante para a formação de alguns (nós), pode ser tão desprezado por outros, isso é quase uma violação de quem somos, tem um pouco de cada um de nós naquele lugar. Tristeza saber disso.

A força do lugar e os laços singulares de pertencimento construídos nele, podem perdurar e compor indivíduos que nele vivenciaram diversas experiências por toda uma vida. Fundada no final do século XIX, a Escola Alfa situa-se na região central de São Paulo, portanto no coração da metrópole. Essa é uma escola de grande porte com aproximadamente 1.200 alunos, cursos de Ensino Fundamental II (do sexto ao nono ano) e Ensino Médio ministrados nos períodos matutino e vespertino. Inserida no centro de um dos maiores centros urbanos do mundo diversos são os fatores que se juntam para produzir representações da vida escolar e de seu cotidiano conferindo-lhe características singulares.

[21] https://www.facebook.com/groups/751383798306225/?fref=ts, acessado em 01/08/2016

Temos aí o urbano, a escola, o confinamento e seus conflitos. Como a cidade de São Paulo, atualmente, está sendo produzida como uma cidade de muros e de segregações, é curioso que um espaço de confinamento da região central, a Escola Alfa, também seja um espaço de encontro, de diversidade cultural e étnica. Lugar também em que conflitos se manifestam.

Estudam aí alunos provindos dos mais diferentes pontos da cidade e mesmo de municípios da Grande São Paulo como Diadema e Ferraz de Vasconcelos, por exemplo. Além de estudantes da região central, principalmente Brás, Cambuci, Mooca e Liberdade é comum termos estudantes provenientes do Itaim Paulista, Guaianazes, Itaquera, São Mateus, Arthur Alvim, Vila Matilde, Vila Formosa, etc. Nos últimos anos, tem diminuído o número de alunos que vêm de lugares mais distantes da cidade e aumentado o ingresso de alunos descendentes de populações latino-americanas, principalmente bolivianas. Esses novos alunos residem, em sua maioria, na região central da cidade. Nela, presencia-se o encontro das variadas origens sociais, étnicas e religiosas. Aqui, o exercício do encontro das diferenças é muito rico e educativo, nessa que é uma das maiores metrópoles do mundo. Reúnem-se os mais diversos e variados aspectos do urbano na vida escolar. Quem é esse aluno inserido nessa escola e nesse espaço urbano? Como a existência de salas ambiente pode amenizar as tensas relações que se manifestam?

Esses registros e observações vão ao sentido de identificação do corpo discente dessa escola. Como observou a professora PONTUSCHKA (2002:112):

> Conhecer os alunos, as representações sociais e os saberes que trazem é a primeira tarefa do professor de qualquer disciplina.

pois

> A construção da cidadania como grande meta é extremamente difícil de ser realizada, pois na escola pública temos uma população numerosa, heterogênea do ponto de vista escolar e sociocultural - diferenças de idade, de valores, de hábitos, de origens sociais e culturais, em que os preconceitos e as ideologias somente são superados com muito trabalho por parte do conjunto dos professores.

O processo educativo deve levar tudo isso em consideração tendo em vista a necessidade de construção de uma sociedade cada vez mais solidária. Assim escreve HESSEL E MORIN (2011:48):

> É igualmente capital promover um ensino sobre os problemas de civilização que afetam nossa vida cotidiana: situação da família, da cultura juvenil, da vida urbana, das relações campo-cidade (problemas da humanização das cidades e da revitalização do campo), da educação para o consumo, para o lazer, com relação às mídias sociais, ao exercício ativo das liberdades democráticas...[22]

Para análises sobre espaços escolares é imprescindível considerar toda essa dimensão humana em que a escola se insere. Afinal, é sobre a formação dos nela inseridos que a escola atua.

Os alunos da Escola Alfa se deslocam pelo espaço urbano até ela porque existe uma representação social de que essa Escola é referencial de bom ensino-aprendizagem conforme constatamos em questionário (Anexo 5) respondido por alguns ex-alunos: G.G.P, estudante de geografia na USP, estagiário de geoprocessamento no Instituto Florestal, diz que procurou a Escola Alfa *"Por ser referência em qualidade de ensino." Diz* que morava não muito longe da escola comparado a outros alunos *" mas levava uns 30 minutos de caminhada";* M., estudante de Relações Internacionais da USP, diz que *" A Escola Alfa foi indicada pela coordenação da escola Beta, onde estudei o primeiro ciclo do Ensino Fundamental ";* H. E. G., estudante de Turismo na UNINOVE e também Guia de Turismo na ETEC Carlos de Campos diz que foi estudar na Escola Alfa *"Porque o ensino da escola onde cursei o ensino fundamental era péssimo, e me transferi para essa escola em busca de um ensino de qualidade"* e que *" morava em Itaquera. A minha residência era distante da escola, mas valeu muito a pena o sacrifício de enfrentar o trajeto ida-e-volta";* J.L.S. que trabalha como web designer e estuda Design Digital na

[22] Hessel, Stéphane e Morin, Edgar - Le Chenin de l'espérance. Tradução minha. No original: Il est également capital de promouvoir um enseignement portant sur les problèmes de civilisation qui affectent notre vie quatidienne: situacion de la famile, culture juvénile, vie urbaine, relations villes-campagnes (problèmes d'humanisation des villes et de revitalisation des campagnes), éducation à la consommation, aux loisirs, aux médias, à l'exercice actif des libertés démocratiques...

Universidade Anhembi Morumbi diz que foi para a Escola Alfa *" Por causa da ótima reputação que tinha, e como são precárias as situações das escolas públicas, fui em busca de algo melhor".* Morava em Guaianazes, bem distante da Escola", declarou ela; I. G, estudante do cursinho preparatório para vestibulares Etapa, diz que foi estudar na Escola Alfa *"por boas indicações a respeito da escola e influência da família. Meus dois irmãos mais velhos estudaram o ensino médio completo na Escola Alfa e meus pais acharam apropriado me colocar no mesmo lugar que eles estudaram. Morava e ainda moro na Zona Leste, no bairro do Tatuapé. Não considerava muito longe, pois fazia uso do metrô, linha vermelha, não eram necessárias baldeações."* Essas representações referentes a essa Escola estão baseadas em experiências que remetem a retrospecção e ao mesmo tempo se projetam para o futuro. Não são nem verdadeiras nem falsas, ou seja, vêm de dentro, são contemporâneas da constituição de sujeitos, tanto na história de cada indivíduo como na gênese do indivíduo na escala social.

Esse deslocamento discente pelo espaço urbano é instigante. Ele facilita observações e os estudos geográficos da cidade que vive uma urbanização cada vez mais veloz determinada pela força do movimento de circulação do capital, em que o espaço urbano é construído e descontraído, ou seja, é transformado permanentemente. O urbano tende a reunir coisas, pessoas, saberes, sonhos e também desilusões. No urbano, as contradições do nosso tempo se manifestam de forma aguda. Se a urbanização do mundo ganhou grande impulso com a revolução industrial e desde então não para de crescer, nos tempos atuais as contradições acumuladas deste crescimento cada vez mais exigem maiores e mais aprofundadas reflexões, inclusive na Escola. A convivência com os meios de transporte urbanos, a visualização de diferentes formas que a cidade apresenta e suas transformações, por exemplo, são também educativas. Ao vivenciarem esse espaço urbano, esses estudantes propiciam, particularmente à geografia, diversas reflexões sobre o espaço e seus corpos, o espaço e a Escola, o corpo e as salas ambiente, por exemplo.

Registramos aqui o que escreve PENIN(2011:.43):

> é no âmbito da análise do cotidiano que podemos melhor entender as ações dos sujeitos que movimentam a escola e com isso alcançar a natureza dos processos constitutivos da realidade escolar, tendo em vista a sua transformação. Acreditamos, entretanto, que a natureza das ações e dos processos escolares não é alcançada apenas pela identificação da existência destes, mas na sua articulação com eventos presentes no nível social e histórico, com os quais a análise macrossocial se preocupa.

É necessário que nossas análises levem em consideração o que é a escola pública hoje, um espaço concebido que atende a interesses políticos e econômicos cada vez mais financeirizados, cujas representações estão associadas à decadência e à violência. E é nela, integrante da sociedade urbana, espaço da vida cotidiana que podem emergir grandes decisões e os instantes dramáticos de decisão e de ação, como nos movimentos de sua comunidade LEFEBVRE (2004:83), pois

> A infância e a adolescência, como a juventude, pobres de realidade, desajeitadas e pretensiosas, e mesmo estúpidas (cf. os textos de Gombrowitz), são incomparavelmente ricas da maior e mais decepcionante das riquezas: a possibilidade.

Os jovens podem fazer da escola o lugar da superação de suas debilidades, ou seja, podem criar escolas como lugares das possibilidades. Apesar dos inúmeros problemas[23] na escola pública, talvez seja a partir deles e na prática cotidiana da sua comunidade que encontraremos caminhos para a sua superação.

3.2 - O confinamento e o apelo ao consumo

A insuficiência de espaços lúdicos na cidade como parques, centros culturais e mesmo a impossibilidade do uso das ruas, reservadas preferencialmente aos automóveis, têm confinado a população, principalmente a sua porção mais

[23] Salas superlotadas, salários aviltantes, falta de material pedagógico, por exemplo.

jovem e carente em espaços privados reduzidíssimos (sejam casas, cortiços, apartamentos mais populares ou favelas). Isso faz com que a Escola se torne cada vez mais um espaço de encontro e de distração, ao mesmo tempo em que é um espaço de controle social. Também se apresenta como uma possibilidade de superação, a partir de sua produção, enquanto projeto social, de um conhecimento crítico e reflexivo. Não seria por ser, na visão dos alunos, um espaço de vida a partir do encontro e da diversão, que nas recentes ocupações das escolas públicas paulistas, os estudantes demonstraram imenso interesse de cuidar do espaço da escola para o seu usufruto? No próximo capítulo trataremos disso.

A luta por mais espaços de lazer vem de longe. A Revista Carta Capital sob o título "Rolezinho: adolescentes são barrados em shopping de SP" [24], em 11/01/2014 noticia:

> "...Na tarde deste sábado, centenas de jovens, se concentraram em frente ao Shopping Campo Limpo, Zona Sul de São Paulo, para mais um encontro marcado pelo Facebook, o rolezinho. "Por medida de segurança", o shopping estava escolhendo quem poderia entrar no recinto. Nas três entradas, uma equipe composta por segurança terceirizada, particular e policia militar, analisava e dava o aval para quem podia ter acesso ao interior do ambiente. Centenas de jovens ficaram para fora.

Esse acontecimento nos ajuda a entender o conflito socioespacial na cidade e na escola, pois está reservado às populações menos solventes o espaço confinado das escolas e das periferias. Esses "rolezinhos" foram organizados por jovens da periferia de São Paulo em Shoppings Centers (o que também revela presente o apelo ao consumo). Chama a atenção o fato de que essas ocorrências foram mais intensas justamente no período de férias escolares

[24] Revista Carta capital, site www.cartacapital.com.br, acessado em 11/01/2014. Campo Limpo faz parte de uma região periférica da cidade de São Paulo e que está em transformação. No passado caracterizava-se por periferia no sentido clássico da palavra, ou seja, distante do centro e com população de baixa renda com condições de vida bastante precárias. A pressão da juventude sobre o referido shopping Center reflete a falta de lugares para lazer nessas regiões e o fascínio pelo consumo que é criado, na juventude, principalmente pelos meios publicitários.

entre dezembro de 2013 e janeiro de 2014. Talvez se as escolas estivessem abertas à comunidade durante as férias, esse tipo de ocorrência seria mais improvável.

Já que o consumo faz parte de nossa sociedade, criando e dominando desejos, é necessário mais do que nunca educar para o consumo consciente. Este, pode ser entendido como forma de redução de danos ao chamado meio ambiente, uma vez que a produção de mercadorias no mundo capitalista transforma o uso em consumo. Está aí mais uma tarefa imprescindível da escola. Dentre outras questões relativas ao consumo é evidente que o uso de uniforme torna-se cada vez mais necessário nas escolas como estratégia de combate ao consumismo. Esse uso pode colaborar no sentido de assegurar um melhor ambiente (inclusive em termos de segurança) para o ensino-aprendizagem. Por que não criar uniformes que reforcem a identidade dos lugares escolares, a partir de criação dos próprios alunos? Inúmeros deles, são excelentes desenhistas. A elaboração do design de seus próprios vestuários pelos alunos seria uma forma de manifestação artística, ou seja, de criação. Os alunos da Escola Alfa planejam para o segundo semestre de 2016 uma consulta sobre a obrigatoriedade do uso de uniforme. Parecem sentir orgulho da longevidade da existência da escola estampada no peito.

A publicidade, por meio de seus produtos, exerce forte fascínio principalmente sobre a juventude. Sendo assim, na necessidade de se auto afirmarem, muitos adolescentes tentam mostrar aos outros a marca dos seus vestuários, os times que torcem ou os conjuntos musicais que mais gostam, por exemplo. A Escola deveria ser, primordialmente, o lugar da diversidade de ideias e não de coisas. Na busca de condições cada vez mais favoráveis para o ensino-aprendizagem, o uso do uniforme pode potencializar um ambiente menos competitivo em torno das coisas abrindo espaço para o desenvolvimento primordial das mentes. Evitam-se aqui eventuais disputas de torcidas de determinados times e bulling aos alunos que não possuem roupas da moda ou “de marca”. É uma medida que ajuda a diminuir a violência física e verbal na escola. Também o uso do uniforme facilita em muito a nossa segurança interna, pois facilmente poderíamos identificar pessoas estranhas ao nosso ambiente escolar. A violência nas escolas é grande. A cada dois dias um professor é agredido. A

falta de segurança é o principal problema nas escolas para 32% dos professores, 37% dos pais e 25% dos alunos.[25] Não podemos esquecer que vivemos em uma metrópole bastante violenta e que a solução desse problema não nos parece próxima.

Poucos são os pais de alunos em escolas públicas que têm dinheiro o suficiente para comprar roupas novas para os seus filhos para que venham todos os dias com roupas novas e diferenciadas. Portanto, o uso do uniforme pelos alunos barateia em longo prazo o custo que os pais teriam com o vestuário dos mesmos.

No espaço de confinamento em que a escola se transformou é necessário cada vez mais formas que promovam o conformo ambiental para o corpo e a mente. A criança ou adolescente, quando chega à escola, tem que ter equipamentos, conforto do ambiente para se concentrar, para dedicar-se aos estudos e ao aprendizado. Práticas educativas que rompam o confinamento imposto por muros, portões e cadeados; ações visando à redução da violência escolar; ao estímulo a convivências menos conflitivas e à construção de um conhecimento coletivo entre docentes e discentes tornam-se urgentes. E é nesse sentido que a existência de salas ambiente podem fazer avançar o ensino-aprendizagem.

Vivemos atualmente um período caracterizado pela saída de um outro marcado pelo acesso restrito ao ensino público de qualidade, privilégio de poucos. Vivemos uma espécie de "inclusão perversa"[26] na educação, ou seja, garante-se o acesso das classes populares ao ensino e ao mesmo tempo as limita quanto a uma formação educacional mais ampla, consistente e qualificada. O espaço escolar hoje tornou-se o espaço do confinamento: cadeados, correntes, grades e muros são os seus signos. Tentam manter por meio da coerção, a "segurança" e a disciplina de vastas camadas juvenis da sociedade. Enquanto isso, observamos a permanência da desvalorização salarial de professores, a precarização dos equipamentos escolares, a estrutura física decadente nas

[25] http://www.fiquemsabendo.com.br/2015/07/a-cada-2-dias-um-professor-e-agredido-por-aluno-em-escolas-estaduais/ acessado em 01/08/2016.

[26] Termo usado por José de Souza Martins ao analisar processos de inclusão social, onde permanece a situação de precariedade dos incluídos.

escolas, frequentes episódios de violência e pais que delegam às escolas a educação dos filhos. Tudo isso numa sociedade urbana que faz um permanente apelo ao consumo e ao individualismo.

A partir de pesquisas e práticas docentes criativas na Escola Alfa, essa tese defende a existência das salas ambiente como uma estratégia pedagógica de ensino-aprendizagem, ou seja, como espaços de criação de uma educação emancipadora. Contrapostas às salas de aula como jaulas, as salas ambiente podem despertar o potencial criativo existente nas escolas públicas. Potencial esse que ficou evidente com as ocupações escolares de 2015.

4- Ocupações das escolas públicas paulistas: rebeliões inesperadas.

As recentes ocupações das escolas paulistas, entre outras questões, reafirmam a importância do objeto de estudo dessa tese, ou seja, a necessidade de salas ambiente como potencial criativo que facilita o ensino-aprendizado, distencionando o espaço escolar, pois elas revelaram a urgência de se garantir democraticamente a apropriação do espaço escolar, enquanto lugar do vivido, por sua comunidade. Que sentimentos em relação ao espaço escolar são revelados nesse movimento? Que sinais são apontados no sentido de superar a velha estrutura física e pedagógica das escolas? Quem é esse aluno do século XXI que frequenta essa escola? Essas são algumas reflexões necessárias que aqui fazemos.

No dia 09 de novembro, em Diadema, a Escola Estadual Diadema, na região do ABC paulista, foi ocupada pelos estudantes com o objetivo de combater a proposta de reorganização escolar executada pelo governo paulista.

Figura 8 - Manifestação de alunos da E E Diadema na Avenida Paulista. Foto do autor.

O governo estadual apresentou a proposta de reorganização escolar como uma das medidas para reduzir custo nas escolas públicas mas tendo, no discurso oficial, uma outra justificativa: alegando queda no índice de natalidade no Estado e a diminuição da demanda pela escola pública, propunha o fechamento de pelo menos 93 escolas e a transferência para outras escolas de 311 mil estudantes. Segundo a Secretaria da Educação, por meio de comunicados à imprensa e em seu site[27], o objetivo era também a melhoria do nível de ensino pois segmentava as escolas em 03 grupos segundo a idade (Fundamental I, Fundamental II e Ensino Médio).

Essa mudança, segundo a secretaria, baseava-se em levantamento realizado pela Seade (Sistema Estadual de Análise de Dados), que apontou uma tendência de queda de 1,3% ao ano da população em idade escolar no Estado de São Paulo. Por ter-se perdido 2 milhões de alunos na rede estadual, entre os anos de 1998 e 2015, além da municipalização do ensino, justificava-se essa iniciativa. Ignorava-se aí o fato de, nesse período analisado, ter ocorrido no Brasil um período de expansão do emprego e da renda, fazendo com que muitos pais matriculassem seus filhos na rede privada de ensino. Com mensalidades mais acessíveis, escolas privadas expandiram-se pela região periférica da metrópole, apresentando em alguns casos condições de ensino aprendizagem piores do que de algumas escolas públicas revelando-se assim as enormes diferenciações existentes entre as escolas privadas.

Essa proposta de reorganização escolar foi precariamente discutida com pais e mestres, tanto que causou surpresa no dia 23 de setembro quando o secretário estadual da educação, Herman Voorwald veio ao jornal matutino da Rede Globo de Televisão, Bom Dia São Paulo, informar à população que as escolas seriam reorganizadas a partir de janeiro de 2016.

[27] http://www.educacao.sp.gov.br/noticias/com-foco-na-qualidade-de-ensino-educacao-anuncia-nova-organizacao-para-a-rede-estadual, acessado em 05/10/2015.

Essa postura autoritária, distante dos anseios da comunidade escolar, já foi percebida no primeiro semestre de 2015. Por 90 dias, professores da rede estadual fizeram greve por melhores condições de ensino e reajuste salarial e foram solenemente ignorados por quase todo o tempo pelas autoridades educacionais. O fim da greve em muito se deveu ao estrangulamento do movimento ocorrido em função do desconto dos dias parados, o que deixou muitos docentes em situação bastante precária. Após a ofensiva contra os professores que encerraram a greve em junho, ganhou força a proposta de reorganização escolar anunciada em setembro pelo governo paulista.

Por essa proposta, os alunos seriam deslocados para dentro do próprio bairro em que já estudam ou moram, num raio de aproximadamente 1,5 km. Essa transferência seria automática e feita pelas diretorias de Ensino e só então os familiares dos estudantes seriam avisados. Se a cidade é cortada por diversas rodovias e inúmeras avenidas, a determinação dessa distância já é arbitrária e questionável tendo em vista a impossibilidade de travessia em muitas avenidas e lugares em que existe alta vulnerabilidade social como nas "biqueiras"[28], por exemplo. Nesse caso, a racionalidade do Estado impõe sobre a população a sua lógica não se importando com as necessidades da vida cotidiana das pessoas. O onde estudar dos filhos está submetido à necessidade de sobrevivência das famílias, ou seja, a localização da escola é determinada pela lógica da organização para o trabalho na metrópole.

No dia 10 de novembro, seria a vez da ocupação da Escola Estadual Fernão Dias, a primeira escola a ser ocupada na capital e que se tornou marco na luta dos secundaristas após ficar quadro dias sitiada pela Polícia Militar. Essa ocupação no centro expandido da metrópole, deu maior visibilidade ao movimento secundarista uma vez que os movimentos na periferia metropolitana costumam ser mais facilmente criminalizados e tornados invisíveis perante a opinião pública pelas classes possuidoras e pelas mídias subservientes a esses interesses. A segregação socioespacial da metrópole faz com que haja na prática, duas realidades: uma parte da cidade com alguns

[28] Nome popular dado aos locais de comercialização e consumo de drogas.

direitos sociais para determinadas camadas da população e outra sem quase nenhum direito, ou seja, sem visibilidade social, sem segurança, sem saneamento, sem escolas e sem saúde. Quando algo ocorre nas regiões centrais repercute rapidamente nas mídias e na sociedade como um todo. Enquanto o que ocorre nas regiões periféricas parece não integrar o todo social urbano, sendo em boa medida simplesmente ignorado, tornando-se quase invisível a boa parte da sociedade. Essas diferenciações no tecido social urbano também se manifestam nas mais diferentes comunidades escolares urbanas.

Esse movimento de ocupação das escolas foi marcado por muitas manifestações dentro e fora delas. Houve várias passeatas massivas pela região central da metrópole denunciando o processo de precarização do ensino público no Estado e a chamada reorganização escolar. O Estado de São Paulo tem sido governado por membros de um mesmo partido (o PSDB) desde 1994, ou seja, há 22 anos, e tem implantado um projeto de sucateamento da educação pública estadual e em consequência disso, das escolas públicas estaduais. Proliferam escolas privadas por toda parte ao mesmo tempo em que prevalecem representações das escolas públicas como ineficientes e violentas e das escolas privadas como seguras e eficientes. Uma das explicações para a uma maior proliferação das escolas privadas no Estado talvez seja o fato do Estado de São Paulo possuir, em média, o maior nível sócio econômico do país.

Esse projeto de sucateamento da educação pública estadual encontra resistências. É a disputa pelo espaço. Décadas de protestos populares ocorreram contra a baixa qualidade do ensino e um dos momentos mais marcantes desse movimento foi a ocupação das escolas públicas em 2015 e suas manifestações de rua contra a proposta de reorganização escolar feita pelo governo estadual.

Figura 09 - Passeata dos estudantes secundaristas que ocupavam escolas na Avenida Paulista em dezembro de 2015. Foto de Joca Duarte.

Figura 10 - Passeata dos estudantes secundaristas pela Avenida Paulista em dezembro de 2015. Foto Joca Duarte.

Do que se trata a chamada reorganização escolar afinal? Devido a forte crise econômica mundial, e a fim de garantir a reprodução capitalista, as agências internacionais (como UNESCO, Banco Mundial, entre outros), a partir de receituários como os produzidos no Consenso de Washington (1989), ou ainda na Conferência Mundial de Educação para todos (1990), indicam como política a ser executada por governos do mundo inteiro, cortes de gastos. Os cortes geralmente atingem serviços necessários às populações menos solventes, tais como serviços de saúde e educação. Nos Estados Unidos é veloz o processo de privatização do ensino, aumentando o abismo social que separa os solventes e os insolventes perante o mercado.

A essa contenção de verbas governamentais destinadas a setores sociais é dado o nome ajuste fiscal. Na educação, esse ajuste objetiva incrementar o ensino enquanto mercadoria no mercado capitalista, favorecendo a formação de grandes conglomerados privados e introduzindo a racionalidade de mercado na educação pública por meio de medições periódicas de desempenho dos alunos, por exemplo.

Essa política de privatização do ensino, usa gradualmente e persistentemente as terceirizações de serviços prestados à Educação, como mais uma das estratégias para o avanço do capital sobre a educação pública. No Brasil, em diversas escolas públicas estaduais, o serviço de limpeza já é terceirizado. Nos Estados Unidos, as escolas terceirizadas recebem verbas públicas para gerirem-se segundo mecanismos do mercado, ou seja, visando o lucro. Em vídeo postado na internet[29], o professor da Faculdade de Educação da Unicamp, Luiz Carlos de Freitas, analisa essa questão. Segundo ele, com a implementação de projeto como esse no Brasil, teremos um aumento da concorrência e da disputa nas escolas e haverá uma maior segregação escolar como ocorreu também no Chile[30] e nos Estados Unidos, ou seja, haverá, por

[29] https://www.youtube.com/watch?v=IkWrKtFsuR4 acessado em 05/01/2016.

[30] Após protestos estudantis, o Congresso chileno aprovou, em dezembro de 2015, um projeto de gratuidade para alunos de menor poder aquisitivo nas universidades públicas e privadas. Inicialmente previsto para abranger 178 mil alunos em 2016 esse projeto planeja incluir todos os alunos chilenos do ensino superior até 2020. http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/chile-aprova-ensino-universitario-gratuito-a-partir-de-2016, acessado em 15/08/2016.

meio do mercado, uma "seleção" dos melhores alunos que ficarão em escolas mais "eficientes" e os alunos com menor rendimento escolar ficarão segregados em escolas menos eficientes, processo que pode levá-los à marginalidade social, ao crime e por consequência, à prisão. Sendo assim, segundo o professor FREITAS,

> nós vamos ter uma estagnação do fechamento das brechas entre ricos e pobres, entre gênero, entre raça, e se não uma ampliação desses 'gaps'."

Esse professor diz ainda que no Chile e nos Estados Unidos, chegou-se a tal ponto que as terceirizadas, subvencionadas com verbas públicas, brigavam com o Estado porque não queriam pobres.

> Na medida em que fosse para atender pobre então o custo do aluno no polo tinha que ser diferente do outro, aluno regular médio, porque ele era mais caro para ensinar então não dava para ter pobre na escola. E batiam na tese de que o pobre teria que ter um custo diferenciado para ser pago à terceirizada.

E diz ainda:

> As escolas terceirizadas têm regras duras, ou seja, nos EUA o pai assina um contrato com a escola, inclusive é onde ele tem ciência que se a criança não se adaptar as exigências da escola ela poderá ser convidada a deixar a escola. E ai o que acontece: as escolas públicas remanescentes ficam como um gueto, e todos os que não se ajustarem junto com os desmotivados ficam na escola pública, e você desvia o dinheiro, ainda, da escola pública para as terceirizadas. 'Ué, como você vai melhorar o desempenho da escola pública?' Portanto você cria uma espiral negativa, muito condizente com quem acha que a escola pública não deve existir porque ela vai cada vez ficando pior e cada vez mais você vai usar a desculpa de que: 'olha, então precisa privatizar para que ela melhore na sua qualidade".

Considerando esse raciocínio, poderíamos nos questionar: será que o descaso com a escola pública não seria uma estratégia para socialmente demonstrar a sua inviabilidade? BRUNS e LUQUE (2014:49) propõem estratégia para possibilitar uma intervenção empresarial nas escolas públicas:

> Os líderes políticos podem criar alianças pró-reformas eficazes com líderes empresariais e a sociedade civil por

> meio de campanhas de comunicação que expõem claramente as falhas atuais do sistema educacional e a importância da melhoria na educação para a competitividade econômica.

É sabido que as privatizações de setores públicos (bancos, fornecimento de água, companhias elétricas, por exemplo) são realizadas após discursos duradouros por meio de utilização dos mais variados meios de comunicação sobre a ineficácia do Estado e a eficiência do capital. Esses discursos procuram estabelecer um consenso social sobre a necessidade de intervenção do capital sobre o patrimônio público. Assim se reproduz esse discurso quanto às escolas públicas.

Em uma economia fortemente financeirizada, que procura cada vez mais ampliar a sua taxa de lucro e oferecer cada vez mais variados produtos, o mercado da educação aparece como possibilidade de prosperidade para o capital o que implica em práticas e discursos que desconstruam a escola pública rumo ao seu declínio.

Essa política privatizante, já praticada nos Estados Unidos, reservou às escolas públicas os alunos com menor rendimento escolar, com maiores problemas comportamentais, ou seja, transformou-as em verdadeiros guetos escolares. Escolas com alunos menos "problemáticos" geram mais lucros às empresas que as gerem. Essa segregação educacional desqualifica ainda mais o espaço público escolar justificando as lógicas mercantis na educação. Uma das consequências sociais graves com esse processo de privatização é que se aumenta a segregação social em nome da melhoria do ensino e, ao mesmo tempo, joga-se parte da juventude numa linha direta para a prisão na medida em que a estigmatiza e marginaliza.

Avançam os discursos que procuram desconstruir a escola pública e sua potencial possibilidade de criação. Sabe-se, por exemplo, que nas escolas privadas, o consumo de drogas entre estudantes é igual ou maior que nas escolas públicas[31], mas são os estudantes da escola pública que são estigmatizados como drogados, caminho fácil para a sua criminalização.

[31] http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/pesquisa-revela-que-maior-uso-de-drogas-entre-estudantes-de-escolas-particulares-2908898 acessado em 03 de março de 2016.

Pesquisa feita pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD), divulgada em dezembro de 2010, mostra que 9,9% dos alunos dos colégios municipais, estaduais ou federais usaram algum tipo de psicotrópico (exceto álcool e tabaco) nos 365 dias anteriores à aplicação do questionário sobre o assunto. Entre as escolas particulares a proporção foi de 13,6%.

Esse discurso de desqualificação da escola pública ocorre quando o mercado da educação se firma como muito atrativo ao capital. Segundo o professor FREITAS, a privatização do ensino criou um grande mercado nos EUA que hoje está na casa dos U$ 800, 900 bilhões de dólares. Enquanto se fortalece esse grande mercado, fecham-se escolas por desempenho, metas inatingíveis são fixadas para as escolas públicas tendo como a consequência direta a proposta de sua privatização.

É provável que, no Estado de São Paulo, passemos por um processo mais intenso de delegação de funções da administração pública para a iniciativa privada. Isso, segundo o professor da Unicamp, Luiz Carlos de Freitas, estudioso do assunto, aponta para políticas que não funcionarão. Segundo o professor ele[32]:

> Há um discurso fraco nessa matéria, que é muito mais um discurso ocasional pra justificar a privatização, que diz que o pedagógico continuará sob a responsabilidade do Estado e só a gestão é que irá ser privatizada. Isso não é viável porque você não tem como separar a gestão pedagógica da gestão administrativa propriamente dita.
>
> e
>
> Nós sabemos que a (empresa) terceirizada chega, e ela vai dispor as regras do jogo, portanto a privatização não é só uma questão de posse do prédio. Não é porque o Estado detém o prédio que não houve a privatização. A privatização é também uma questão das relações que acontecem dentro de um prédio. E quando você terceiriza obviamente você mudou as relações que existiam dentro de uma determinada escola. Ela deixa de ser uma relação pública e passa a ser agora uma relação que se joga no âmbito da relação do mercado, da iniciativa privada, da

[32] https://www.youtube.com/watch?v=7DriNCJLlno, acessado 08/09/2016.

> concorrência, da cobrança meritocrática, da fixação de metas e do 'bater metas'

Sendo assim, o conceito de formação humana é reduzido à dimensão do mercado, do estabelecimento de metas, da valorização da meritocracia, o que empobrece a escola na medida em que o que se prioriza é sair-se bem nas avaliações feitas em forma de teste, por exemplo. Também acaba a estabilidade no emprego dos professores na medida em que eles têm que atender às diretrizes determinadas pelo gestor, perdendo assim a autonomia sobre seu método de ensino. Sendo assim, processos administrativos podem levar à demissões. Sobre essa lógica de mercado, visando o lucro e o aumento da produtividade, o professor FREITAS[33], ressalta:

> ... a lógica do mercado é uma lógica baseada em ganhadores e perdedores, ou seja, o mercado trabalha assim, e para ele é natural, um processo natural você ter ganhadores e perdedores no mercado. Não é a lógica educacional. Na educação só pode ter ganhador. A educação só pode gerar ganhadores. E é por isso que a lógica do mercado não serve para a lógica a educação. Ela terminará amplificando esses processos de segregação.

No plano estadual, em escolas estaduais paulistas, já se fala aqui e acolá em separação da gestão administrativa da gestão pedagógica. Falar nessa separação significa preparar o discurso para delegar a outros a gestão escolar, por exemplo, a terceiros ou outra secretaria estadual. Em Goiás, por exemplo, algumas escolas com graves "problemas comportamentais" de alunos, foram entregues para a gestão da Secretaria de Segurança Pública[34]. Pela repressão e pelo medo, tenta-se resolver um problema pedagógico, que por sua vez, só poderá ser resolvido unindo o pedagógico com o administrativo e não separando-os. Isso revela uma racionalidade típica da economia capitalista, que vai ao sentido contrário à necessária união de esforços de todos envolvidos numa comunidade escolar para a resolução de seus problemas.

---

[33] Só falas: https://www.youtube.com/watch?v=7DriNCJLlno, acessado em 18/09/2016.

[34] http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140819_salasocial_eleicoes_educacao_escola_militarizada_rm, acessado em 02/07/2016.

Essas políticas neoliberais aplicadas ao ensino têm avançado mundo afora e também têm tido reflexos no Brasil. No segundo mandato da presidenta Dilma Rousseff, houve recuos nas políticas educacionais progressistas implementadas há uma década até então, como o corte de bilhões de reais do orçamento anual destinados à educação, além da proposta de Base Nacional Comum Curricular (BNCC)[35], muito questionada por entidades acadêmicas.[36] Essa entidades criticam a falta de negociação e entendimento com a sociedade civil; a falta de envolvimento dos municípios nessa proposta; a participação das pessoas e das entidades muito focada nos meios digitais. Segundo a ex-presidente da Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (ANFOPE), Helena de Freitas[37], é necessário pensar essa proposta de reforma da educação para além dos objetivos focados nas áreas do conhecimento e na dimensão cognitiva do ensino; ela diz:

> A construção da Base faz parte de um conjunto de iniciativas da política pública que não tem visado uma formação integral do aluno. A discussão sobre ela está ligada a processo de avaliação de crianças e dos professores para, inclusive, vincular salários e bônus ao desempenho dos estudantes, de cada docente e de cada turma em áreas específicas.

Essa não preocupação com a formação integral do aluno que privilegia a inserção acrítica dos estudantes no mercado revela a conexão dessa iniciativa com as políticas globais voltadas ao ensino enquanto mercadoria, defendidas por instituições financeiras como o Banco Mundial.

Foi contra uma das faces dessas políticas neoliberais, a proposta de reorganização escolar feita pelo governo paulista, que as escolas foram ocupadas pelos estudantes, influenciados por movimentos internacionais e também os influenciando.

---

[35] http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/bncc-2versao.revista.pdf, acessado em 19/09/2016.

[36] http://www.brasil.gov.br/educacao/2015/09/mec-apresenta-base-curricular-nacional-do-ensino-basico, acessado em 19/09/2016

[37] http://www.deolhonosplanos.org.br/construcao-de-curriculo-nacional-recebe-criticas-por-pouca-divulgacao-e-falta-de-participacao-da-sociedade/ acessado em 19/09/2016.

4.1. A internacionalização do movimento

Após o anúncio pelo governo da proposta de "reorganização escolar" eclodiram movimentos de protesto, principalmente de estudantes, que também se inspiraram em movimentos internacionais. Inicialmente, a proposta da chamada reorganização escolar foi rechaçada pelo sindicado dos professores (Apeoesp) e diversas escolas iniciaram mobilizações tais como confecção de abaixo-assinados, passeatas, pressão sobre vereadores e deputados alegando significativo impacto negativo dessa proposta na vida cotidiana da comunidade escolar, além do aprofundamento do desemprego de professores. Não houve negociação. Não houve diálogo e a política do fato consumado estava se consolidando.

Foi aí que as escolas começaram a serem ocupadas. Inicialmente, eram duas escolas e em pouco mais de um mês esse movimento se alastrou pelo Estado, chamando atenção da sociedade brasileira e até mesmo de setores internacionais. Estudantes secundaristas de Goiás também se mobilizaram contra a terceirização das escolas públicas e o fim de concurso público para professores. Estudantes de outros estados brasileiros tais como Ceará, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Paraná e Bahia também adotaram como estratégia a ocupação de escolas para exigirem melhores condições de ensino.

Na cidade do Rio de Janeiro, as ocupações foram muito expressivas. Importante destacar que a luta nesse estado fomentou a reivindicação de eleição direta para diretores de escola. É comum nas escolas públicas brasileiras, a indicação política de seus dirigentes, que muitas vezes se mostram mais compromissados com quem os indicaram do que com a comunidade escolar. Isso facilita a falta de transparência nas gestões das escolas, a corrupção e o ceticismo da comunidade escolar em participar de reuniões e atividades escolares.

Quando das ocupações das escolas públicas secundárias paulistas, estudantes italianos ocuparam escolas em Roma em solidariedade aos docentes paulistas.

Figura 11 - Manifestação em Roma (Itália) em solidariedade às ocupações das escolas no Estado de São Paulo (2015). [38]

Esse movimento de ocupação das escolas públicas paulistas foi inspirado principalmente na rebelião dos estudantes chilenos, os pinguins chilenos, ocorrida em 2006 e 2011. Também houve influência secundária dos movimentos estudantis argentinos. No Chile, os estudantes secundaristas são chamados de 'pinguins' por causa do uniforme que consiste em uma camisa branca, um colete preto com gola V, um paletó e uma gravata. Por isso ficam parecidos com um 'pinguim' e receberam esse apelido. Daí surgiu a Rebelião dos Pinguins que inovou, apresentando como estratégia de luta a ocupação massiva de escolas. Manuais de orientações de como ocupar escolas se espalharam pelas escolas paulistas por meio das redes sociais e eram inspirados na experiência chilena. Um manual intitulado "Como ocupar um

[38] http://www.revistaforum.com.br/2015/12/09/estudantes-italianos-ocupam-escola-em-roma-e-pedem-o-apoio-dos-secundaristas-de-sp/ acessado em 18/12/2015.

colégio?"[39] circulou entre os estudantes paulistas principalmente em grupos de Whatsapp, compostos por estudantes que protestavam contra a reorganização escolar anunciada pelo governo estadual.

A Rebelião dos Pinguins chilenos que ocorreu em maio de 2006 configurou um processo original de luta e contou com a força de mais de um milhão de estudantes mobilizados em todo território chileno. Com protestos nas ruas e principalmente ocupações nas escolas, eles exigiram melhorias na educação e também mudanças estruturais no país. Por sua vez esse movimento foi inspirado em outro movimento ocorrido em 1980, durante a ditadura militar de Augusto Pinochet. Esse movimento, que apresentou formas de lutas radicais, deu origem a outros movimentos que passaram a levantar bandeiras de luta de toda sociedade chilena, tais como o fim da ditadura e das reformas neoliberais que estavam sendo impostas no país.

O início das mobilizações ocorreu em abri de 2006 quando a primeira demanda era apenas o atraso na entrega do passe escolar. Foram feitas várias propostas ao governo, mas ele nunca se interessou em respondê-las. Por isso começaram as mobilizações. Estudantes começaram a sair às ruas, e quase todos os colégios do Chile estavam no protesto. No início houve uma semana de paralisações. O governo chileno não deu muita importância ao movimento, considerado-o apenas como mais uma rebeldia juvenil. Mas depois quando viu que o movimento explodira, todos os colégios do Chile foram paralisados. O movimento primeiro envolveu a região metropolitana, a capital. Depois foi envolvendo o norte, o sul e se tornando massivo. Ao fim de duas semanas, o governo se viu diante de milhares de estudantes mobilizados, e admitiu que havia uma demanda real. Esse foi um processo de mobilização que durou, em seu auge, cerca de um mês.

Esse movimento apresentou dois elementos inovadores: primeiro, o processo de aprendizagem que foi produzindo no qual, a primeira ação clássica dos estudantes foi sair às ruas para protestar. Eles fizeram muitas marchas, mas foram duramente reprimidos. Percebendo que precisavam adotar outro tipo de

[39]https://gremiolivre.wordpress.com/2015/10/21/como-ocupar-um-colegio-versao-online/acessaddo em 21 de outubro de 2016.

mecanismo, refugiaram-se dentro das escolas e iniciaram as ocupações das mesmas. Assim, desnortearam as autoridades porque não saíram às ruas para protestar. Foram pouco os embates com policiais depois disso pois passaram a resistir dentro das escolas iniciando ocupações em todo Chile.

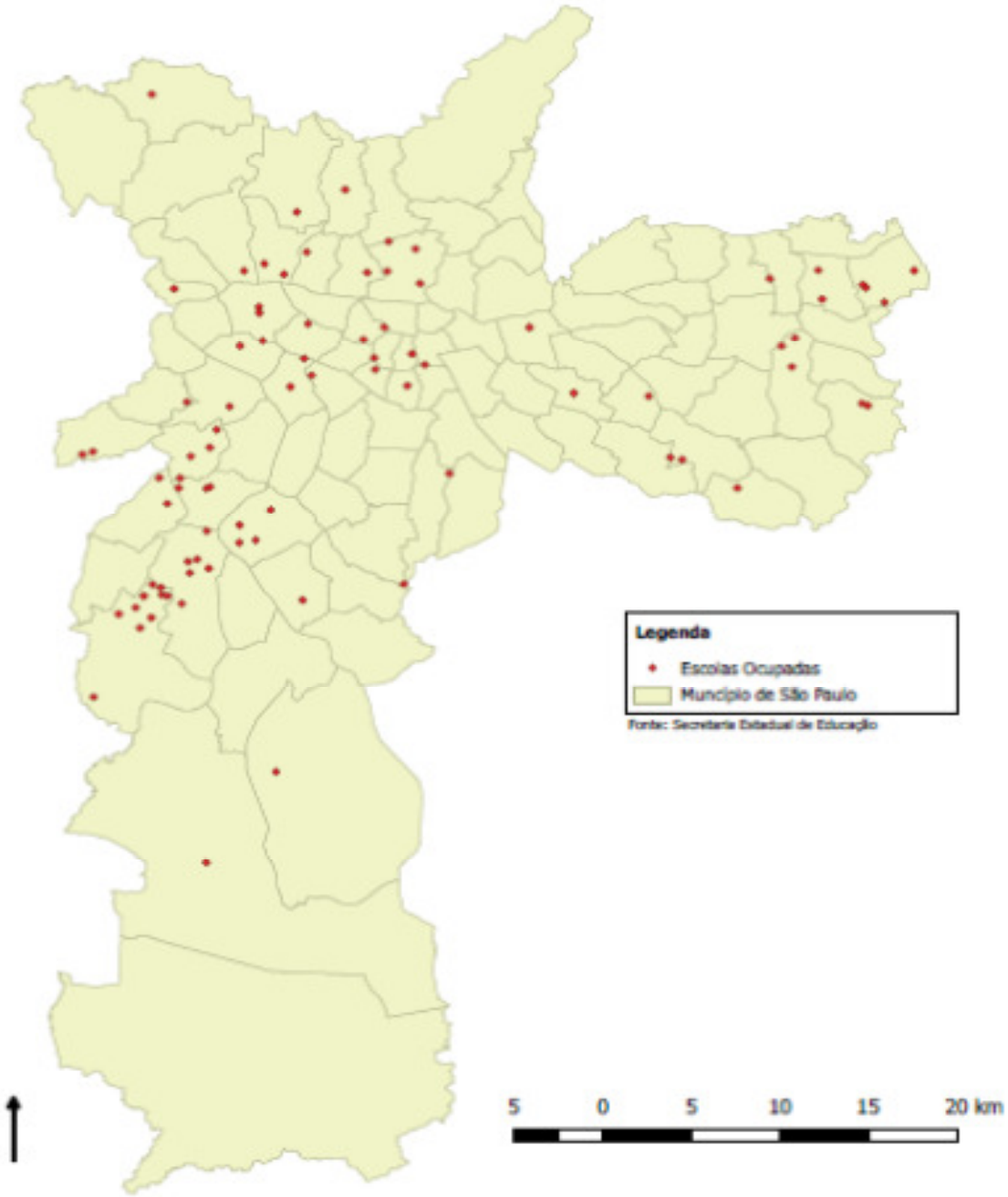
Nesse movimento, as decisões eram tomadas por meio de msn(Messenger). Os protestos eram registrados em fotos e vídeos, que depois eram colocados na internet. Havia diários na internet que qualquer um poderia ler e comentar. As ações alcançaram uma grande difusão por intermédio dessas novas ferramentas e também graças à juventude dos estudantes, mais familiarizados com essas novas tecnologias. Está aí uma grande semelhança com as ocupações das escolas públicas paulistas: o uso das tecnologias digitais para se comunicarem entre si.

No caso das manifestações na cidade de São Paulo, elas assumiram claramente um caráter particular ligado à produção do espaço na cidade. Travar o trânsito nas avenidas era uma estratégia de luta. Estudantes travaram grandes avenidas da cidade com carteiras escolares, apesar da violenta repressão policial. E fechar avenidas por aqui significa grande desconforto para a metrópole construída para os automóveis. Enquanto o movimento revelava essa particularidade da cidade, característica das grandes metrópoles, adquiria um caráter cosmopolita por se inspirar em outros movimentos realizados em territórios de outros países.

As ocupações das escolas públicas paulistas pegaram de surpresa a sociedade brasileira, pois é senso comum a ideia de que a escola pública é depositária daqueles que não tiveram oportunidades, ou seja, de despossuídos, geralmente violentos, ignorantes, sem senso crítico e desprezíveis.

Em São Paulo, rapidamente, as ocupações se espalharam pelas mais diferentes escolas estaduais da cidade, periféricas ou não, como mostra o mapa a seguir. Essa amplitude do movimento por diferenciados lugares, cujas populações apresentam poderes aquisitivos altos ou baixos, contribuiu para que ganhasse o apoio das mais variadas camadas sociais.

Figura 12 - MAPA DAS ESCOLAS OCUPADAS NA CIDADE DE SÃO PAULO



Fonte: Mapa elaborado por estudantes da disciplina Estágio Supervisionado de Ensino de Geografia e Material Didático- FFLCH - Departamento de Geografia- USP-2014/2015.

Essa autodeterminação dos estudantes em defesa da escola pública de qualidade fez aumentar a auto-estima da comunidade escolar das escolas públicas e causar transformações positivas até no ambiente familiar como expressa a charge abaixo.

Figura 13 - Charge feita durante o período de ocupação das escolas. (2015)[40]

Para o professor da USP, Pablo Ortellado[41], uma das molas impulsionadoras desse movimento foi também os fortes protestos urbanos que ocorreram no Brasil em 2013, contra o reajuste das tarifas dos transportes públicos, o chamado movimento pelo passe livre:

> Acho que essas experiências das ocupações das escolas está muito..., ela é, em muitos sentidos, herdeira dos protestos de junho. Em 1° lugar porque junho reintroduziu na pauta da política brasileira a ideia que pode-se conseguir mudanças concretas por meio da desobediência civil e da ação direta. Era a prática de que, a ideia de que o protesto de rua é um meio de transformação efetiva ela tinha sido mais ou menos

[40] www.chargeonline.com.br, acessado em 23/01/2016
[41] https://www.youtube.com/watch?v=LK9Ri2prfNw, acessado em 23/03/2016

> abandonada nos anos 80 quando o Partido dos Trabalhadores do Brasil optou pela via institucional. Isso abriu um precedente e estabeleceu um paradigma de vitória porque junho fez com que 70% da população urbana tivesse redução do aumento das passagens. Desde então, essa, digamos, o protesto de rua, as ocupações e essas formas de desobediência civil de ação direta, elas entraram, elas entraram não, elas voltaram para o repertório político brasileiro e, eu acho que, nesse sentido, elas são antecedente importante para entender a dimensão e a força que a ocupação das escolas teve.

As ocupações, ou seja, esse forte movimento autônomo de desobediência civil fez também com que os meios de comunicação tivessem dificuldade de atacá-lo, pois, quando diziam que esse era um movimento de invasão das escolas, os estudantes respondiam que era um movimento de ocupação tendo em vista que não se pode invadir o que já a eles pertence e lhes é de direito.

Figura 14 - Cozinha de escola na região central da cidade de São Paulo ocupada pelos alunos. Hora de preparação do almoço. Dezembro de 2015. Foto do autor.

A apropriação do espaço escolar empoderou estudantes e fez com que acreditassem que a realidade escolar pode ser mudada se agirem e se se reconhecerem como parte integrante e ativa nas decisões escolares. Até

momentos de preparação das refeições, como na mostra a figura 14, eram momentos de aprendizagem. Eles aprendiam na prática lições de cidadania, direitos humanos, política, organização e convivência**.** O filósofo e pedagogo, professor emérito da Unicamp, Dermeval Saviani[42], visitando a escola Estadual Carlos Gomes no centro de Campinas, observou:

> Fui lá conversar com os alunos e percebi a seriedade deles, a capacidade de visão da importância da educação, a atenção para o risco da entrada de estranhos na escola para depredar e culpá-los.

Também a vice coordenadora da pós graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, a professora Branca Jurema Ponce[43] declara:

> É um brinde a uma nova concepção de escola, de conhecimento escolar, de currículo. O currículo escolar também é isso, tem de preparar o sujeito para a cidadania. É uma forma também de os pais, de os próprios alunos se formarem para a participação

e diz mais:

> Bendito seja esse movimento estudantil de jovens de 15 a 18 anos, num momento tão importante, formador. São garotos que trouxeram de volta uma esperança grande, que foi deixada de lado, e que vão levar para sempre essa reflexão.

Por meio de ações autogestionárias, os alunos puderam descobrir que possuíam poder, que podiam transformar o mundo a sua volta, que eram capazes de tomar decisões, de formular suas próprias ideias.

Feitas as ocupações, como imaginar que poderiam gerir de forma autônoma essas escolas, conservando-as e as melhorando em tão pouco tempo? Parece que a capacidade criadora desses estudantes estava oculta por formas de gestão escolar que a ignora. De forma geral, os diretores de escolas são autoritários e geralmente os professores não dão espaço para que os alunos se expressem. As relações costumam ser de não ouvir uns aos outros o que

---

[42] http://www.redebrasilatual.com.br/educacao/2016/01/pedagogia-da-cidadania-as-licoes-dos-estudantes-para-2016-1135.html, acessado 10/04/2016.

[43] http://www.redebrasilatual.com.br/educacao/2016/01/pedagogia-da-cidadania-as-licoes-dos-estudantes-para-2016-1135.html, acessado em 10/04/2016.

contraria o que defende o professor PAULO FREIRE (2003:113) quando diz que ensinar exige saber escutar:

> Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala *com ele*. O que jamais faz quem aprende a escutar para poder falar com é falar *impositivamente*... O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala *com* ele.

Figura 15 - Passeata dos estudantes secundaristas pela Avenida Nove de Julho em dezembro de 2015. Foto de Joca Duarte.

Objetivando escutar alunos que participaram das ocupações encontramos na rede mundial de computadores, a internet, farto material sobre esse movimento. Em um documentário[44] de Carlos Pronzato, lá disponibilizado, intitulado *Acabou a Paz - Isto aqui vai virar o Chile*, encontramos depoimentos que revelam os motivos desse movimento: a superlotação de salas que impossibilita um bom aprendizado; a distância da moradia até a nova escola imposta pelo governo; o sentimento de pertencimento violentado e a possível ocorrência de desestruturação familiar. Vejamos alguns deles:

[44] https://www.youtube.com/watch?v=LK9Ri2prfNw, acessado em 18/09/2016

a) a superlotação de salas que impossibilita um bom aprendizado.

A estudante Milena, da Escola Estadual Alberto Conte declara :

> O Alberto Conte não está no plano das reformas, né. O Alberto Conte já é um ciclo só, e não está para ser fechado. Porém, aqui no Alberto Conte nós temos muitos problemas, e um dos nossos principais problemas e que a reorganização ameaçou de prejudicar muito é a superlotação. Aqui nós temos salas que chegam até a 62 alunos na chamada, quando o certo, pelo que os pedagogos e a nossa própria coordenadora nos orientou seria ter no máximo 35 por sala, para que os professores consigam dar conta mesmo de suprir as necessidades dos alunos, e etc. Então a gente ficou pensando: 'se 94 escolas fecham, para onde é que vai (sic) todos esses alunos? Pras escolas que já são superlotadas?

A precariedade das condições de ensino nas escolas públicas estaduais é tanta que esse movimento de ocupação foi como um estopim que acendeu o descontentamento mesmo em escolas que não estavam programadas para a chamada reorganização escolar. Esse descontentamento vem de longe. Há décadas o descaso com a educação é denunciado pelos professores, como podemos observar na greve dos professores realizada no ano de 2015 (Figura 16).

Essa greve reivindicava além de reajuste salarial, melhores condições de ensino, fim da superlotação das salas, atendimento médico no IAMSPE[45] a todos os professores, incluídos aí os professores da Categoria O.[46]

[45] IAMSPE é O Instituto de Assistência Médica dos Servidores do Estado de São Paulo, que é gestor Hospital do Servidor Estadual.

[46] A Categoria O de docentes no ensino público estadual de São Paulo agrupa professores não concursados que lecionam há anos e são excluídos de alguns direitos, tais como assistência médica pelo IAMSPE.

Figura 16 - Concentração de professores em frente ao Palácio dos Bandeirantes durante greve dos professores em 2015. Foto do autor.

Quando BRUNS e LUQUE (2014:8) escrevem:

> Os professores, contudo, trabalham um número consideravelmente menor de horas, sendo relatada uma média de 30 a 40 horas semanais, em comparação com 40 a 50 horas semanais para outros profissionais de nível superior, técnico e burocrático.

Eles desconsideram toda especificidade do magistério enquanto formadora de cidadãos, e que para isso essa profissão requer tempo de reflexão, estudos, planejamento de ações pedagógicas. Difere das máquinas, da automação.

No cartaz da Figura 17 a professora reivindica menor número de alunos e melhores condições de trabalho o que vai no sentido contrário das orientações do Banco Mundial.

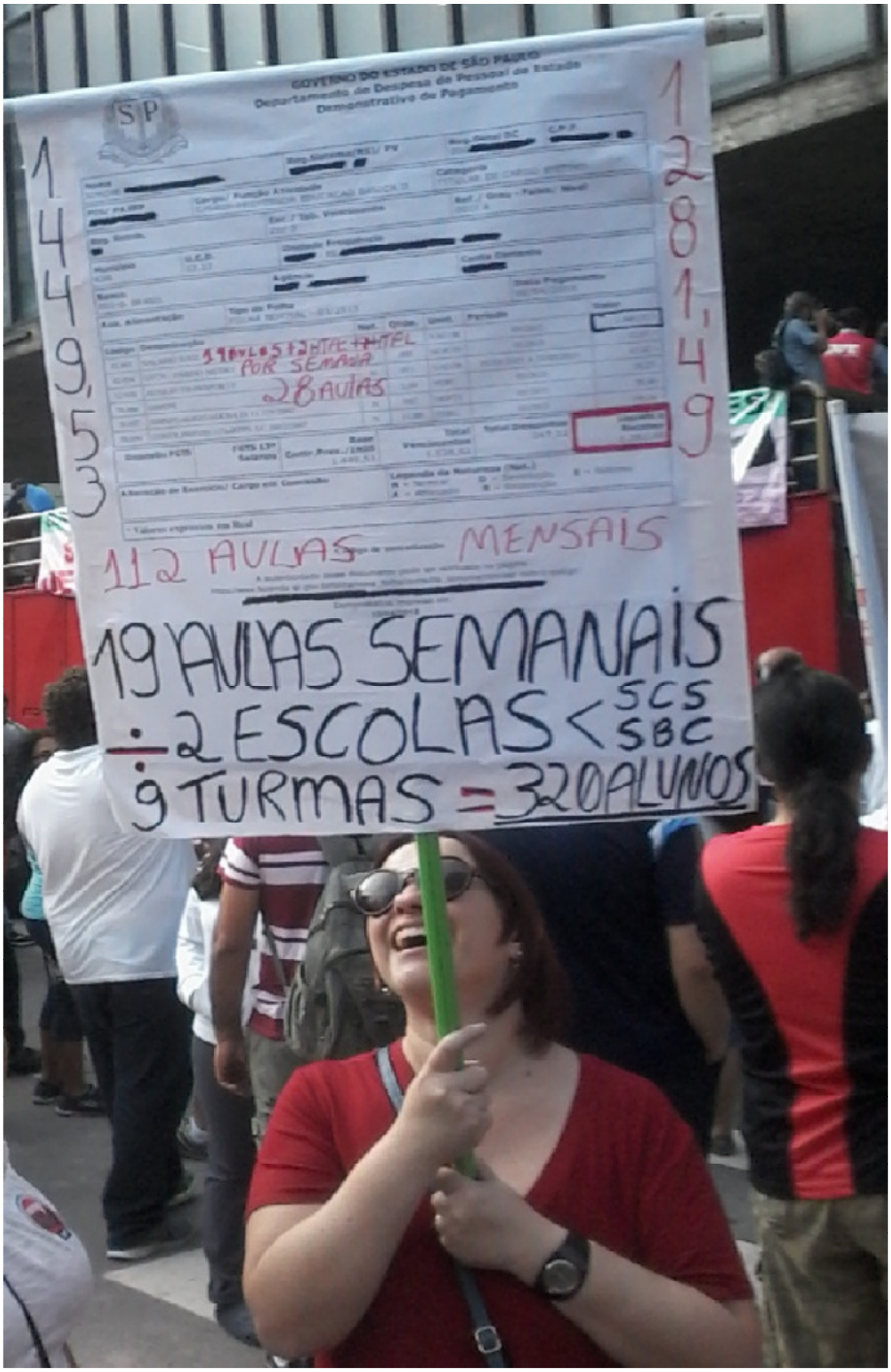


Figura 17 - Manifestante durante assembleia de professores em frente ao Museu de Arte de São Paulo durante greve dos professores em 2015. Foto do autor.

Ora, se a qualidade da educação também está ligada à quantidade de alunos em salas de aula e o governo do estado argumenta que houve uma diminuição da demanda por vagas nas escolas estaduais, não seria esse o momento propício para diminuição drástica do número de alunos por sala de aula?

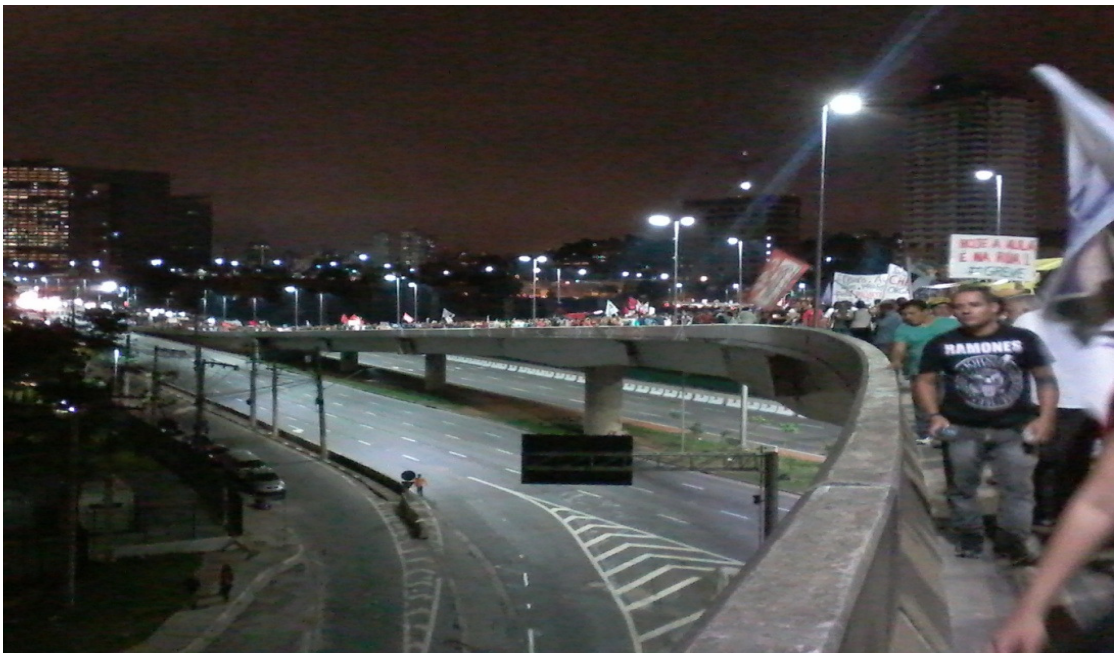


Figura 18 - Passeata dos professores passando sobre ponte da Marginal Pinheiros em direção à sede da Rede Globo para protestar contra postura de cumplicidade editorial da empresa com as políticas educacionais do governo estadual em 2015. Foto do autor.

A fragilidade do discurso não consegue esconder as estratégias de sucateamento do ensino. Sobre essa superlotação, o aluno Joaquim da Escola Estadual Joaquim Adolfo, conhecida como Corujinha, diz:

> 80 alunos numa sala, mas só cabe 30. Aí não tem condições né. Aí muita gente no final do ano, no meio do ano, vai falar: 'eu quero desistir'. Para o estudo, 'no ano que vem eu continuo', no ano que vem não começa de novo, e assim vai...

Chama a atenção os números da evasão escolar no estado. A estrutura física e pedagógica das escolas, além das superlotações das salas, torna o estar na escola um verdadeiro inferno para alunos e professores. Também reclama da superlotação a aluna Natália (Escola Estadual Joaquim Adolfo, o Corujinha):

> Que nem, eu moro perto daqui, perto da escola, e eu não queria ir pra outra escola porque eu sempre estudei aqui, me apeguei a aqui. E que nem, eu trabalho, não ia para o Esaltino com mais de 70 alunos dentro de uma sala de aula. Eu não ia.

Essa política educacional vigente acaba sendo uma forma de expulsão silenciosa dos alunos da sala de aula ao invés de ser uma política que estimula a criação de espaços de acolhimento nas escolas. Isso acelera a evasão escolar.

b) a distância da moradia até a nova escola

A determinação, pela Secretaria da Educação de para onde o aluno remanejado deveria ir, foi feita de cima para baixo sem levar em consideração as especificidades geográficas dos lugares. Por exemplo, em algumas escolas os alunos teriam que atravessar, em direção à escola, áreas de tráfico e consumo de drogas, outros teriam que atravessar regiões de alagamento, impossíveis de passar em dias de chuva, outros teriam seus percursos acrescidos em quilômetros. Segundo Manuela, da Escola Estadual Augusto Comte, diz:

> A distância: você estudava na rua de casa ou a 20 minutos andando. Agora você vai ter que pegar um ônibus enfrentar um trânsito de 1 hora e meia em São Paulo às 6 da manhã, né. Você vai ter que acordar às 5, às 4, ou seja, você já acordava cedo, vai ter que acordar bem mais. E quantos jovens não abandonam a escola por causa desse mesmo motivo?

De novo a mesma questão: construir uma escola acolhedora e facilitadora do ensino-aprendizado ou uma escola excludente? As dificuldades de acesso e a superlotação de salas afastam e não aproximam os alunos da Escola. Se já existe a desmotivação devido à falta de infraestrutura das escolas, essas dificuldades aprofundam o descontentamento dos alunos para com a escola, potencializando a evasão escolar.

c) o sentimento de pertencimento violentado

O sentimento de pertencimento a um grupo, a uma comunidade é um elemento construtor da identidade das pessoas. A escola é o lugar da construção de laços de afetividade, de descobertas, da curiosidade, da convivência com as diferenças, ou seja, do conviver com e no espaço público. Romper esses laços que se estabelecem no cotidiano é uma forma sutil e poderosa de violência. Observamos isso nos seguintes depoimentos encontrados na internet:

Douglas, da Escola Estadual Diadema:

> Porque quando você tá na mesma escola desde os 6 anos, até os 18, 17 você começa a criar um vínculo com aquele lugar. Uma escola de ciclo único, que tenha todos os ciclos, ela só traz a ganhar pras pessoas porque um aluno que vem sendo preparado na mesma escola que ele tá sendo ali disciplinado, que ele tá ali crescendo ali na escola, todo naquele âmbito escolar, só traz melhorias. Quando você tem aquele sentimento de que você pertence a um lugar, fica mais fácil de você poder construir aquele lugar, fica mais fácil de você participar, fica mais fácil daquilo também ter a sua cara.

Ariane (E.E. Godofredo):

> Essa reorganização chegou do nada, chegou no finzinho do ano, e, tipo, chegou do nada, e, tipo, todo mundo não concordou porque a gente gosta daqui como se fosse a nossa casa, então a gente não quer sair daqui por causa que ele acha que é melhor fazer isso. Até porque a gente sabe que não vai melhorar.

Rafaela (E.E. Diadema):

> Vê que um cara, que ele chega e quer mudar simplesmente todos os alunos de lugar e me tirar da escola onde eu cresci, aonde eu estou eu e meus amigos, é uma coisa extremamente absurda e que a gente não poderia e nós não vamos deixar que ele faça isso.

Esse sentimento de pertencer a um lugar pode favorecer o desenvolvimento humano na medida em que reforça laços culturais e afetivos entre as pessoas, faz-nos sentir pertencer a um grupo, nos dá maior sensação de segurança e paz. Faz fluir melhor a vida. Podemos verificar isso nas falas desses alunos ao dizerem "você começa a criar um vínculo com aquele lugar", "fica mais fácil de você poder construir aquele lugar, fica mais fácil de você participar, fica mais fácil daquilo também ter a sua cara", "todo mundo não concordou porque a gente gosta daqui como se fosse a nossa casa, então a gente não quer sair daqui por causa que ele acha que é melhor fazer isso", "quer mudar simplesmente todos os alunos de lugar e me tirar da escola onde eu cresci, aonde eu estou eu e meus amigos, é uma coisa extremamente absurda". Sobre esse sentimento de se pertencer a um lugar numa metrópole como São Paulo, MASSEY(2000:181) escreve:

> Alguns vão adiante e sustentam que, no meio de todo esse fluxo, as pessoas precisam desesperadamente de um pouco de paz e silêncio - e que um sentido forte do lugar, da localidade, pode ser um tipo de refúgio do tumulto. Então, a busca pelo "verdadeiro" significado do lugares, a exumação de heranças, e assim por diante, interpretam-se como sendo, em parte, uma resposta ao desejo de fixidez e de segurança da identidade em meio a todo esse movimento e mudança. Um "sentido de lugar", de enraizamento, pode fornecer - nessa forma e sob essa interpretação - estabilidade e uma fonte de identidade não problemática**.**

Sentir que pertencemos a um lugar nos tranquiliza. Se as pessoas têm identidades múltiplas, o mesmo se pode dizer dos lugares. Essa riqueza de identidades múltiplas dos lugares que são produzidas em uma metrópole como São Paulo pode ser fonte de riqueza e contraditoriamente, também de conflitos. Aspectos tão importantes para as comunidades escolares, especialmente o mundo estudantil, tais como esses laços afetivos que se criam nas escolas e esse sentimento de pertencimento ao lugar foi esquecido pela lógica racionalista do modelo de reorganização escolar proposto.

d) a desestruturação familiar

As famílias se organizam de acordo com o lugar de ensino de seus filhos o que inclui desde contato com vizinhos que tem filhos na mesma escola até como levar os filhos menores até a ela. A estudante Manuela, da Escola Estadual Augusto Comte, diz sobre isso:

> Uma mãe que tem dois filhos, um filho tá no Ensino Médio e outro tá no Ensino Fundamental, esse filho geralmente levava o filho mais novo para a escola. Só que agora, com a reorganização, o filho mais novo vai ter que ir pra um lugar e o mais velho vai ter que ir para outro, ou seja, vai ter que existir alguém pra levar esse mais novo.

Dessa forma, revela-se mais um obstáculo criado pela chamada reorganização escolar para o avanço qualitativo do ensino, considerando que a escola deve ter uma relação amistosa e facilitadora com as comunidades escolares e não o contrário. Opondo-se à proposta do governo e com muita disposição os estudantes demonstraram grande maturidade, apesar da pouca idade, na organização das ocupações.

4.2 - A organização nas ocupações

Com as escolas sob seu controle, os estudantes organizaram-se em equipes (de segurança, de contato com a imprensa, de alimentação, de alojamento, de limpeza) e passaram a decidir em assembleias os rumos no movimento. Segundo Mauro Donato:

> Não dá pra afirmar que eles tenham passado à base de pão e água mas esses eram os itens mais comuns entre as doações que receberam. Depois vinham macarrão e óleo. Também não da para dizer que estivessem em uma colônia de férias pois era preciso cozinhar, limpar os banheiros, varrer o pátio, dormir no chão e muitas vezes tomar banho no cano com água fria. Era necessário fazer vigília 24 horas por dia...

Foi necessário fazer vigília 24 horas por dia porque foram registrados casos de invasão de escolas, enquanto estudantes as ocupavam, por grupos estranhos ao meio escolar, de difícil identificação. As escolas se transformaram em espaços livres para práticas artísticas e de debates. Na Figura 19 podemos observar um encontro dos estudantes com a cartunista Laerte na Escola Estadual Fernão Dias.

Figura 19 - Aula pública com a cartunista Laerte na E. E. Fernão Dias. Foto: Rovena Rosa/Agência Brasil.

Também organizaram oficinas diversas, manifestações teatrais e saraus. Passaram a ter aulas de disciplinas que não constam da grade curricular das escolas. Por meio das redes sociais, milhares de pessoas se alistaram para oferecer oficinas e palestras gratuitamente a esses alunos.

Organizando-se horizontalmente, ou seja, envolvendo diretamente os estudantes dos lugares ocupados nas ações e decisões por meio das redes sociais, garantiram a expressividade do movimento. Isso foi fundamental para a vitória do movimento. Não havia "chefe" ou "dirigente maior" no movimento. Nas passeatas, sequer possuíam carros de som. Na Avenida Paulista, por exemplo, numa concentração com aproximadamente 10 mil pessoas, as orientações eram feitas por meio de jogral.

Claro que havia lideranças, mas essas estavam submetidas constantemente às decisões de base. Sendo assim, dificultou-se as ações repressivas sobre líderes do movimento. As decisões eram tomadas na base desse movimento e articuladas com um comando geral formado com representação de cada escola ocupada. Uma forma de organização horizontal poucas vezes vista nos movimentos sociais. Esse comando das escolas ocupadas, com endereço nas redes sociais e contando com a participação de representantes de cada escola, atendia a imprensa com leituras de cartas abertas contendo suas reivindicações e posições.

Além desse movimento representar uma forma de apropriação de espaços públicos, algo fundamental em se tratando de escolas, ele deixou claro que essa era uma luta contra a precarização do sistema educacional, ou seja, estava ao lado dos professores e da população em geral por um ensino público de qualidade: sem salas superlotadas, com melhores equipamentos escolares, com uma remuneração digna aos professores e por uma escola mais democrática.

Figura 20 - Passeata dos estudantes secundaristas pela Avenida Paulista, sempre acompanhada por forte aparato policial, em dezembro de 2015. Foto de Joca Duarte.

Esses protestos contra a chamada reorganização escolar e por melhores condições de ensino chamaram a atenção da opinião pública e ganharam importantes apoios dos movimentos populares, de artistas e intelectuais. Professores de diversas instituições de ensino lançaram manifestos de apoio. (Anexos 06 e 07). Em nota divulgada por professores, estudantes e funcionários da Faculdade de Educação da Unicamp, estes repudiam a forma autoritária que a reorganização estava sendo imposta:

> No dia 23 de setembro de 2015, fomos informados, via imprensa, que a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEE-SP) irá fazer uma grande reestruturação das escolas da rede paulista de educação básica. A forma como todos nós, professores, estudantes, pais e pesquisadores soubemos deste projeto de reorganização escolar já é, por si só, motivo de preocupação. Não foi apresentado publicamente o projeto da reestruturação, assim como não foi realizada nenhuma consulta pública sobre a nova proposta. Parece que o governo Geraldo Alckmin se recusa a debater de forma transparente e democrática essa grande mudança, que afetará milhares de professores e milhões de estudantes. Por isso, a

> surpresa generalizada e a reação marcadamente contrária ao projeto de reorganização.

E mais à frente denunciam o que cada vez mais vai ao sentido de privatização do ensino básico no estado de São Paulo:

> Está subentendido na reestruturação que o projeto do governo é completar o processo de municipalização do Ensino Fundamental. Isso está explícito no Projeto de Plano Estadual de Educação, encaminhado pelo executivo estadual para a Assembleia Legislativa de São Paulo. Conforme indicado na meta 21 desse projeto o objetivo é "promover, até o final da vigência do Plano Estadual de Educação (PEE), a municipalização dos anos iniciais do Ensino Fundamental". A reorganização da escola por ciclos já cria a estrutura adequada para intensificar o processo de municipalização também do ciclo II do Ensino fundamental. Estudos demonstram que a municipalização tem sido um terreno fértil para os processos de privatização da escola pública, seja com a aquisição dos denominados "sistemas de ensino" de escolas privadas, via o apostilamento, para ampliação das contratações terceirizadas, com as parcerias público-privadas e/ou com os contratos de gestão privada para o ensino público.

Apontam ainda que a flexibilização do currículo é o caminho para as parcerias público/privadas na educação:

> O projeto do governo é ampliar as Escolas de Tempo Integral para 50% das escolas estaduais e dentro delas as parcerias com a iniciativa privada. No Projeto de Plano Estadual de Educação encaminhado pelo governo, podemos demonstrar esses objetivos. A estratégia 6.7, que trata do Ensino em Tempo Integral, diz: "Estimular, em regime de colaboração, a apropriação dos espaços e equipamentos públicos e privados, articulando ações entre esses e as escolas, de forma a viabilizar a extensão do tempo de permanência do aluno em atividades correlacionadas ao currículo". Para esse projeto são necessárias as escolas de ciclo único.
> É nesse contexto que a flexibilização curricular é também proposta, pois abre mais espaço para as parcerias com o setor privado, que passam a atingir diretamente as atividades correlacionadas ao currículo. A lógica empresarial passa a orientar ainda mais a organização da escola. Não à toa a meta 22 do Plano Estadual de Educação apresentado pelo governo, que dispõe sobre a implementação do "novo modelo de Ensino Médio, com

> organização curricular flexível e diversificada" assume todo o linguajar empresarial, colocando como meta para o Ensino Médio, garantir "acesso ao conhecimento como instrumento para a cidadania, o desenvolvimento de competências e habilidades, necessárias ao prosseguimento de estudos e que favoreçam a empregabilidade".
> A partir dessa flexibilização do currículo, será possível criar diversas novas subcategorias de professores. Além de todas as formas de contratação feitas diretamente pelo Estado, abre-se a possibilidade de, no interior das escolas estaduais, professores e educadores serem contratados via parcerias privadas para "viabilizar a extensão do tempo de permanência do aluno em atividades correlacionadas ao currículo", aumentando a terceirização nas escolas e podendo atingir até mesmo algumas funções docentes.

O que podemos constatar por meio dessa análise da comunidade da Unicamp é a grande identidade de interesses do governo do Estado de São Paulo quando apresentou o seu projeto de reorganização escolar e o governo federal ao apresentar a Medida Provisória 746 de 22 de setembro de 2016 que propõe a reestruturação do Ensino Médio do Brasil. Interesses esses estratégicos para a mercantilização da educação básica no Brasil.

Também artistas e intelectuais brasileiros se manifestaram em apoio aos estudantes, contra as tentativas de criminalizar o movimento e contra a forte repressão policial que ele sofreu bem como elogiam a auto organização estudantil:

> Para agravar a situação, de forma covarde o governo conclama a uma "guerra" contra os estudantes que tiveram que ocupar suas escolas para serem ouvidos. Estão amplamente registrados todos os tipos de agressão, intimidação, coação e diversas ilegalidades por parte da polícia e de agentes públicos na tentativa de "desqualificar" ou "desmoralizar" o movimento enquanto supostamente se consolida o projeto como um fato consumado.
>
> Ao contrário das tentativas, o que temos visto são estudantes com muita convicção e firmeza, reforçando como nunca sua identidade com as escolas, cuidando dos espaços públicos, sendo protagonistas das programações de aulas públicas, de eventos culturais e esportivos.

A repressão policial exercida sobre os estudantes levou entidades da sociedade civil a denunciá-la em organismos internacionais. Dentre as organizações que receberam essas denuncias está a OEA (Organização dos Estados Americanos).

Artistas populares no Brasil, aí incluído Chico Buarque de Hollanda, gravaram um *clip* em homenagem aos estudantes com a música de Dani Black, O Trono do Estudar.[47] Além disso, muitos deles organizaram shows nas escolas em apoio às ocupações. O artista plástico Geandre Tomafon criou uma imagem, muito difundidas durante os protestos nas ruas, que expressava a necessidade de escolas livres e democráticas: uma carteira com asas.

Figura 21 - Carteira com asas, criação do artista Geandre Tomafon,2015. Foto do Autor.

[47] https://www.youtube.com/watch?v=14NqOdRY_Ls, acessado em 16/09/2016.

Cabe ressaltar que as negociações dos movimentos ligados à educação têm sido muito difíceis nos últimos 22 anos no estado de São Paulo. Em 2015, os professores da educação pública do Estado estiveram em greve durante noventa dias por melhores condições de trabalho e por recomposição salarial. Voltaram ao trabalho derrotados, inclusive com desconto dos dias parados. Outro grande empecilho à melhoria das escolas públicas tem sido a omissão ou conivência dos grandes meios de comunicação com relação ao estado lastimável do ensino público. Curioso é constatar que grandes grupos privados de ensino são também grandes anunciantes em rádio e TVs, inclusive dos seus telejornais. Parece sempre insuficiente a grande simpatia que a população em geral tem pelas causas defendidas por professores e estudantes. Mesmo contando com forte apoio, as suas principais reivindicações não são atendidas. Há uma cumplicidade dos meios de comunicação para com os governos quanto à implementação dos planos neoliberais para a educação. Isso revela o fato de que existe um projeto das elites brasileiras, aliadas do sistema financeiro, para a educação. Corroborando com esse projeto e atendendo a uma demanda do Banco Mundial, BRUNS E LUQUE (2014:49) escrevem:

> Os líderes políticos podem criar alianças pró- reformas eficazes com líderes empresariais e a sociedade civil por meio de campanhas de comunicações que expõem claramente as falhas do sistema educacional e a importância da melhoria na educação para a competitividade econômica. Unir de forma bem-sucedida dois lados do triângulo de interessados (sociedade civil e governo) em um diálogo com o terceiro (professores organizados) pode criar espaço político para a adoção de reformas, incluindo três delas que desafiam os interesses dos sindicatos (avaliação de desempenho individual do professor, pagamento diferenciado por desempenho e perda da estabilidade do emprego).

A produção de políticas privatizantes precisa de discursos vinculados por meio de mídias diversas que legitimem a mercantilização do que é público. Esse projeto cria impasse entre sindicatos e governos à medida que ocorrem conflitos de interesses. Discursos governamentais, principalmente em períodos eleitorais, declaram perseguir melhores níveis educacionais em nossas escolas mas na prática o que percebemos é a sua deterioração dia a dia. Crianças e

jovens tendo apenas bolachas com leite ou chá como merenda. Faltam funcionários, faltam materiais, impressoras e até papel higiênico nas escolas.

Muitos setores sociais se unem em lutas para a melhoria da escola pública. Essa passeata na Avenida Paulista, por exemplo, demonstrou o grande apoio que as ocupações das escolas tiveram de trabalhadores de diversas categorias, dos sem teto, dos sem terra e de estudantes universitários.

Figura 22 - Passeata dos estudantes secundaristas das ocupações de escolas, com o apoio de movimentos populares, pela Avenida Paulista em dezembro de 2015. Foto do autor.

3 - Uma geração que se revela.

Quem é essa nova geração que promove tal movimento? Ela carrega pouco dos modelos de organização do passado e aponta novas formas de organização social. Ela começa a ler o mundo de uma forma menos esquemática que as gerações anteriores; desconfia da imprensa e também dos

partidos políticos; estranha a verticalidade do poder estatal; tem um número muito maior de informações do que seus pais e avós; são raros os que nela relógio, substituído pelo celular; informa-se pela internet e raramente lê jornais impressos; tende a deixar cada vez mais as programações tradicionais da televisão e principalmente, articula-se cada vez mais pelas redes sociais, o que faz com que tenha soluções rápidas para os problemas cotidianos que enfrenta. Suas reivindicações transcenderam em direção a questões mais gerais, como poderemos ver na figura seguinte.

Figura 23 - " A luta é 1 só! Contra o conformismo, a homofobia, o machismo, o racismo e a reorganização" Cartaz exibido em passeata dos estudantes secundaristas pela Avenida Paulista em dezembro de 2015. Foto de Joca Duarte.

Foi notável nesse movimento a presença massiva de mulheres e alunos identificados com as causas LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais), incorporando novas temáticas relacionadas aos direitos humanos ao movimento. Estava escrito nas faixas de inúmeras manifestações: "lutem como as meninas". Segundo MASSEY (2000:178) há muito mais coisas determinando nossa vivência do espaço além do "capital". Existe aí também uma questão de gênero. Sobre as mulheres ela escreve:

> O quanto podemos nos deslocar entre países, caminhar à noite pelas ruas ou sair de hotéis em cidades estrangeiras, por exemplo, sofre restrições - de inúmeras

> maneiras diferentes, da violência física ao fato de ser assediada, ou de ser simplesmente obrigada a sentir-se "fora do lugar" - não pelo "capital", mas pelos homens.

Além da opressão em si, enquanto mulheres, não é nada fácil, por exemplo, no espaço escolar, para uma adolescente assumir-se homossexual e reivindicar relações equânimes entre gêneros numa sociedade machista. Quase que instintivamente, isso pode impulsioná-la em direção a lutas por uma sociedade que seja emancipadora.

Figura 24 - Charge ironizando a "rebeldia" dos alunos em relação aos pais durante a ocupação das escolas pelos estudantes secundarista em 2015. [48]

No movimento de ocupação das escolas, as mulheres lideraram ocupações e encabeçaram significativos enfrentamentos com as forças militares, como podemos ver em fotos divulgadas pela mídia.

48

https://www.google.com.br/search?q=charges+laerte&biw=1366&bih=643&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&sqi=2&ved=0ahUKEwjQotiVlfjNAhVGF5AKHaMWD8sQsAQIJw#imgrc=X37GCqF_6xrSEM%3A, acessado em 22/10/2015.

Figura 25 Garota enfrenta Policial Militar em manifestação de rua (2015) [49]

Foi significativa a participação dessa juventude, que foi ativa durante o movimento de ocupação das escolas e em outras manifestações populares tais como a luta contra a redução da maioridade penal e mulheres contra a cultura do estupro. Essa nova geração é potente para incidir significativamente nas lutas sociais brasileiras no próximo período.

As ocupações das escolas públicas paulistas, rebeliões inesperadas pela sociedade brasileira, inspiradas em movimentos internacionais e inspiradoras de outros movimentos, tiveram como objetivo a luta contra a reorganização escolar proposta pelo governo do estado. Nessas ocupações, a apropriação do espaço escolar empoderou estudantes e fez com que acreditassem que a realidade escolar pode ser mudada se agirem e se reconhecerem como parte integrante e ativa nas decisões escolares. Eles revindicaram uma escola pública de qualidade que fosse democrática. Também fizeram das escolas espaços da criação, do conhecimento, do debate e da festa. Uma criatividade possível de ser exercida, no cotidiano escolar, nas salas ambiente.

[49] http://www.ncstsp.org.br/artigos/resistencia-estudantil-faz-alckimin-suspender-fechamento-de-escolas/ acessado em 05/01/2016.

5 - As salas ambiente: uma experiência que alivia o corpo e a mente num ambiente de confinamento

5.1 - As salas ambiente

As recentes ocupações das escolas públicas paulistas revelaram um inequívoco questionamento do espaço escolar quanto à sua gestão, sua estruturação física e seus saberes, por exemplo. Nesse contexto a adoção de salas ambiente pode contribuir para a solução de muitos impasses e conflitos enfrentados atualmente pelas escolas. As salas ambiente se apresentam como possibilidade de distensionamento num determinado espaço escolar, geralmente confinado, ou seja, podem possibilitar uma ampliação dos horizontes de aprendizado em que, literalmente, o corpo discente, enquanto conjunto de corpos e mentes, pode apropriar-se mais amplamente do ambiente escolar como um todo, facilitando o ensino-aprendizagem.

Primeiramente, é preciso considerar que a existência de salas ambiente não é o elixir que cura todos os males da Escola pública tendo em vista que diversos fatores influenciam na construção de uma escola de qualidade e cidadã e, também que a existência de salas ambiente não é uma prescrição que pode ser aplicada em toda e qualquer comunidade escolar. Este é um estudo específico que pode servir como contribuição para práticas pedagógicas em escolas não pré-determinadas. Por exemplo, uma das condições elementares para a sua adoção é a existência de um número suficiente de salas na escola que comportem atividades pedagógicas de todas as disciplinas. Também há de se considerar as desigualdades regionais existentes no país. Enquanto numas regiões se discute a adoção de lousas digitais em algumas escolas (principalmente no sul do país), em outras solicita-se lousas em melhores condições. Há de se considerar aspectos específicos de cada escola, que possuem ritmos, condições ambientais, aspirações e desenvolvimento diferenciados. É sempre necessário observar essa especificidade do lugar ao propor novas metodologias e novas ações pedagógicas.

Justificando a implantação de salas ambiente em um colégio do Mato Grosso[50], o professor Venilto Rocha de Oliveira[51], observa:

> Quando se observa o homem em movimento pelo ambiente em que vive é notório o fato de que ele sempre procura moldar esse ambiente de acordo com suas necessidades pessoais, levando em conta principalmente o conforto e o bem estar. Basta andar pela rua, observar as casas, suas formas arquitetônicas e sua distribuição interna para perceber como cada um constrói e organiza o espaço seguindo gostos peculiares, às vezes próximos, porém na maioria das vezes bem diferentes uns dos outros. E quando se compara a organização humana no decorrer dos séculos é fácil perceber que os tempos e as circunstâncias exercem uma força muito grande levando o homem a se adaptar constantemente a fim de satisfazer suas necessidades primárias e secundárias.

e mais à frente acrescenta:

> é apenas dos homens a capacidade de modificar o ambiente para adaptá-lo conforme sua necessidade. Negar ao homem a possibilidade de escolher e de modificar o ambiente em que vive significa elevá-lo à condição de um ser irracional, que simplesmente passa pela vida, sem sonhos, sem conquistas, sem a alegria de ousar e de viver.

São propostos inúmeros planos políticos pedagógicos em escolas, porém tarefas e atividades inovadoras exigem contextos físicos adequados e muitas vezes acabamos delegando principalmente aos professores a implementação de planos políticos pedagógicos inovadores, deixando de lado a estruturação física do espaço escolar. Esse pretenso discurso inovador é barrado, na prática, na sala de aula que permanece como há anos atrás a giz, lousa e discurso. Não que não possa ser interessante ter aulas a base de giz e lousa. O problema é se limitar a isso.

Comparando a sala de aula à nossa casa, o professor OLIVEIRA escreve:

> Imagine-se no entanto, a mudança para uma casa com tudo arrumado antes que nada pode ser tirado do lugar.

[50] Como justificativa para implantar salas ambiente nesse colégio adventista no Mato Grosso foi tomado como referência à melhoria na qualidade do ensino observada em escolas públicas no Estado de São Paulo que tiveram as salas ambiente.

[51] http://naescolaenolar.blogspot.com.br/2011/03/implementacao-da-sala-ambiente-uma.html, acessado em 01/08/2016.

> Não dá pra se viver assim, é preciso reorganizar as coisas e fazer com que fiquem conforme o jeito que se quer, de uma forma que se adapte à maneira pessoal de ser. E de acordo com o objetivo ou a necessidade que se tem, as coisas à volta são dispostas. Escolhe-se uma ou outra disposição do ambiente de acordo com os objetivos que se quer alcançar.
> Se o objetivo é descansar numa rede então se coloca nas paredes da varanda dois suportes e a pendura ali, quando decora a casa. Contudo num dia de frio é preciso aquecer o corpo ao sol, porém não se compra outra rede para isso, mas amarra-se a mesma rede em duas árvores no quintal para se ficar ao sol. É assim que funciona na casa, no lazer e no trabalho.
> Na escola, o princípio é o mesmo.

Parece evidente que é o espaço escolar que deve ser modificado para se adaptar às novas estratégias de ensino-aprendizado e não o contrário. A vida cotidiana nas escolas deve estar sempre aberta ao imprevisto, ao surpreendente, à criação. Isso se torna possível com salas ambiente e faz-nos lembrar LEFEBVRE (1975:215) quando ele diz que

> deve-se determinar seus pontos críticos de crise, de transformação em outra coisa; deve-se captar o ponto e o instante em que uma ação suplementar relativamente fraca pode produzir o resultado decisivo (1975, p.215).

Na mobilidade e no fluxo de ideias e pessoas, proporcionados pela prática de salas ambiente pode se apresentar um campo aberto para sinapses. Práticas socioespaciais consideradas “pequenas”, tais como recepcionar os alunos assim que entram em sala podem gerar resultados surpreendentes como o crescimento do respeito e da afetividade entre docentes/discentes. Gentileza gera gentileza. Pequenos gestos podem encadear surpreendentes aprendizagens no cotidiano escolar.

Estudar salas ambiente é também estudar a produção do espaço escolar, o que o torna necessário e urgente para avançarmos no ensino-aprendizado nas escolas do nosso país. Essa produção do espaço escolar significa conhecimento do lugar que a escola ocupa no seu bairro ou em sua comunidade, suas características socioeconômicas, suas principais carências e

qualidades. Também implica conhecer as principais características psico sociais e culturais dos seus alunos.

Essa preocupação de estudar espaços geográficos específicos encontramos nos escritos de FOUCAULT (1998:212):

> seria preciso fazer uma" história dos espaços" – que seria ao mesmo tempo uma "história dos poderes" – que estudasse desde as grandes estratégias da geopolítica até das pequenas táticas do habitat, da arquitetura institucional, da sala de aula ou da organização hospitalar, passando pelas instituições econômicas-políticas. É surpreendente ver como o problema dos espaços levou tanto tempo para aparecer como problema histórico-político: ou o espaço era remetido à "natureza" – ao dado, às determinações primeiras, à geografia física" ou seja, a um tipo de camada "pré-histórica", ou era concebido como local de residência ou de expansão de um povo, de uma cultura, de uma língua ou de um Estado.

Nas ocupações estudantis, não faltaram críticas quanto à estruturação física das escolas, tais como a sua alegada proteção por trancas e cadeados, suas salas inacessíveis, o estado precário das suas instalações. Vimos frequentemente nas mídias sociais alunos arrumando bibliotecas, instalações elétricas, equipamentos dos banheiros, fazendo jardinagem e faxina. Por meio dessas ações eles produziam uma crítica ao espaço escolar.

Percebe-se que a geografia também pode contribuir para a análise desses espaços, tão necessária na contemporaneidade. Nesses espaços geográficos de confinamento, ordens institucionais tentam moldá-los por meio de normas e regimentos. Mesmo quando essas normatizações são passageiras e circunstanciais, ligadas às mudanças de governantes (existem diferenças entre eles, mesmo pertencendo a um mesmo partido político) elas se afirmam como nocivas a educação pública pois descontinuidades administrativas e pedagógicas podem desconstruir ou desorientar Planos Políticos Pedagógicos nas escolas. Como exemplo, podemos constatar a alta rotatividades nas direções das escolas públicas paulistas, sempre comprometidas com as normas e ordens superiores, mesmo que sejam irrealizáveis e contraditórias. Ora se promete implementar o programa Escola da Família em escolas, outras

vezes não. Ora se pretende informatizar todas as salas de aula, as chamadas salas digitais, ora se esquece desse plano. Ora se implementa salas ambiente, ora são desfeitas. Essa descontinuidade de ações pedagógicas e administrativas fragiliza a escola pública, o que facilita a sentido geral dos planos neoliberais privatizantes.

No entanto, mesmo quando passageiras, essas normatizações se apresentam no cotidiano como contínuas vindas de um poder superior "intocável". Nesse sentido explica FOUCAULT(1998:214):

> Ora, as mudanças econômicas do século XVIII tornaram necessário fazer circular os efeitos do poder, por canais cada vez mais sutis, chegando até os próprios indivíduos, seus corpos, seus gestos, cada um de seus desempenhos cotidianos. Que o poder, mesmo tendo uma multiplicidade de homens a gerir, seja tão eficaz quanto se ele se exercesse sobre um só.

Essa circulação dos efeitos do poder é ampliada na medida em que avança a divisão social do trabalho e com ela, as especializações e as visões tecnicistas que dificultam a visão do todo e a crítica social. Avançam assim as diversas formas de alienação, inclusive as espaciais. Esse poder alienante que controla escolas, cego quanto à realidade socioespacial das mesmas, organiza o espaço escolar visando objetivos econômicos e políticos e aí também podemos observar a materialidade desse exercício de poder. A chamada reorganização escolar no estado de São Paulo é um exemplo disso: um plano mirabolante que se chocou com a lógica da vida cotidiana das pessoas. Uma proposta de desorganização social e escolar.

Descontinuidades administrativas, normas burocráticas que não se explicam; pequenos poderes pessoais que parecem expandir-se quando assumem posições hierárquicas de comando e descaso com o patrimônio público são exemplos de práticas escolares condenáveis, por exemplo. Nas recentes ocupações das escolas públicas paulistas um dos fatos que mais chocaram a opinião pública foi a estado de abandono e descaso em que se encontravam diversas escolas. Salas sem portas, sem ventilação e sem pintura. Bibliotecas abandonadas, merenda em estado precário de armazenamento e muita sujeira.

Essas sutilezas presentes no exercício de poder, nesses espaços concebidos, parecem potencializar forças retrógradas que reforçam ações de manutenção do atual estado das coisas nas escolas, sem mudanças. Assim, na vida cotidiana, confunde-se autoridade com autoritarismo, democracia com imposição.

Além disso, nas nossas escolas costuma-se separar mente e corpo, delegando a questão do corpo quase que exclusivamente aos professores de educação física. Parece que os alunos possuem corpos iguais e vazios a serem ordenados e preenchido pela escola. E, infelizmente, nem sempre a formação dos professores de educação física engloba o exercício das ligações entre o corpo e a mente.

Experiência marcante com salas ambiente ocorreu na década de 1960 em escolas públicas na cidade de São Paulo e em algumas cidades do interior paulista nas chamadas Escolas Vocacionais. Essas escolas foram criadas por meio da Lei Estadual do Ensino Industrial - Lei número 6.052/61[52], como exigência de adaptação à reforma no âmbito federal - Lei 3.552/59[53]. Segundo TAMBERLINI (2005:18):

> No sentido estrito da lei, a nova modalidade de educação implantada, que nascera com a intenção de se expandir na rede pública estadual em todas as regiões do estado de São Paulo, também como polos de capacitação docente, talvez viesse a ser mais uma proposta tecnicista de ensino. O projeto, porém, de forte inspiração no novo humanismo, centrado no homem concreto, volta-se ao homem brasileiro e contempla a formação integral do educando, o seu autoconhecimento e a descoberta da vocação,[54]entendida em seu sentido mais amplo como a pessoa que se realiza no mundo em suas relações socioculturais - hoje diríamos uma construção sócio-histórica -, tendo no trabalho, como um fazer e um fazer-se, um princípio mediador.

[52] http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1961/lei-6052-03.02.1961.html, acessado em 07/07/2016.

[53] http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/109459/lei-3552-59, acessado em 07/08/2016.

[54] A noção de vocação no Ensino Vocacional tem forte influência do Humanismo Integral de Emanuel Mounier, como a vocação de ser homem que personaliza suas ações, através de um processo permanente de opções.

Como podemos observar, a existência das escolas vocacionais foi muito além de um ensino tecnicista, preparando seus alunos para ações autônomas do fazer e fazer-se. Essa experiência pedagógica que usava o "estudo do meio" como polo gerador do currículo e fazia estudos ligados à "vida concreta" no ambiente escolar foi banida pela ditadura cívico-militar, principalmente após a edição do Ato Institucional número 5[55] pelos militares.

Nessas escolas, usavam-se metodologias pedagógicas estreitamente ligadas à realidade brasileira que visavam uma inclusão não perversa de diferentes classes sociais a uma educação de qualidade e se contrapunham, na época, à então existente escola pública de elite. Não copiavam metodologias alienígenas e baseavam-se no princípio de que toda criança é capaz de aprender. Nelas também havia a ideia de que uma educação permanente seria um processo de progresso infinito em direção a um humanismo que almeja o progresso da humanidade. Também privilegiavam o contato com as famílias dos educandos, a comunidade onde a escola estava inserida e o conhecimento da realidade tendo o presente como ponto de partida. Nelas, havia um processo de reavaliações das suas práticas, com reuniões constantes entre membros da comunidade escolar, envolvendo sempre ações de planejamento. Um fato significativo ocorrido durante a ocupação das escolas foi a participação significativa de familiares dos estudantes nas ocupações, o que revela uma certa distância existente atualmente entre familiares de alunos e escolas no seu dia a dia.

O currículo nas escolas vocacionais segundo TAMBERLINI (2005:41):

> ... abrangia áreas de conhecimentos intelectuais, práticas educativas e áreas técnicas, traduzia uma visão de mundo e uma concepção do homem que se pretendia formar. Procurava lidar com um o homem inteiro: com a sua razão, a sua emoção e a sua imaginação, visando não só à educação e à realização profissional, mas à formação do pensamento crítico, à inserção social consciente, à transmissão de valores e à defesa da cidadania.

[55] O Ato Institucional número 5, AI 5, foi baixado em 13 de dezembro de l968, durante o governo do general Costa e Silva. Favoreceu uma série de ações arbitrárias com efeitos duradouros durante a ditadura militar no Brasil (1964-1985)..

Além desse currículo de formação cidadã, havia associação de pais, professores, funcionários e membros da comunidade que formavam as Sociedades de Pais e Amigos dos Ginásios Vocacionais, legalmente constituídas e que representavam uma participação concreta da sociedade civil nessas escolas, mantendo inclusive sua autonomia em relação ao Estado.

Nessas escolas se aprendia a pensar e a fazer com a prática de salas ambiente, prática essa que pode ser projetada para o futuro em busca de um ensino de qualidade. ROVAI (2005:186), brilhantemente e precisamente, escreve sobre elas pensando sobre uma possível nova escola:

> Por isso, essa nova escola necessita ter um novo perfil que ultrapasse a visão de salas de aula com quadro-negro, professor falando e alunos sentados nas carteiras ouvindo: salas ambientes versáteis que, atendendo a projetos significativos, ofereçam oportunidades para os alunos desenvolverem conceitos, habilidades, hábitos e atitudes - e valores - para o trabalho, de modo contextualizado. (Esse é o caminho para a construção de competências.) Para isso, não podem constituir caricaturas grosseiras do que sejam salas ambientes, como tive oportunidade de conhecer numa escola pública, recentemente: uma sala ambiente de educação artística - assim estava escrito na porta de entrada - com vários desenhos pendurados nas paredes, mas os alunos sentados em fila indiana, copiando o ponto sobre arte indígena que a professora colocara na lousa.

É necessário alertar que a prática de salas ambiente pode fazer surgir simulacros desse modelo, que pouco têm de criativo, prazeroso, lúdico ou reflexivo. Não basta encher uma sala com cartazes de uma determinada disciplina e escrever em sua porta "sala ambiente" ROVAI (2005:186), pois elas implicam em conteúdos pedagógicos que vão muito além disso,

> Ela precisa ser um ambiente criativo, que saiba aproveitar muito bem outros espaços internos, como o laboratório de ciências, para que deixe de ser um mero depósito, (como ocorre em algumas escolas), o laboratório de informática, a cozinha, a biblioteca (inativa), as quadras esportivas e as áreas destinadas à recreação, que podem também ser transformados em espaços culturais. E que saiba aproveitar também os espaços da comunidade: os seus instrumentos culturais, profissionais, esportivos, de lazer,

> etc., inclusive para desenvolver projetos que contribuam para a solução de pequenos problemas da comunidade. Hoje, com muito mais facilidade do que nos anos 1960, a escola poder recorrer às parcerias para levar avante projetos pedagógicos ousados. Nos ginásios vocacionais, a Sociedade de Amigos dos Ginásios, em vez de Associação de Pais e Mestres, pela adesão dos pais à proposta pedagógica, conseguia da comunidade outros parceiros para a concretização de suas iniciativas. O que é preciso? Um projeto pedagógico que ganhe o reconhecimento, não apenas da família, como também dos membros e instituições da comunidade.

Uma das demonstrações de que a escola pública poderia estar muito mais integrada com a comunidade, diversificando o seu currículo e se aproximando muito mais da comunidade em seu entorno foi a intensa procura de pessoas da comunidade para oferecer oficinas, cursos e palestras durante as recentes ocupações das escolas públicas paulistas.

Ficou evidente uma certa ansiedade de muitas pessoas da comunidade em participar de atividades das escolas, ou seja, um anseio por uma escola mais aberta. Os alunos chegaram a pleitear que os dias de ocupação das escolas fossem considerados dias letivos em função das aulas recebidas por professores voluntários. Esse pleito seria formalizado pelo advogado Daniel Biral, membro do Coletivo Advogados Ativistas. Segundo ele, estava sendo elaborada uma planilha com cinco mil profissionais que dariam aulas nessas escolas.

Na Escola Brigadeiro Gavião Peixoto, em Perus, ocorreram essas aulas com professores voluntários de escolas públicas e particulares. Segundo Juliana Oliveira[56], estudante do Ensino Médio:

> A gente já teve aula de história, uma professora veio aqui e deu aula especial sobre o que está acontecendo na Palestina, é algo bem legal. A gente não está desocupado. Estamos tendo aulas, palestras e estamos ganhando mais conhecimento do que antes, porque era comum faltar professor.

[56] http://jornalbrasil.com.br/noticia/alunos-de-escolas-ocupadas-querem-usar-aula-voluntaria-para-abonar-dias-letivos.html, acessado em 01/12/2015.

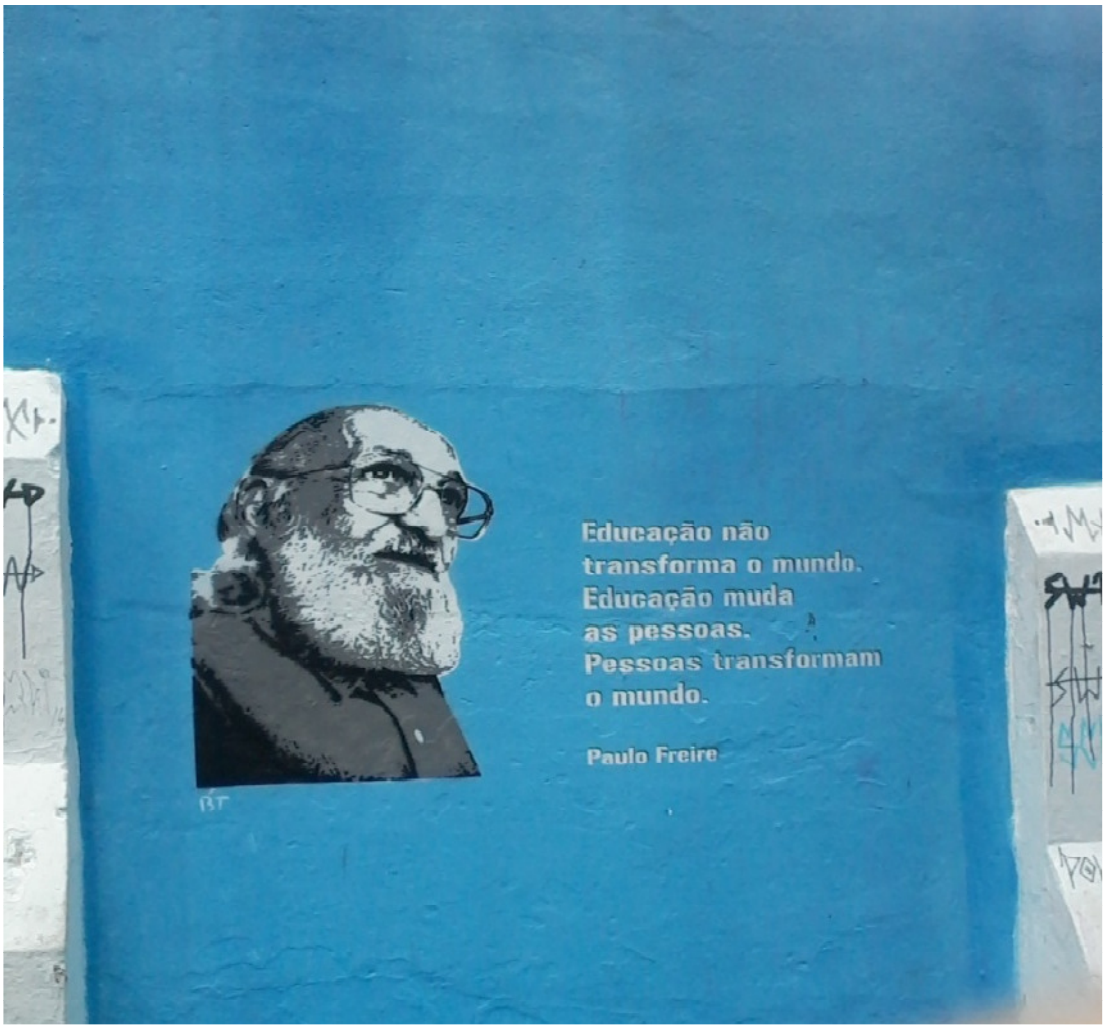


Figura 26 : Arte feita no interior de uma escola durante ocupações estudantis. "Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo " Paulo Freire. Foto do autor.2015.

A existência de salas ambiente pode facilitar essas práticas multidisciplinares pois pode oferecer condições materiais para oficinas, cursos, etc. Segundo o professor Venilto Rocha de Oliveira[57]

> O professor controla meios, processos e didática, e quer produzir um debate ou discussão onde ver, ouvir o outro e o todo do grupo é fundamental, então ele organiza a classe com alunos e carteiras em círculo. Num outro momento, se ele tem uma atividade onde as tarefas propostas e as conversas em grupo vão enriquecer o processo para um tal objetivo almejado ser alcançado, então se coloca as carteiras em grupos de alunos. Mas se naquele dia ele quer apenas introduzir um conceito

[57] http://naescolaenolar.blogspot.com.br/2011/03/implementacao-da-sala-ambiente-uma.html, acessado em 01/08/2016.

> pontual novo, expor uma ideia curta ou fechar uma discussão ou atividade anterior, muda o layout para o sistema de fileiras de carteiras porque assim todos na sala se alinham de frente para ele, para o quadro negro, vídeo ou projeção, sem que um atrapalhe a visão do outro.

A versatilidade que pode-se dar a uma sala de aula pode proporcionar um ambiente mais agradável a professores e alunos além de facilitar que o aluno construa o seu conhecimento, ao invés de só receber conceitos prontos. Nas salas fixas é o professor o protagonista. Os alunos ficam como se estivesse num cinema ou num teatro, procurando se situar no lugar em que possam ver e escutar quem representa o saber. A possibilidade de um salto qualitativo no ensino- aprendizagem na escola pública, através da prática de salas ambiente, é evidente. Na escola Alfa tivemos essa experiência com continuidades e descontinuidades.

5.2 - Salas ambiente na Escola Alfa: continuidades e descontinuidades.

Até o ano de 2010 as salas ambiente funcionavam regularmente na Escola Alfa. Foi assim por mais de uma década.[58] Após a aposentadoria de uma antiga professora, que dirigiu a escola por décadas, deu-se uma descontinuidade administrativa e em pouco menos de seis anos já passaram pela direção da escola três diretores. Nos últimos cinco anos a prática de salas ambiente tem sido interrompida periodicamente. Quando a existência de salas fixas se revela desastrosa com relação à disciplina e conservação do patrimônio público, por meio de reuniões do Conselho de Escola, traz-se de volta esse tipo de prática pedagógica.

Outras vezes, com argumentos pouco convincentes, é efetivado o seu fim pela direção da escola. Esses argumentos, sem nenhum embasamento científico, diziam que seria aumentado o número de inspetores de alunos na escola e ela funcionaria melhor, não necessitando de salas ambiente; que após as reformas das instalações escolares, haveria uma escola em melhores condições de trabalho e portanto não seriam necessárias salas ambiente; que todas as salas

[58] Não encontramos registros que datem exatamente o começo da prática de salas ambiente na Escola Alfa. Quando do meu ingresso como docente nessa escola, em 2004, elas já funcionavam há muito tempo.

de aula seriam salas digitais, o que dispensava a existência e salas ambiente; que com salas ambiente os alunos cabulam. O aumento de inspetores escolares não ocorreu, as salas digitais foram esquecidas depredações e erros na execução das obras de reforma pioraram as instalações escolares e os alunos cabulam como nunca o fizeram.

Figura 27- Escola Alfa em reforma. 2012. Foto do autor.

Em 2012, tivemos o primeiro semestre sem salas ambiente e o segundo com elas. Esse retorno ocorreu porque o Conselho Escolar decidiu pela volta das salas ambiente devido ao aumento muito rápido das depredações. Em 2013, uma grande reforma na escola interrompeu de vez a existência das salas ambiente sob o argumento de que não haveria espaço disponível para tal. A partir daí, elas foram definitivamente esquecidas, mesmo com o fim da reforma e tendo decisão do Conselho de Escola favorável ao seu retorno. Identificamos aqui uma incoerência na gestão escolar, ora se cumpre decisões do conselho escolar, ora não e nos chama a atenção quanto ao exercício democrático da gestão escolar. Isso demonstra uma incompreensão da necessidade de inovação das práticas pedagógicas, ou ainda e ao mesmo tempo, reflete um empirismo e uma imobilidade diante da realidade existente, presos à soluções

que fracassam , ou seja, a saída para "garantir" a ordem escolar é trancar, reprimir, expulsar, controlar, vigiar.

Além disso, faltam nas escolas Planos Políticos Pedagógicos consistentes e feitos com a participação democrática de alunos e professores. Também é notória, em muitas escolas, a falta de continuidade administrativa sendo que boa parte dos diretores são designados e não eleitos ou concursados. Para a maioria dos professores da Escola Alfa, a necessidade de salas ambiente é urgente. Um professora escreve:

> A estrutura física pode ser um facilitador ao trabalho do professor na medida em que lhe garante preparar suas aulas e adequá-las a cada série que entrar na sala, portanto será sempre de grande valor uma estrutura física voltada às necessidades do grupo, o que permitira a conservação do patrimônio e menos depredação. Portanto essa estrutura tem que estar voltada para atender essas questões.
>
> A sala ambiente permite antes de mais nada garantir ao aluno uma sala de aula pronta para recebê-lo, com material didático disponível e cuidado, o patrimônio preservado e maior disposição do professor, visto que ele se sente valorizado e respeitado pela gestão escolar, vê-se também menos agressão física e verbal por parte dos alunos.

Outro professor, preferiu fazer uma tabela de comparação entre salas fixas (tradicional) e salas ambiente da seguinte maneira:

Tabela 2 - Comparação entre sala fixa (tradicional) e sala ambiente (2012)

TRADICIONAL	AMBIENTE
MAIOR TEMPO DE ACOMODAÇÃO DISCIPLINAR	MENOR TEMPO DE ACOMODAÇÃO DISCIPLINAR
MAIOR TEMPO DE PREPARAÇÃO DA ABORDAGEM TEMÁTICA	MENOR TEMPO DA ABORDAGEM TEMÁTICA
DIFICULDADE DE MONITORAR A CONSERVAÇÃO FÍSICA DA SALA	VIABILIDADE DE MONITORAR EFETIVAMENTE A CONSERVAÇÃO FÍSICA DA SALA

Nas salas fixas, quando um professor de disciplina diferente chega, geralmente a sala está em desordem, suja, com lousa preenchida por um outro professor, há alunos que saem para o banheiro e demoram a voltar à sala. Perde-se muito tempo para que se inicie a aula. Nas salas ambiente, esse tempo de acomodação é menor, tendo em vista que o professor já a prepara para atender às estratégias pedagógicas daquela aula.

A abordagem temática nas salas ambiente é facilitada já que, quando se tem que usar a lousa, deixa-se desenhos, anotações, mapas já disponibilizados para todas as aulas, facilitando as aulas do professor. As aulas ficam mais interessantes. Não é necessário que o professor transporte material pedagógico de sala em sala. Também o professor deixa de ser um copiador de conteúdos na lousa e os alunos copiadores de texto, pois mesmo com a lousa cheia de texto, tem-se um tempo maior para o diálogo sobre o que se encontra na lousa.

Por outro lado, a existência de salas ambiente facilita a conservação dos equipamentos escolares pois professores podem monitorar essa conservação, por estarem o tempo todo em sala.

A implantação de salas ambiente nessa escola não teve continuidade temporal. A direção da escola, alegando que brevemente todas as salas seriam digitais, que se perderia muito tempo de aula em função dos deslocamentos dos alunos de uma sala a outra e que as salas ambiente facilitariam a cabulação de aulas, geralmente interrompia essa prática pedagógica. Ignorava-se que o tempo gasto pelos alunos para se deslocarem de uma sala a outra é ganho com a diminuição drástica de pedidos de ida ao banheiro. Além disso, na estruturação da grade horária, pode-se lançar mão de aulas "dobradinhas", ou seja, duas aulas seguidas de uma mesma disciplina. Até hoje, não existem salas digitais e a cabulação de aulas é grande com as salas fixas, tendo em vista que essa forma de estruturação pedagógica faz cair a qualidade das aulas como exemplificamos anteriormente. Alunos chegaram a dizer que aprendem muito mais cabulando aulas no pátio do que em muitas aulas. Sendo assim, trata-se de deixar as aulas mais atrativas e dinâmicas com as salas ambiente.

Argumentos aqui levantados, em favor das salas ambiente, infelizmente, não foram claramente respondidos pela direção dessa escola.

5.3 - Um pesquisa comparativa entre salas fixas e salas ambiente

Em 2012, a Escola Alfa teve salas fixas no primeiro semestre e salas ambiente no segundo semestre. Sabendo que os alunos daquele ano especificamente vivenciaram essas duas experiências diferenciadas, realizei uma pesquisa com eles também sobre isso. O objetivo dessa pesquisa era conhecer, a partir deles, como as salas ambiente e as salas fixas, comparativamente, impactavam o seu processo de aprendizagem.

Essa pesquisa, essencialmente qualitativa, foi realizada com 110 alunos de 7 turmas diferentes, compreendendo alunos do primeiro e segundo ano do ensino médio e o nono ano do ensino fundamental. Todos esses alunos responderam por escrito a seguinte questão: "Na sua opinião, quais foram as principais diferenças que você observou entre a existência de salas fixas para os alunos e de salas ambiente na escola Alfa?"[59]

As respostas dadas pelos alunos nessa pesquisa, mesmo que revelem opiniões impregnadas de empirismo, apontam caminhos e críticas intimamente ligadas a suas experiências na vida cotidiana em todos os sentidos. Sobre essa materialidade, existente na vida cotidiana, é que deveriam agir as políticas e práticas pedagógicas, baseadas também no diálogo e no entendimento, pois é muito difícil construir conhecimentos entre desconhecidos.

Eles foram orientados a opinar livremente, sendo facultativo se identificarem ou não na folha de respostas. Obtivemos como resposta: 63 alunos favoráveis claramente às salas ambiente; 28 alunos claramente favoráveis às salas fixas; 14 alunos relativizaram a existência dos dois tipos de sala e 05 alunos não optaram ou não defenderam nenhuma das duas.(vide Tabela 3)

[59] Também constavam perguntas no questionário sobre o curso de geografia.

Tabela 3 - Na sua opinião, quais foram as principais diferenças que você observou entre a existência de salas fixas para os alunos e de salas ambiente na escola Alfa?

Favoráveis a Salas ambiente	Favoráveis a Salas Fixas	Relativizaram a existência das duas	Nenhuma delas	Total
63	28	14	05	110
57,27 %	25,45%	12,72%	4,54%	100%

Essa pesquisa foi importante porque, geralmente, quando falamos em democratização do ensino muitas vezes esquecemos de praticar o mais elementar: a escuta da voz de quem é o nosso aluno. Alunos não estão congelados no tempo e no espaço. Muitas das queixas estudantis durante as recentes ocupações escolares eram de que não são ouvidos nas escolas. À medida que as gerações se sucedem, novas demandas de conhecimento, de sentimentos, de afetividades se manifestam. Novas gerações se revelam. É necessário que a escola seja também um escoadouro dessas novas demandas. Eles têm muito a dizer e só lhes restam geralmente grêmios estudantis mal estruturados, muitas vezes desvinculados da escola como um todo.

Entre aqueles que veem, na comparação das salas fixas com as salas ambiente, melhores aspectos nas salas ambiente encontramos a maioria dos alunos (63, 57% do total). Esses alunos destacaram, entre outros aspectos, que existem limitações pedagógicas das salas fixas e que nelas alunos podem se tornar uma espécie de reféns de outros pois é comum práticas de bullying quando professores não estão presentes em sala; que salas ambiente estimulam a auto organização e a socialização entre alunos; propiciam melhores condições ao aprendizado; combatem o tédio e animam pelo fato dos alunos se movimentarem entre uma sala e outra; cansam menos o professor;

fazem diminuir a ansiedade distensionando o confinamento do ambiente e também propicia melhores condições materiais para o ensino. Nas salas fixas, numa aula de 50 minutos por exemplo, que poderia estar sendo muito bem aproveitada com conteúdo, perde-se muito tempo para colocar a sala em ordem e criar condições para um melhor ensino-aprendizado, como explicamos anteriormente.

5.4 - Os alunos falam

Essa pesquisa foi feita com alunos porque, entre os professores dessa escola, é praticamente consensual a necessidade de salas ambiente, como verifiquei diversas vezes em diálogos e votações realizadas no Conselho Escolar.

Vejamos então, como foi a prática de salas ambiente na Escola Alfa e como os alunos opinaram e fizeram considerações diversas sobre elas:

5.4.1 - As limitações pedagógicas das salas fixas e salas ambiente como instrumento para um melhor ensino-aprendizado

Um aluno declara que o sistema de salas ambiente é o que diferencia a Escola Alfa das demais escolas públicas, que ainda adotam como modelo o sistema de salas fixas. Segundo ele o grande problema das salas fixas é a limitação que ela traz, torna-se um ciclo vicioso: o aluno dorme; o professor não pode levar consigo muitos dos materiais necessários para um bom aproveitamento em aula; no período de troca entre um professor e outro, os alunos ficam sem supervisão durante aproximadamente cinco minutos, tempo mais que suficiente para se depredar as instalações escolares,etc. " Diferentemente da sala fixa, a sala ambiente traz mais mobilidade para alunos e professores, permitindo-os a fazer coisas que lhes eram restringidas no outro sistema.", diz um aluno. Isso explicita o fato de que nas salas ambiente temos maiores possibilidades de usar mais e melhores recursos didáticos por não sermos obrigados a transportá-los de uma sala a outra. Outro aluno ressalta: " Na minha opinião, foi uma grande transformação as salas ambiente terem voltado pois eu acho que aprendemos mais. Os professores podem arrumar as salas de acordo com o conteúdo que vão passar para cada sala e as aulas acabam se desenvolvendo

melhor, sem falar a limpeza e organização das salas. Uma maravilha as salas ambiente terem voltado."[60] Lembrando que na Escola Alfa, a adoção de salas ambiente se tornou inconstante nos últimos anos, como destacamos anteriormente.

Sobre as salas fixas, o professor Venilto Rocha de Oliveira [61], escreve:

> Se a sala for um ambiente fixo dos alunos, e não do professor e de sua área ou disciplina que leciona, depara-se novamente com a mesma situação: prega-se o aluno no chão da sala, no mesmo lugar durante 5 ou 6 horas seguidas num ambiente que não será jamais formatado ao gosto de todos. Tenta-se então adaptar todo o resto em função desse fato. Os professores darão sempre o mesmo tipo de aula, pobre, desconfortável e por fim ineficiente, pois se permite que uma situação física mande numa ação. Cada professor que entrar ali estará preso na mesma armadilha. Não age o professor, não agem os alunos, não age o grupo e não age a escola – enfim não há ação das pessoas sobre o espaço, mas sim, do espaço sobre as pessoas.

As salas fixas dificultam a apropriação do espaço por parte de alunos e professores por estar limitado à uma forma de estruturação física. Este não se modifica de acordo com a necessidade do grupo. É mais desconfortável e ineficiente. É como se professores e alunos ficassem presos a uma armadilha.

A existência de sala fixa para os alunos além de, na maioria da vezes, limitar as aulas a giz e lousa, dada a impossibilidade de deslocamento do professor com material didático, permite a alguns alunos depredarem o ambiente escolar. Sabe-se que, quando um só aluno resolve não querer aulas, mesmo quando a grande maioria de uma determinada classe deseja exercer seu direito ao aprendizado, ou seja, fazer lições e tirar dúvidas, esse mesmo aluno pode os impedir. Geralmente, alunos que têm esse comportamento costumam depredar o patrimônio público e intimidar colegas nas escolas públicas. É a rebeldia adolescente que parece não encontrar limites e que ao mesmo tempo sinaliza um descontentamento com o estado geral das coisas na escola. É claro que as

[60] Essa descontinuidade da prática de salas ambiente será analisada no próximo período de estudos.

[61] http://naescolaenolar.blogspot.com.br/2011/03/implementacao-da-sala-ambiente-uma.html, acessado em 01/08/2016.

salas ambiente não seriam um espécie de elixir para a solução dessa ansiedade adolescente mas contribuiriam em muito para a criação de um ambiente mais agradável para o ensino-aprendizado, o que possibilitaria uma maior satisfação aos alunos. .

As recentes ocupações das escolas paulistas demonstraram o tamanho do descontentamento dos alunos em relação à escola. Não temos escolas acolhedoras e as causas disso vão desde cadeiras, lousas, portas e janelas quebradas até a falta de ventiladores e iluminação, por exemplo. Chama a atenção a centralidade que as reivindicações por melhores instalações nas escolas ganharam no recente movimento secundarista, revelando assim a sua importância. Também revelaram profundo afeto pelo espaço escolar, por, em suas ações, arrumarem bibliotecas, banheiros, instalações elétricas das mesmas, etc. A execução de propostas pedagógicas requer instalações físicas adequadas para a sua realização. Nesse sentido, a ausência de um professor permanentemente em sala de aula dificulta a preservação desse patrimônio escolar. É claro que agir no sentido de conscientizar os alunos sobre a necessidade de preservação de um patrimônio que também é seu é o melhor e mais consistente caminho. Muitos alunos não enxergam os equipamentos escolares como seus. Essa resistência por parte de alguns alunos ocorre também devido à heterogeneidade cultural dos alunos na rede pública, revelando assim diversas concepções quanto ao espaço escolar.

Segundo um aluno, ainda apontando as particularidades das salas fixas e salas ambiente, " As diferenças foram muitas e melhores na mudança de salas fixas para as salas ambiente. No período de salas fixas os alunos que não possuíam educação acabavam quebrando e danificando bens de sua sala e os professores tinham dificuldade de mover materiais usados em sala de aula de uma sala para outra. Já nas salas ambiente a sala passa a ser do professor e não do aluno, assim possuindo seus próprios bens e materiais necessários para as aulas. As destruições de vidros, cadeiras, etc, diminuíram e acabou melhorando o ensino." Apesar da percepção de alguns alunos de que a sala ambiente é do professor e não do aluno, a especialização pedagógica desse tipo de sala supera essa impressão, à medida em que ambos se apropriam do

seu espaço. Vivemos na Escola Alfa uma experiência de salas ambiente em que percebemos, alunos e professores, claramente, uma significativa diminuição da depredação do patrimônio público escolar, pois professores e alunos se transformariam, não em vigias, mas em monitores da conservação dos equipamentos escolares.

Partimos do pressuposto que o ambiente menos depredado, mais organizado e limpo favorece o aprendizado. A quem pertence o patrimônio público escolar? Ao aluno? Ao professor? Ou a ambos? Ou à sociedade como um todo? Entender a quem pertence e de onde vêm os seus recursos é um caminho necessário para a sua preservação. Nesse sentido, a Escola pertence à sociedade como um todo pois a ela deve a sua construção e a sua razão de ser. Na escola, é possível, pedagogicamente, desenvolver o conceito de espaço público criando uma consciência da necessidade do uso e da conservação dos equipamentos públicos. É difícil conservar e defender o que não se conhece e para tomar-se consciência disso pode ser necessário a adoção de salas ambiente.

Outro aluno escreve: "O ensino, ao meu ver, melhorou com as salas ambiente, não apenas porque depredação das salas acabaram mas porque desse modo os professores têm mais controle sobre as salas. Muitos professores não conseguem controlar as salas, porque não gostam de dar aulas. O aluno percebe isso e começa a bagunçar na sala. Um exemplo é o professor Y. Todo mundo percebe o quanto ele gosta de dar aulas e respeita ele, e ele é o professor mais rigoroso que nós temos, além disso, os alunos gostam da aula dele". Percebe-se aí, o ideário ainda predominante em vastos setores da nossa sociedade, de que é necessário vigiar e punir, além do paternalismo.

No atual momento da educação no Brasil em que se têm péssimas condições de trabalho, as salas ambiente contribuem para uma melhoria das aulas até daqueles professores, que segundo esse aluno, não gostam de dar aulas. Os alunos percebem o desencanto de professores com a arte do lecionar e esse desencanto é compreensível tendo em vista o lugar que os projetos neoliberais colocam a educação pública. A existência de salas ambiente pode servir

também como estímulo aos professores, já cansados das péssimas condições de trabalho e da inexistência de salas equipadas para o exercício de ações pedagógicas. Isso contribuiu em muito para a diminuição do stress de professores além de possibilitar maior interação com os alunos.

Outro aluno comenta: "Na sala ambiente quando o professor passar uma matéria na lousa e vai passar o mesmo para outra turma não precisará se dar ao trabalho de passar a mesma matéria de novo." Isso torna a atividade docente menos repetitiva, diminuindo o stress e as doenças profissionais tão comuns na categoria. Percebe-se, nesse depoimento, o interesse do aluno em ter professores motivados a ensinar, colocando-os como centrais no processo de aprendizado.

Parece claro que um ambiente mais organizado, com a ampliação das possibilidades de diversos usos de materiais didáticos cansa menos o professor. São gigantescos os números de professores que se afastam do trabalho para tratamentos médicos em função de stress, cansaço e esgotamento nervoso. Por outro lado, a mídia em geral culpa-os pelo baixo nível de ensino devido a faltas constantes ao trabalho. E as autoridades oficiais, para escaparem da pressão da mídia e da opinião pública, apressam-se a dizer que as aulas estão sempre garantidas, quando ocorre algo violento no cotidiano escolar. Pouco se discute sobre as condições de trabalho e que medidas são necessárias para melhorar essa situação.

5.4.2 - Salas ambiente favorecem o desenvolvimento da sociabilidade entre alunos e facilitam a construção de relações mais solidárias entre eles.

Escreve um aluno: "Nas salas fixas o desconforto é maior. Ficar na mesma sala, os alunos não têm liberdade e nesse desconforto os alunos "vagabundos" querem quebrar a sala para mostrar que é o tal. Já nas salas ambiente os alunos têm que andar, respirar mais e não é desconfortável ir de sala em sala". Esses alunos "vagabundos", como todos nós, trazem valores construídos socialmente que vão além da existência de salas ambiente ou não. Portanto a

existência de salas ambiente poderá facilitar a reflexão desses alunos, uma vez que o ambiente escolar pode se apresentar como mais atrativo e estimulante.

O fato de que, nas salas ambiente, os alunos tenham que se deslocar de uma sala à outra, facilita o relaxamento corporal, uma possível passagem rápida no banheiro, um rápido encontro com colegas nos corredores, descomprimindo o corpo e a mente para estudos seguintes, na próxima sala. É evidente que isso facilita o aprendizado da disciplina seguinte.

Um dos problemas mais evidentes nas comunidades humanas contemporâneas tem sido a dificuldade de convivência com o diferente de si. Não tem sido diferente nas escolas principalmente onde se encontra adolescentes à procura da criação de suas próprias identidades. Reconhecer a riqueza da diversidade humana é uma das possibilidades potenciais que as escolas públicas oferecem. Nesse sentido o encontro com essas diferenças é fundamental e esse encontro é favorecido pela existência de salas ambiente.

Figura 28 - Sala sem porta e suja durante vigência das salas fixas. Foto do autor. 2014.

A existência de salas ambiente estimula a sociabilidade entre estudantes. Cria laços de pertencimento ao lugar, ou seja, colabora para relações amistosas dentro da comunidade. Segundo declaração de um aluno "Na sala fixa era ruim pois não tínhamos a opção de conhecer as salas da escola e nas salas ambiente você sai, familiariza-se com outras pessoas, etc." A democratização do espaço escolar, na prática também deve ser vivencial, ou seja, o corpo deve apropriar-se de todos os espaços possíveis daquele espaço geográfico: quadras, bibliotecas, refeitórios, pátios, cantinas e porque não também de diversas salas diferenciadas? Nas salas fixas essa apropriação espacial é mais difícil, uma vez que o aluno geralmente fica restrito a um mesmo lugar na escola, à sua própria sala, muitas vezes desconhecendo outros lugares escolares.

5.4.3 - Salas ambiente estimulam a auto organização

Um aluno escreve: " A principal diferença foi da responsabilidade que tive em saber que sala entrar, saber o horário...". Ao selecionar, em casa, o material necessário para cada aula e já na escola, selecionar o percurso geográfico que fará para cada aula, coloca-se ao aluno a necessidade de se organizar espacialmente para cada atividade escolar. Assim, ele adquire mentalmente a noção do todo escolar, dos diferentes lugares do aprender. Nas salas fixas, existe uma certa indiferença com relação a qual o próximo professor que lecionará e muitos procuram se "esconder" nos fundos das salas, ora dormindo, ora usando aparelhos eletrônicos. Não precisa se mover. Adapta-se à imobilidade da sala.

Além de estimular o movimento e o pensamento, salas ambiente estimulam a auto organização do aluno, o que auxilia na sua formação para o futuro, enquanto cidadão. Fazer-se, solucionar problemas, enfrentar desafios: eis aí alguns pequenos desafios cotidianos que educam e estimulam a auto organização.

5.4.4 - Salas ambiente combatem o tédio, animam, diminuem a ansiedade ao distensionar um ambiente confinado, melhorando assim o espaço escolar

Um aluno escreve: "Se as salas são ambiente, os alunos irão gastar mais energia de uma sala para outra, ao invés do professor, assim o professor terá mais disposição para aplicar seus conteúdos aos alunos. Também é importante que o aluno fique em dúvida para qual sala ele deve ir, pelo menos antes de sair de casa ele irá olhar o caderno para ver qual sala vai ser executada a aula dele. Nas salas fixas, é possível também que o aluno fique fadigado em passar tanto tempo sentado em uma mesma sala." Essa fadiga faz com que muitos alunos durmam ou se distraiam com conversas, jogos ou provocação com os colegas. Essas energias potenciais podem ser usadas no movimento de uma sala à outra, pelos corredores ou em rápidas idas ao banheiro entre uma aula e outra. Esse depoimento é reforçado pelo depoimento de um outro aluno: "A principal diferença entre as salas fixas e ambiente é que nós alunos podemos arejar um pouco a cabeça nesse lapso de tempo de mudar de sala. Nas salas fixas não podíamos andar pela escola pois só saímos da sala no intervalo e na hora da saída. A sala ambiente é muito melhor pois os professores têm a sua disposição material para ser utilizado pelos alunos então assim podemos aprender mais e nossas aulas tem um rendimento melhor; e os alunos se sentem mais a vontade e ficam menos tensos durante a aula seguinte pois puderam conversar enquanto trocavam de sala. Outro motivo é que as salas fixas haviam mais vidros quebrados e a sala estava sempre em desordem. Já na sala ambiente nenhum aluno quebra vidro. A sala sempre está limpa e arrumada." Além da maior mobilidade que desestressa, esse aluno ressalta o que já analisamos quanto à maior oferta de materiais pedagógicos e equipamentos escolares mais preservados em salas ambiente.

E mais à frente outro conclui: " Na minha opinião as salas ambiente são bem melhores além de matar um pouco o tédio dos alunos, que antes tinham que ficar seis aulas sentados da mesma maneira. Faz com que andem um pouco (isso ajuda muito)...Enfim as pessoas conseguem se comunicar no corredor na troca de aulas e mesmo que seja só por um minuto dá um ânimo novo para

estudar." Interessante como os alunos ressaltam essa questão da mobilidade e do tédio proporcionado pelas salas fixas. Nesse sentido outro escreve: " Gosto da escola com salas ambiente porque sempre é mais gostoso, a gente se locomove pelo menos. No primeiro bimestre ficar sentada o tempo inteiro na sala era insuportável. Ficar o tempo todo lá e não poder ir ao banheiro nem ao menos tomar um ar no pátio ou ver quem conhecemos. Com as salas ambiente é bem mais agradável. Sair de uma sala para outra descansa a mente por 30 segundos para ver outro professor. Isso acalma um pouco a tensão de várias coisas na cabeça."

Novamente outro aluno argumenta corroborando os depoimentos anteriores :
"Bem eu prefiro as salas ambiente pois você pode andar um pouco ao término das aulas. A sala fixa é ruim, pois você só fica sentado, não pode esticar as pernas e sempre fica na mesma sala." e "Para mim as salas ambiente melhoraram o ensino, porque os alunos movimentam-se melhorando a disposição" e também "A sala fixa era chata, pois os alunos tinham que ficar sentados na mesma posição durante horas e isso deixava todos os alunos cansados. Já na sala ambiente os alunos não ficam cansados como ficava na sala fixa." Por sua vez um outro aluno escreve: "Uma das vantagens que eu observei nesta mudança, é que o aluno não fica preso direto em uma sala de aula, sendo que é vantajoso ficar mudando pois tem sala que tem condições desfavoráveis para o ensino, como pro exemplo salas que são bem abafadas e os ventiladores não funcionam (exemplo sala 51). Sendo assim, se dá uma condição melhor para o ensino." e " Nas salas fixas eu dormia bastante..." Não se dá muita importância à questão do corpo nas políticas públicas escolares. Essa questão, nas escolas, geralmente fica restrita às aulas de educação física. Parece que o corpo do aluno é concebido como algo vazio, desprovido de necessidades e também como um espaço vazio onde se pode depositar conhecimentos escolares das mais diferentes disciplinas. A importância da mobilidade corporal nas escolas como estratégia para um melhor ensino aprendizado, sentida nos depoimentos acima, será analisada e desenvolvida no próximo capítulo.

Além de estimular a auto organização dos alunos, salas ambiente possibilitam a diminuição da ansiedade juvenil na medida em que faz movimentar corpos. Isso promove o relaxamento corporal, pois o "encarceramento" de corpos juvenis durante aproximadamente seis horas por dia numa mesma sala, geralmente num mesmo lugar é quase uma ato de humilhação deles. Seria isso um exercício para a resignação social e aceitação do poder da ordem? Com corpos menos fustigados pode-se concluir que o tempo usado em sala de aula pode ser melhor aproveitado.

Corroborando essas observações colhi o depoimento de uma ex-aluna da Escola Alfa, que por ora conclui o curso de geografia na Universidade de São Paulo. Ela escreve:

> Fui aluna da Escola Alfa nos anos de 2009 e 2010, mas, antes disso, estudei em outra escola estadual cuja configuração das salas de aula era fixa, ou seja, eram designadas às turmas e não aos professores ou disciplinas.
>
> Lembro ainda da confusão que foi para mim o início das aulas na nova escola (Escola Alfa), uma vez que eu não tinha qualquer conhecimento sobre o funcionamento de salas ambiente, pois na escola anterior esperávamos pela chegada do professor da disciplina seguinte com muita conversa e, em muitas situações, muita indisciplina. Contudo, a adaptação à configuração de salas ambiente foi excelente e eu adorava poder sair da sala, sair do meu lugar – um alívio de pressão, em todos os sentidos – e ir para a sala da disciplina seguinte. Neste momento de troca de aulas eu sentia uma sensação de liberdade que não acontecia quando eram os professores quem trocavam de sala e nós, eu e meus colegas, tínhamos que esperar pelo professor seguinte.
>
> Este momento da troca de aula era essencial, pois podíamos andar, conversar, ir ao banheiro, beber água, observar novos ambientes etc. dentro do período estipulado para essa troca de sala. Esse mecanismo aumentava a concentração dos alunos durante as aulas, uma vez que diminui a frequência de alunos entrando e saindo da aula para ir ao banheiro e/ou beber água e, também, havia uma entendimento, ainda que inconsciente, de que todas as regras de comportamento em aula, que de certa forma não são válidas para outros ambientes da escola, duravam 50 minutos, ou seja, a

> cada fim de aula teríamos um tempo para "extravasarmos".
>
> Além dos benefícios aos alunos, as salas ambiente são claramente ambientes muito mais propícios ao trabalho do professorado, já que em uma sala ambiente de Geografia, por exemplo, podem ser guardados os materiais necessários ao ensino da disciplina, como mapas, globos e os livros didáticos específicos da disciplina, evitando que alunos e professores tenham que se locomover com uma quantidade imensa de materiais que, por vezes, se inviabiliza, tornando a qualidade da aula potencialmente mais baixa.

Também compara e relata a sua experiência em uma escola privada, cuja estrutura pedagógica garante a existência de sala ambiente:

> Trabalhando em uma escola privada do município de São Paulo, localizada em bairro nobre da cidade, pude experimentar a sala ambiente numa perspectiva que não a de aluna nem a de professor(a), mas de assistente de classe, cujo trabalho se circunscreve no campo da mediação entre os protagonistas da sala de aula – professores e alunos. Esse trabalho permitiu aprofundar minha opinião **positiva** com relação à organização em salas ambientes, uma vez que, dentre as atividades estipuladas ao meu trabalho, manter o ambiente como *sala de geografia* era uma das minhas funções. Sendo assim, a sala de Geografia tinha mapas, globos, e murais com trabalho de geografia e com materiais selecionados pelos(as) professores(as) relativos ao conteúdo que vinha sendo estudado durante os bimestres. Cada professor(a) também tinha um gaveteiro para guardar o material de uso pessoal e provas, estantes para colocar os materiais que sobravam e que os alunos faltantes poderiam retirar na aula seguinte, retroprojetor e computador para trabalhar com apresentações e vídeos, dentre outras atividades, etc.. Toda a sala era planejada e configurada aos moldes das necessidades dos educadores e educandos em Geografia, suprindo, desta forma, as necessidades pelo menos mais imediatas ao ensino da disciplina.
>
> Desta forma, acredito que as vantagens da configuração escolar em salas ambientes são inúmeras, sobretudo na construção de um espaço escolar mais dinâmico e mais proveitoso ao uso de todos, considerando as necessidades que dizem respeito ao trabalho dos professores, à manutenção dos espaços pelos funcionários da escola e à intensa inquietude dos alunos que tem interferência direta na concentração e, por

> consequência, na aprendizagem e no desenvolvimento cognitivo destes. Devemos, portanto, acrescentar à discussão dos espaços escolares a importância das salas ambiente, colocando em pauta o debate acerca dos benefícios de uma medida simples de organização escolar que é pouco implementada nas escolas públicas do estado São Paulo. O que será que tem impedido a comunidade escolar de decidir a organização dos espaços usados por eles próprios? Não cabe, também, a eles a discussão sobre como devem ser melhores aproveitados os espaços da escola?

Esse depoimento constata o que até aqui tentamos demonstrar, ou seja, a existência de salas ambiente se apresenta como possibilidade de distensão em espaços escolares confinados, possibilitando uma ampliação dos horizontes de aprendizado enquanto o corpo discente pode apropriar-se mais amplamente do ambiente escolar como um todo.

É evidente que a existência de salas ambiente possibilita melhores condições materiais para o ensino. Outro aluno compara salas fixas com salas ambiente: " Na minha opinião sempre preferi salas ambiente porque estudo aqui desde a quinta série e sempre foi assim: salas ambiente. Aí veio a sala fixa que para mim não foi aprovada porque muitas pessoas pensaram que tinha o direito de quebrar "tudo". Quebraram vidros, derrubavam cadeiras no chão, jogavam para o alto cadeiras e principalmente brigavam muito quando o professor se retirava da sala...mas felizmente ficou muito melhor e agradeço aos professores que "brigaram" muito para estabelecer a sala ambiente. Obrigado!"

Interessante como esse depoimento compara duas realidades espaciais, com temporalidades distintas, localizando nelas ações de agentes transformadores. Nesse caso, a transformação da Escola no sentido de atender as necessidades de sua comunidade ocorre na medida em que se abrem canais de manifestação e participação democrática. Assim, cria-se uma corresponsabilidade de todos com os destinos e as metas traçadas para um melhor ensino-aprendizagem.

5.4.5 - Salas ambiente facilitam a "cabulação" de aulas?

Um dos principais argumentos das direções escolares usado contra a implementação de salas ambiente é o de que, com elas, alunos cabulam mais. Ora, o que verificamos é que com uma ou outra forma de organização escolar os alunos cabulam. Entre membros das direções escolares, como na Escola Alfa, existe a concepção que escola boa é aquela em que o aluno está permanentemente em sala de aula, ou sejam enclausurado. Isso na verdade, devido às péssimas instalações escolares, causa uma aversão à sala de aula. A sala de aula deveria ser um espaço de acolhimento e não de repulsão dos alunos. Durante as recentres ocupações das escolas diversos artistas gravaram um clipe de uma música em apoio ao movimento estudantil em que negam a sala de aula enquanto jaula e a afirmam como espaço de ensino-aprendizado. Vejamos parte da letra de "O trono do estudar"[62] (Anexo 6): "Ninguém tira do trono do estudar. Ninguém é dono do que a vida dá. E nem me colocando numa jaula porque sala de aula essa sala vai virar." Esse trecho lembra que alunos são tratados como animais em jaulas e que nem isso pode conter a força da criação que o conhecimento pode dar.

Um outro aluno relata: "No primeiro semestre era muito mais bagunça, no intervalo da troca de professores os alunos quebravam mesas, cadeiras, janelas entre outros e as salas eram sujas e desorganizadas, mesas e cadeiras bagunçadas. Já no segundo semestre melhorou devido a permanência dos professores em sala, porém as pessoas estão cabulando mais aulas, um dica seria colocar mais inspetores nos corredores." De novo, percebemos no depoimento desse outro aluno a necessidade de vigiar e punir, socialmente difundida pelos meios de comunicação.

"Cabular" aulas, geralmente revela uma ação estudantil que mostra o divórcio entre as expectativas pessoais dos alunos e o que a escola oferece. Somente uma escola motivadora, dinâmica, participativa pode minorar essa ocorrência.

[62] http://www.vagalume.com.br/dani-black/o-trono-do-estudar.html, acessado em 23/10/2015.

O número de alunos que cabulam durante a vigência de salas fixas e o das salas ambiente são próximos. Cabe ressaltar aqui que o crescimento de contratos precários de muitas funções na escola pública, dentre eles o de inspetores de alunos, tem estimulado o descompromisso de muitos desses com o bom funcionamento da Escola. Além disso, a política de arrocho salarial do governo estadual para com os trabalhadores da educação colabora para esse estado de descompromisso para com a escola pública. Esse descaso com a educação pública também tem como consequência o desapego de muitos estudantes para com a escola provocando "cabulação" e alta evasão escolar. De certa maneira isso acaba contribuindo para as políticas neoliberais para a educação uma vez que provoca o fechamento de salas, a diminuição do número de professores e portanto, um menor investimento em educação.

5.4.6 - Em salas, o encontro de indispostos: alunos e professores. Salas ambiente podem diminuir a evasão escolar desses dois lados.

Um aluno escreve: "Eu particularmente durmo em algumas aulas, mas isso eu tenho como explicar, faz parte do meu pessoal, ultimamente venho sentindo vontade de sair da escola e ir para outra." E outro também diz: "Hoje, no segundo semestre tá até mais tranquilo, voltou a sala ambiente, começaram a colocar música no intervalo e isso é legal mas as aulas ainda continuam chatas e os alunos começaram a cabular mais. Quando estamos em sala de aula não dá vontade de estudar e o professor percebe isso e parece que ele perde a vontade de ensinar e isso faz com que muitos alunos e professores comecem a faltar." Mesmo com a existência de salas ambiente, as aulas podem continuar chatas, desestimulantes. Elas se apresentam como possibilidades pedagógicas de melhor ensino-aprendizado e não como norma redentora. A crise por que passa a escola pública, exige outro projeto de escola, distante dos interesses do mercado, mais humanitária e mais associada à comunidade a que pertence.

A escola está se transformando num encontro de descontentes e insatisfeitos e na sala de aula é onde esse inconformismo se manifesta. Às vezes, parece um ringue no qual se encontram alunos e professores. Contribui para isso, o

achatamento salarial dos professores que é constante e as condições de trabalho cada dia piores. Segundo MONBEIG (1945):

> A medida mais eficaz que poderia ser tentada para contribuir na melhoria do ensino secundário da geografia (e de todas as outras disciplinas do curso secundário) seria sem dúvida a limitação a uma quinzena de horas por semana do horário dos professores, a interdição de qualquer outra atividade e uma retribuição bastante elevada para garantir a renda indispensável à segurança material e à atividade intelectual.

Isso dito há mais 60 anos atrás demonstra que os problemas no ensino público persistem tais como a extensa jornada de trabalho e a ausência de tempo para se dedicar à preparação e à correção de atividades escolares. Isso tudo somado à persistente desvalorização salarial dos professores. O descontentamento assim, é inevitável.

Cria-se nas escolas, um círculo vicioso em que o aluno busca ações imediatistas que compensem o tédio escolar e o tédio na vida, em que o passado é velho e o futuro é agora. Parece que tudo é para já. O tempo parece voar. Essa velocidade do tempo na sociedade moderna parece exigir outra escola, uma vez que essa que se apresenta não serve mais. A juventude tem pressa e isso desperta ansiedades e frustrações. Isso vai ao encontro do que afirma MASSEY (2000:177):

> Vivemos em uma época - costuma se dizer - em que as coisas estão se acelerando e se disseminando. O capital está passando por uma nova fase de internacionalização, especialmente em termos financeiros. Mas pessoas viajam com mais frequência e para lugares mais distantes. Suas roupas são provavelmente feitas numa variedade de países que vão da América Latina ao sudeste asiático. Seus jantares consistem de comida importada do mundo inteiro. E, se têm computador em seu escritório, em vez de abrir uma carta que, sob os cuidados dos correios de Sua Majestade, leva alguns dias para atravessar o país, agora são interrompidas pelo *e mail.*

Por outro lado, nesse tempo acelerado, cheio de transformações também na educação, muitos professores não veem sentido no que fazem, talvez fruto da precarização do trabalho e da desmoralização da profissão, executadas

sistematicamente por diversos governos nas últimas décadas. Isto faz com que muitos professores acabem "demonizando" os alunos. Faz-se necessário dar um novo sentido ao mundo escolar e a adoção de salas ambiente pode contribuir com isso humanizando relações, despertando o gosto pelo aprendizado, possibilitando melhores condições de trabalho aos professores e proporcionando um ambiente mais agradável a todos.

5.4.7 - O aluno pode transportar um menor número de materiais didáticos.

Um aluno escreve: "Na sala ambiente o professor pode deixar nossos trabalhos sem preocupação de haver destruição ou vandalismo e também podemos deixar nosso livros. Essa é a diferença que notei, porque quando era sala fixa era muito material na bolsa."

Autoridades públicas educacionais municipais, estaduais ou federais geralmente distribuem aos alunos livros, cadernos e apostilas. Pelas mídias, vimos que muitos desses materiais são atirados no lixo ou não são distribuídos aos alunos. Um elogio ao desperdício.[63] Com aproximadamente seis aulas por dia é penoso ao aluno transportar de sua casa até a escola esse material em virtude do peso, que pode afetar a sua coluna vertebral. Dada essa situação, muitos alunos preferem não trazer esse material para a sala de aula e esse material fica esquecido em suas casas. É muito comum os xingamentos e resmungos quando esse material lhes é entregue. Nas salas ambiente esse material poderia estar no acervo de uma pequena biblioteca.

Quando da vigência das salas ambiente na Escola Alfa o ensino-aprendizado foi potencializado. Nas aulas de química era possível fazer experimentos; nas aulas de biologia podia-se dissecar pequenos animais e observar seres microscópicos; professores de matemática podiam ensinar a jogar xadrez e organizar pequenos campeonatos; nas aulas de Língua Portuguesa era sempre

---

[63] http://www.jornalcidade.net/rio-claro/destaque-foto/apostilas-sao-descartadas-na-fausto-santomauro/ acessado em 20/09/2016.

http://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2013/04/apostilas-novas-sao-jogadas-em-canavial-na-regiao-de-piracicaba.html, acessado em 20/09/2016.

possível desenvolver a leitura tendo em vista que as salas possuíam pequenos acervos literários; nas paredes das salas de história e geografia haviam exposições permanentes de atividades produzidas pelos alunos e nas salas de artes era possível ensaiar atividades teatrais e organizar saraus para a apresentação na escola.

Nas aulas de geografia fazia-se uso frequente de recursos audiovisuais. Por exemplo: ao estudar as periferias urbanas os alunos podiam comparar, através de filmes e documentários, as semelhanças e diferenças entre as periferias do Distrito Federal, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo. Os conflitos étnico-raciais e religiosos eram mostrados através do cinema. Nas aulas de mineralogia os alunos podiam observar, na prática, as principais diferenças entre rochas e suas principais características.

Dificilmente essas atividades poderiam ser desenvolvidas em salas fixas pois elas exigem recursos pedagógicos que são praticamente impossíveis de serem transportados de uma sala a outra pelos professores.

Como estratégia de ensino-aprendizagem, as salas ambiente aliviam o corpo e a mente num ambiente de confinamento, favorecendo o desenvolvimento da sociabilidade entre alunos, facilitam a construção de relações mais solidárias entre estudantes, possibilitam aos alunos transportar de casa à escola um menor número de material escolar e podem contribuir para a diminuição da evasão escolar.

No próximo capítulo aprofundaremos nosso estudo sobre salas ambiente e motricidade discente.

6 - Salas ambiente: uma forma pedagógica de estruturação física escolar que melhora o aprendizado e distensiona o corpo discente.

A prática de salas ambiente pode distencionar corpos discentes e docentes em um ambiente de confinamento escolar onde predominam as salas fixas. A simples estruturação física e cotidiana (no caso das salas ambiente) pode potencializar novas descobertas tais como fazer com que o corpo do estudante, em movimento de uma sala à outra, saia da imobilidade e se distraia nesse percurso, facilitando assim seu aprendizado dos próximos conteúdos. Segundo PENIN (2011:43):

> no caso da escola, conhecer com precisão a natureza das práticas e processo desenvolvidos no seu cotidiano pode orientar decisões tomadas em nível quer das associações de classes, quer da instituição,

ou seja, esse conhecimento do cotidiano escolar possibilita a (re)orientação de práticas pedagógicas. Por exemplo, o tempo de ensino-aprendizado nas salas ambiente é maior, pois no momento em que os alunos chegam à sala de aula, ela já está preparada para recebê-los, com a disponibilização do material pedagógico pronto para seu uso e o professor mais descansado e disposto. Também não se gastará tanto tempo com pedidos de ida ao banheiro (muitas vezes usados como desculpa para relaxar o corpo), o que faz das salas fixas o lugar do entrar e sair sem fim de alunos.

A inquietação corporal e mental dos alunos é evidente no dia a dia das escolas,tanto em função da idade quanto da nossa sociedade, cada vez mais ansiosa e que parece sempre correr atrás do tempo que parece cada vez mais curto. O tempo escoa. Sobre essa aceleração do tempo que comprime o espaço (MASSEY:179), escreve:

> A aceleração atual talvez esteja fortemente determinada pelas forças econômicas, mas não é só a economia que determina nossa experiência de espaço e lugar. Em outras palavras e dito de forma simples, há muito mais coisas determinando nossa vivência do espaço do que o "capital".

Além das desigualdades econômicas, diferenças culturais, étnicas e de gênero podem causar ou não aumentos de ansiedades e conflitos nas escolas. Novas ferramentas digitais facilitam o *stress* a medida que despertam e ampliam desejos. Em geral, o adolescente, atualmente, passa horas a fio do dia em redes sociais pelo telefone celular, no computador ou em jogos digitais desenvolvendo pouco habilidades necessárias para o convívio pessoal. Perdem-se oportunidades de convívio e relacionamento olho no olho. Perdem-se momentos de pedir desculpas, de dizer por favor, de pedir licença. Muitas vezes se recorre ao saudosismo e se diz que a geração anterior prestava atenção nas aulas e essa não. Nos dias de hoje, nas redes sociais, se as pessoas não gostam de alguém, não concordam com a opinião do outro, simplesmente deletam-na. As pessoas (e também os adolescentes) parecem não estar acostumados a críticas. Temos a impressão de que a disponibilização de informações sobre qualquer assunto por meio das redes sociais, nunca dantes vista e quase sempre ao alcance das mãos, confere às pessoas superpoderes. Uma ilusão, uma vez que o contexto em que as informações são produzidas e a autoria das mesmas pouco são disponibilizadas por meios digitais. Nesse caso, parece que a quantidade sobrepõe a qualidade das informações e de suas fontes e contextos. O tempo rápido tende a se sobrepor ao tempo lento. Tempo esse que é necessário para ouvir o outro, comparar informações recebidas, refletir sobre elas. Isso gera angústia e ansiedades e numa escola, ou seja, num ambiente diverso, inserido em uma sociedade cada vez mais ansiosa, o clima de intolerância e prepotência pode germinar.

Esse ambiente, potencialmente intolerante, prepotente e individualista coloca a necessidade de ações pedagógicas que se desloquem do foco voltado aos professores para o foco voltado aos alunos, ou seja, coloca as ações pedagógicas em primeiro plano. Isso justifica a implantação de salas ambiente.

Para o professor Venilto Rocha de Oliveira[64], um projeto de implantação de sala ambiente tem como principal objetivo

[64] http://naescolaenolar.blogspot.com.br/2011/03/implementacao-da-sala-ambiente-uma.html, acessado em 01/08/2016.

> ... fazer com que o foco se desloque do professor para o aluno. Assim, o centro de atenção não será mais o quadro-negro, mas o que acontece no campo dos alunos. O que interessa não é mais o que mostra o quadro, mas o que acontece no ambiente das cadeiras e, mais concretamente, em cada uma das cadeiras. Esse deslocamento fará com que muitos dos elementos que configuram o meio físico do aluno adquiram uma grande importância. A necessidade de que o aluno viva num ambiente favorável para seu crescimento também inclui, e de maneira preferencial, o ambiente em que deve se desenvolver. O estado de ânimo, o interesse e a motivação receberão a influência do meio físico da escola. Criar um clima e um ambiente de convivência e estéticos, que favoreçam as aprendizagens, se converte numa necessidade da aprendizagem e, ao mesmo tempo, num objetivo de ensino. Ao mesmo tempo, as características dos conteúdos a serem trabalhados determinarão as necessidades espaciais.

e mais à frente acrescenta:

> A sala ambiente representa também para o aluno, um espaço mais prazeroso, acolhedor e estimulador para o convívio com os colegas e com o saber. Isso fará com que o processo ensino/aprendizagem seja estruturado com base em uma metodologia diferenciada, específica e direcionada pedagogicamente para o aluno, com propostas de trabalho adequadas às variadas situações e de acordo com as possibilidades e necessidades deles. Com o atendimento do professor em uma sala específica para ele será possível propor uma variedade de atividades que ofereçam oportunidades diversificadas e liberdade na escolha e no manuseio de materiais, além de proporcionar a ampliação dos espaços de trabalho e circulação dos alunos e desencadear uma relação significativa com o professor.

Essa centralidade nas pedagogias que facilitem o bem estar do aluno e o seu ensino-aprendizado está baseada em ações que façam evoluir as possibilidades de criação dos alunos. Interessante lembrar que em algumas falas dos alunos, anteriormente analisadas, alguns deles percebem as salas ambiente como centralizadas nos professores, e não nas ações pedagógicas, mais adequadas ao ensino-aprendizagem. Talvez isso ocorra em função da

tradição escolar focada no professor ou da dificuldade de percepção do potencial de práticas escolares inovadoras.

A estruturação mais prazerosa e confortável do ambiente escolar pode amenizar um pouco certa ansiedade social, caracterizada pela velocidade de acontecimentos, dos fazeres e pela falta de tempo para reflexões mais profundas. Essa excitação social é consequência de uma sociedade cada vez mais ansiosa, em que as máquinas se apresentam como formas de se ganhar tempo sendo que elas acabam ocupando todo o nosso tempo. É como se fosse um círculo vicioso. Lembremos o uso excessivo de aparelhos celulares em nossos dias atuais pelas pessoas. Para estudantes, em fase de conhecimento do mundo, ele se apresenta cada dia mais como muito fugaz e veloz.

É crescente, nas mídias em geral, diversos alertas sobre o expressivo consumo de ansiolíticos por parte de crianças e adolescentes, principalmente na rede privada de ensino, visando "acalmá-los" para obtenção de melhores rendimentos escolares. O medicamento com o sugestivo nome de Concerta[65] está sendo indicado para crianças e adolescentes que incomodam as normas estabelecidas pelas escolas privadas, apresentam comportamento hiperativo e déficit de atenção. Identifica-se aí uma intervenção química como solução de questões sociais e pedagógicas visando enquadrar estudantes nas normas de conduta das escolas, principalmente privadas. A comprovação disso percebemos quando meios midiáticos publicam informações tais como: "A ascensão da pílula da boa-nota"[66], "O problemático consumo de Ritalina em SP"[67], "Uso de drogas contra déficit de atenção explode e ameaça a saúde de

[65] Metilfenidato é uma substância química, utilizada como fármaco, estimulante do sistema nervoso central, relacionada às anfetaminas, É usada em casos de tratamento de transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH).

[66] http://www1.folha.uol.com.br/fsp/newyorktimes/50768-a-ascensao-da-pilula-da-boa-nota.shtml acessado em 02/07/2014

[67] http://www.advivo.com.br/blog/luisnassif/o-problematico-consumo-de-ritalina-em-sp acessado em 02/07/2014

milhões de crianças"[68], "Escolas vivem overdose de diagnósticos de hiperatividade ou desatenção"[69]. O uso da Ritalina, que já ganhou o apelido de "droga da obediência", é uma forma de escamotear as falhas do sistema educacional. Sabe-se que quando o aluno apresenta inquietudes, agressividade, baixa concentração em seus estudos, as escolas recomendam acompanhamento com especialistas psicoterapêuticos. Esse processo geralmente acaba com a recomendação de usos de ansiolíticos. Dado o exponencial crescimento do consumo desses tipos de sustâncias químicas no Brasil (que já é um dos maiores consumidores mundiais delas), compra-se facilmente esse fármacos, pela internet ou na clandestinamente.

De novo, a forma de lidar com as mudanças de comportamento dos alunos está sendo procurada na medicação e não na pedagogia. Vivemos em uma sociedade moderna produtora de necessidades e insatisfações. Dada a impossibilidade pedagógica de resolução dessa inquietude juvenil, opta-se cada vez mais pelo uso de anfetaminas.

Para a professora Maria Aparecida Moysés[70], a aparente calma dos usuários da Ritalina na verdade não é efeito terapêutico, mas sinal de toxidade. Para ela, o uso desse medicamento

> Tem o mesmo mecanismo de ação das anfetaminas e a cocaína. Ele é um derivado de anfetamina. É essa a complicação. Ele age aumentando a concentração de dopamina nas sinapses. A dopamina é um neurotransmissor associado às sensações de prazer. Não é todo mundo que fica mais concentrado. Em torno de 40,

[68] http://www.em.com.br/app/noticia/tecnologia/2012/07/02/interna_tecnologia,303643/uso-de-drogas-contra-deficit-de-atencao-explode-e-ameaca-a-saude-de-milhoes-de-criancas.shtml acessado em 02/07/2014

[69] http://www.em.com.br/app/noticia/tecnologia/2012/07/04/interna_tecnologia,304109/escolas-vivem-overdose-de-diagnosticos-de-hiperatividade-ou-desatencao.shtml acessado em 02/07/2014

[70] http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/o-problematico-consumo-de-ritalina-em-sp, acessado em 26/07/2016.

> 50% ficam mais focados. Mas foca a atenção no que passar na frente, não necessariamente nos estudos.

Para amenizar essas ansiedades juvenis, priorizar o físico e mental, exige-se espaços dinâmicos em que o corpo não fique simplesmente “aprisionado”. Ao existir a prática de salas ambiente, quando o aluno se desloca de um ambiente para o outro, ele quebra o tédio, se distrai. É como se o corpo se preparasse para a próxima atividade, distencionando-se. Esse movimento corporal pode facilitar o desenvolvimento de atividades cognitivas o que facilita a construção de uma escola que ajude a pensar e a criar e não simplesmente a obedecer.

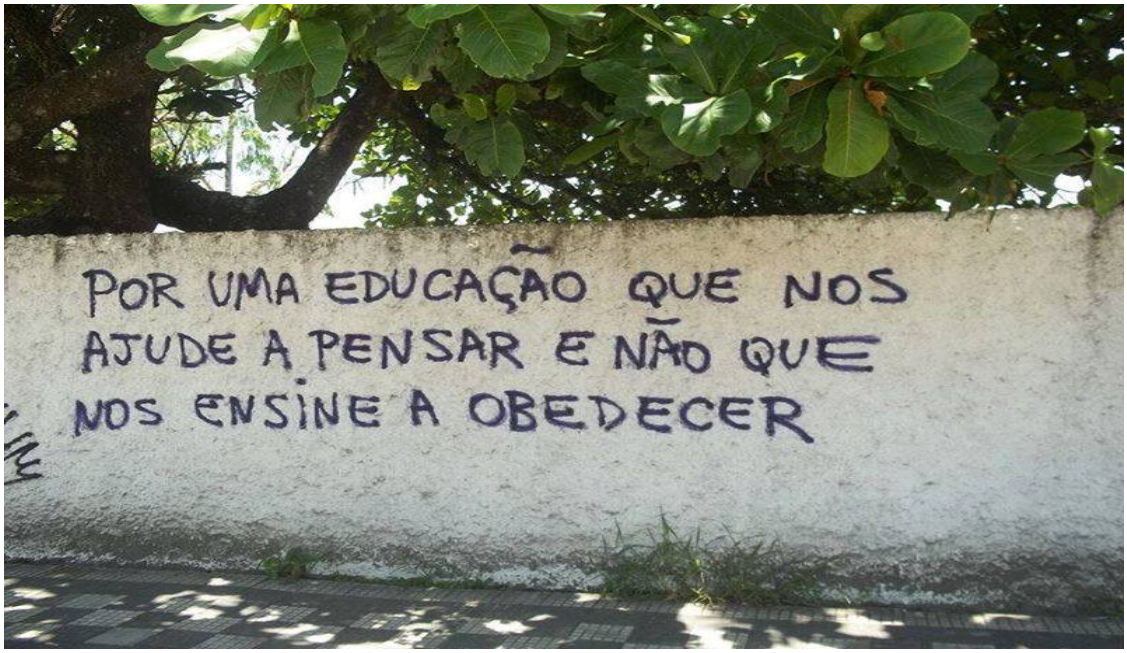


Figura 29 - Pichação em muro da cidade de São Paulo durante o movimento de ocupação das escolas. 2015. Foto do autor.

Também predomina em muitas escolas uma visão cartesiana que separa mente e corpo. Nessa concepção o “corpo” é tratado como se sua função fosse levar a "mente" para sala de aula, a fim de que pudesse ser passado para o aluno, e por meio dela, o saber que a escola julga necessário adquirir. É como se a mente fosse algo vazio a ser preenchido. E o que observamos é um "corpo" mantido em imobilidade, limitado e controlado em seus movimentos e expressões, sendo desprezada a história do saber corporal que cada indivíduo possui.

Nota-se, por exemplo, com facilidade, que pouco se observa o corpo dos estudantes quando são feitas as peças do mobiliário escolar. Muitos adolescentes “não cabem” nas carteiras. Eles crescem e geralmente as carteiras continuam do mesmo tamanho. A racionalidade capitalista não parece acompanhar o crescimento biológico e o aumento de peso dos corpos. O desconforto é evidente. Sem considerar que as salas, com o passar dos anos, continuam do mesmo tamanho físico para abrigar geralmente o mesmo ou maior número de alunos que cada vez mais crescem e engordam. Reivindicar um menor número de alunos por sala também é uma necessidade para a saúde ergométrica discente, além de pedagogicamente necessário.

É preciso refletirmos mais quando Martha Copolillo[71] constata que

> O bom professor passa então a ser o que de alguma forma consegue “domesticar, aquele corpo, sedento por novas vivências, movimentos, espaços”..., para que a escola avalie, ainda que de uma forma equivocada, que o aluno, agora quieto e submisso será capaz de adquirir o saber institucionalizado. De certa forma quando se coloca a escola como mera reprodutora do modelo político-ideológico da nossa sociedade capitalista, isto bem seria verdade.

Mais à frente afirma:

> A escola, enquanto instituição, não pode desprezar o movimento corporal historicamente construído, que cada aluno trás para o ambiente escolar, respeitando suas diversidades e levando em consideração as vivências sócio-culturais dos mesmos. Não deve limitar as linguagens oral e/ou escrita como únicas formas de estabelecer relações afetivas, cognitivas e sociais. Sem dizer com isso que deve se criar uma dicotomia entre as diferentes formas de linguagem. Fazer uso da linguagem oral como forma de expressar o que foi corporalmente vivido, poderá proporcionar um crescimento pessoal e contribuir no processo de socialização.

[71] http://cev.org.br/biblioteca/reflexoes-sobre-linguagem-corporal-no-ambiente-escolar, acessado em 10/08/2014 In Reflexões sobre a linguagem corporal no ambiente escolar, no Encontro Fluminense de Educação Física Escolar, realizado entre 02 e 04/12/1997 em Niterói-RJ.

A linguagem corporal é mais desenvolvida nas aulas de educação física e junto com o desenvolvimento das linguagens escritas e orais, pode-se associá-las pedagogicamente ao invés de criar dicotomias entre elas.

É curioso observar que atualmente em inúmeras escolas públicas existe uma afinidade maior dos alunos com a disciplina de Educação Física. Isso em si já nos aponta a necessidade de distensão de corpos em relação ao ambiente escolar. Procuramos alguns depoimentos de alunos do ensino médio (dentre a pesquisa realizada), sobre o porquê dessa preferência pela Educação Física e eles nos revelam a inquietude corporal que as salas fixas lhes causam quando dizem "é uma aula onde os alunos podem descontraírem"; "os alunos se sentem livres, uma aula diferente das demais, pois, nas demais aulas você senta em sua carteira e escreve o que está na lousa"; "tem aluno que só liga para a educação física, esquece todo o resto"; "é uma aula prática"; "o jovem é livre para correr, pra praticar esportes, conversar etc e isso desperta o entusiasmo na pessoa"; "o aluno está fazendo aula em um ambiente mais aberto e não fica o tempo todo em uma sala de aula"; "os alunos se divertem"; "eles se sentem livres"; " porque quebra a rotina de ficar em sala de frente pra lousa". Todos esses depoimentos revelam a necessidade de distencionamento do ambiente escolar, de dar atenção à linguagem corporal dos alunos não somente nas aulas de educação física. Essa necessidade de políticas pedagógicas que aliviem esse confinamento corporal a que os corpos são submetidos em um ambiente escolar fechado, entre muros para o exterior e fechado entre paredes para o interior, com pouca interação entre os que o compõem sinaliza para a necessidade de salas ambiente. Isso é o objeto de nosso estudo que perpassa por toda essa Tese. Cabe destacar também que dentre os doze depoimentos colhidos encontramos somente um que destaca o gosto pela educação física porque o jovem "se preocupa como o corpo e o peso e então fazendo esportes vai emagrecendo". A pressão social é muito grande para ter um corpo aceito socialmente, não obeso e bem cuidado. Além disso existe a questão da má alimentação que tem provocado uma onda de obesidade na população brasileira.

Nas salas ambiente, também a presença permanente do professor em sala de aula ajuda a garantir que o espaço físico da escola seja preservado. Espaço

este que é integrado por materiais indispensáveis a uma boa aula, como cortinas, carteiras, lousa, armários, livros, equipamentos eletrônicos, etc. Sendo assim, facilita-se a possibilidade de aulas criativas o que, com certeza, atrairá mais a atenção do aluno. Longe de significar necessidade de vigiar e punir, a presença permanente de um professor em sala de aula facilita melhor ensino-aprendizagem, potencializa o uso dos recursos pedagógicos e estimula o bem cuidar dos equipamentos e dos espaços públicos.

Não podemos dissociar práticas pedagógicas inovadoras da necessidade permanente de entendermos e fazer entender a importância da conservação do espaço público coletivo escolar. São pagamentos de tributos realizados pela sociedade como um todo que garantem a possibilidade de um melhor ambiente escolar. Esse custeio deve ser entendido por toda a comunidade escolar. Geralmente, quando os alunos ficam sozinhos em sala enquanto o próximo professor não chega, registram-se casos de depredação. Quando há depredação de materiais escolares, o custo de manutenção é alto, e, evitando isso, podemos garantir a aplicação de recursos em outros projetos, outros materiais, que estimulem e valorizem o ensino-aprendizagem com reconhecimento e valorização dos estudantes. Neste sentido, a prática de salas ambiente é mais econômica. Para uma professora que leciona na Escola Alfa desde 1998,

> a estrutura física é fundamental; sem as condições mínimas de um ambiente preservado e conservado, o ensino-aprendizagem fica comprometido e as pessoas insatisfeitas. Na minha opinião, o ambiente é o retrato de como as pessoas são, pensam, convivem e atuam.

Um ambiente mais prazeroso, acolhedor e estimulador para o convívio com os colegas e com o saber incentiva o ensino-aprendizado e eleva a auto estima dos alunos e professores.

É evidente que concepções pedagógicas impactam os espaços físicos escolares. Com relação à utilização desses espaços, por exemplo, ainda hoje se constroem salas de informática separadas do conjunto das salas das escolas. Por que não se informatiza todas as salas? Se os alunos e professores podem lançar mão de aparelhos portáteis de informática porque

uma sala exclusiva para tal fim? Será a burocracia que separa o tempo da vida do tempo da pedagogia dos aparelhos? Por que não ter wi-fi em todas as escolas? Com wi fi em todas elas enfrentaríamos de vez a questão do uso do celular em salas de aula. Poderíamos usá-lo como instrumento de desenvolvimento do saber e não como meio de dispersão e entretenimento, como ocorre hoje. Segundo o professor José Armando Valente, pesquisador do Núcleo de Informática Aplicada à Educação da Universidade de Campinas (IA-UNICAMP), coordenador entre 2010 e 2013 do projeto "Um Computador por Aluno" (UCA - UNICAMP), financiado pelo MEC, vinculado a um programa que distribuía computadores de baixo custo a estudantes em vários países do mundo na REVISTA FAPESP (2016:83):

> Os professores têm dificuldade em trabalhar segundo uma abordagem menos professoral e que valorize o uso da tecnologia. Tanto que há leis em vários lugares do país obrigando os alunos a manterem telefones celulares e dispositivos móveis desligados durante a aula, para não causarem distração. Se o professor propõe uma atividade usando celular ou *tablet* envolvendo a resolução de um problema e esse problema faz sentido para o aluno, não há como o aluno distrair.

Ao lado desses novos usos de celulares poderíamos estabelecer, coletivamente, tempo de uso e não uso desses aparelhos em sala o que poderia ter um efeito de aumento potencial do nível de cognição dos alunos. Isso seria possível sempre observando o que diz o filósofo Mario Sergio Cortella[72] :

> A escola tem de estar atenta às mudanças tecnológicas, mas não se submeter a elas. Vou dar um exemplo. Imagine se em 2004, quando foi criado o Orkut, uma escola criasse um projeto pedagógico baseado nessa rede social. Como um projeto pedagógico demora 10, 12 anos para ser aplicado na sequência de seriação, hoje ele já estaria obsoleto. Já pensou se quando o pen drive foi lançado outra escola tivesse decidido que todos os alunos deveriam organizar seus materiais nesse formato, que, chegou-se a dizer, substituiria a mochila? Hoje, nenhum jovem usa *pen drive*: eles guardam tudo em nuvens.

[72] http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,cortella-a-escola-passou-a-ser-vista-como-um-espaco-de-salvacao,1168058, acessado em 18/05/2014.

> Portanto, o que digo é que a escola tem de ficar atenta ao novo, mas não ser refém.

A proposta de adoção das salas ambiente também procura adequar o avanço técnico informacional do mundo com os projetos pedagógicos e a estruturação física das escolas.

Ainda com relação à estruturação física das escolas é pertinente lembrar que, o atual momento de valorização imobiliária na cidade de São Paulo e a consequente chegada de habitantes solventes em regiões antes povoadas por população de baixa renda, têm feito fechar escolas públicas nesses lugares por queda na demanda.

Além da precarização da escola pública, a valorização espacial da região central e do centro expandido da cidade de São Paulo impacta as redes públicas de ensino. Em alguns bairros, agora bem mais valorizados, diminui a demanda pelo ensino público levando à diminuição de salas de aulas ofertadas. Neles, existem escolas públicas com poucos alunos, ao contrário de num passado recente. A escola Alfa, por exemplo, localizada na região central, tem praticamente a metade dos alunos que possuía há dez anos.[73]

A valorização espacial, promovida pela especulação imobiliária promove crescentes intervenções espaciais, possibilitando a materialização do acréscimo de valor aos imóveis da região, o lançamento de novos condomínios e o aumento do consumo cultural, o que garante a realização de seus lucros. Ficam nas regiões valorizadas os mais solventes, saem as camadas mais pauperizadas, geralmente em direção às periferias. Essas dinâmicas de valorização espacial têm influência sobre toda a cidade, alteram profundamente paisagens, imprimem novos usos, transformando as relações sociais na metrópole. A valorização da região central e do centro expandido sinaliza para a valorização dos bairros em seu entorno, o que contribui para dinamizar uma valorização da cidade em efeito dominó. Tanto o poder público como o privado estabelecem consensos, articulam discursos, tomam atitudes

[73]É preciso lembrar que o Brasil, em 2016, atravessa grave crise econômica e política com elevados níveis de desemprego. Isso pode fazer com que uma significativa parte da população empobrecida procure a Escola Pública como alternativa de ensino.

repressivas, criam fatos consumados, planejam ações objetivando a expansão do capital investido na especulação imobiliária. Nesse negócio está implícita a concepção de cidade como lugar de produção e reprodução do capital, como máquina de produzir riquezas em que ela é gerida e consumida como mercadoria.

Nessas condições, ao invés de fechar escolas, seria preferível diminuir significativamente o número de alunos por sala, o que facilitaria a melhoria do ensino público. Atualmente, estão dadas as condições para a diversificação das estruturas físicas das escolas.

A existência de salas ambiente auxilia na capacitação do espaço de ensino, ou seja, quanto mais múltiplos os meios e instrumentos de ensino-aprendizado em sala melhor para a aprendizagem. Pequenos acervos de livros, mapas, materiais para experiências e demonstrações práticas para os alunos têm relevante papel no aprendizado escolar. Assim a diversificação das estratégias pedagógicas impede que as aulas fiquem reduzidas a giz e lousa, monótonas e cansativas. Segundo J.L.S. que estudou na Escola Alfa de 2009 a 2011: "Quanto maior a escola, maiores são as possibilidades de laboratórios de aprendizagem, salas personalizadas para determinadas matérias". Para essa aluna, a prática de salas ambiente favorece a interação entre alunos além de possibilitar o acesso mais fácil a livros, mapas e diversos outros materiais. H.E.G acrescenta que a principal diferença entre a estrutura organizacional tradicional das salas de aula e das salas ambiente é que existe uma "maior dinamização entre alunos, professores, diretoria e colaboradores. Essa liberdade (acessibilidade) faz com que haja encontro e desencontro entre pessoas diferentes no mesmo ambiente", ou seja, também favorece uma maior interação entre a comunidade escolar. Isso nos remete à LÜCK (2000:15-18) que ao escrever sobre indicadores para a qualidade na gestão escolar e ensino observa o que chama de espaço físico adequado:

> Grande parte da melhoria do espaço físico ocorre com a participação da comunidade, e ela tem a ver com a sua limpeza, adequação ao tipo de atividades pedagógicas, como também ao uso pleno das mesmas. Escolas eficazes não são necessariamente grandes, mas aquelas que utilizam de forma criativa o seus espaços, formando

> ambientes especiais para leitura, ambiente para representações, etc. Esses ambientes são os mesmos espaços regulares da escola, mas transformados mediante artifícios psicológicos e de disposição de móveis, figuras, etc.

No caso do ensino de geografia, a capacitação do espaço escolar é fundamental, pois os geógrafos também atuam no sentido do desenvolvimento de importantes capacidades intelectuais dos alunos, a saber: a localização, a descrição, a comparação e a análise. Com uma sala ambiente equipada estariam sendo facilitados esses objetivos. Segundo MONBEIG (1945:165), para realizar a descrição, o geógrafo dispõe de diversos instrumentos:

> O melhor é sem dúvida o mapa bem feito que se faz ler e interpretar pelos alunos, uma vez que estejam habituados à utilização dos símbolos. Há ainda as ilustrações sob todas as formas: gravuras, desenho, fotografias, filmes, etc. Enfim, a própria literatura, pois os bons escritores frequentemente "produzem" uma paisagem, mesmo em seus aspectos geográficos, melhor que um geógrafo formado.

Mais adiante observa MONBEIG (1945:167):

> São principalmente as capacidades de observação que a geografia pode desenvolver; poderia dizer, sem exagero, que a geografia é a arte de saber ver: saber ver uma paisagem, saber ver um mapa, uma fotografia. Esse estudo analítico das paisagens ou de suas reproduções, que é feito por uma leitura atenciosa e precisa, constitui um excelente exercício de observação; os alunos aprendem assim a constatar as semelhanças e diferenças depois de um exame metódico. Quanto mais estiverem habituados a esse exercício, tanto melhores serão os resultados em seus trabalhos escolares, e tanto melhor adquirirão hábitos mentais que, fora da escola e da geografia, lhes serão valiosos.

Segundo MONBEIG(1945:167),*"abrir os olhos para o mundo"* dos alunos implica em:

> Fazer ver o que é um rio, o que é uma estrada, o que é o céu com sol, as nuvens, a chuva, o calor, o frio, etc., fazer sentir concretamente todos esses elementos da vida cotidiana, da maneira mais simples possível e com os processos materiais dirigido aos sentidos das crianças. É uma lição de cousas geográficas.

É essa percepção do lugar que pode nos levar a reconhecer a importância das salas ambiente na vida cotidiana da escola. As nossas observações das paisagens, dos conflitos, dos fluxos das pessoas nos levam a adquirir habilidades no sentido de agir por meio da geografia para conhecer esse mundo escolar que a nós se apresenta. Observando a arquitetura, os pátios,as sala de aula, a vida cotidiana, o entorno e as rotinas escolares poderemos avançar em nossa análises.

A Escola pública e de qualidade, enquanto espaço de formação de indivíduos numa sociedade democrática acaba sendo, em si, uma condição essencial para a existência, o exercício e a manutenção da democracia à medida em que possibilita o encontro duradouro dos mais diferentes indivíduos num mesmo ambiente, construindo conhecimentos e compartilhando experiências.

Mas apesar dessa possibilidade de construção escolar, muitos desses espaços escolares de quase sempre confinamento se transformaram em lugar da luta de todos contra todos. Distancia-se assim, no cotidiano, de um lugar de uma prática pedagógica de ensino-aprendizado de qualidade. Muitas vezes essa luta é corporal, pois o corpo entra em conflito com as instituições de controle, como a escola o é.

As Salas ambiente minimizam a violência escolar. Mesmo que não seja perceptível a todos, o uso de salas ambiente democratiza o espaço escolar. Todas as salas são usadas por todos. Exemplo: nenhum aluno ficará somente na sala mais próxima ao banheiro ou na sala que bate muito sol ou onde faz muito frio ou naquela mais próxima à cantina... Essa democratização do espaço geográfico, que propicia a sua apropriação como um todo, impede que se formem territórios de determinado grupo ou turma, como corredor de fulano ou beltrano e, ainda, dificulta o espaço potencial para formação de gangues ou outras formas de segregação. Parte dos corredores, salas ou alguns "cantos" das escolas podem ser apropriados por alunos que estabelecem, como superiores, a sua vontade de consumir drogas, por exemplo, em detrimento de toda coletividade. É muito comum em escolas públicas grupos de alunos se apoderarem de determinadas salas ou banheiros causando medo em parte dos alunos e ameaçando professores. Com salas ambiente quase todo o espaço

escolar acaba sendo espaço de circulação massiva de alunos, inibindo ações autoritárias de apropriação privada por pequenos grupos autoritários. Quanto maior a escola maior a necessidade de salas ambiente, como é o caso da Escola Alfa, pois a existência de salas ambiente possibilita a apropriação e ocupação permanente e em movimento, de todos os seus espaços pela sua comunidade.

Em grandes escolas, semelhantes a essa, a inexistência de salas ambiente potencializa a formação de espaços segregados, tornando-as um ambiente de fácil descontrole e com sérios riscos à segurança da comunidade, além de facilitar a violência escolar. Ao invés dessa apropriação parcelar do espaço escolar por um determinado grupo é mais educativo a promoção da apropriação coletiva desse espaço.

Sem sombra de dúvida, implementar pedagogicamente salas ambiente pode proporcionar uma melhoria significativa no ensino-aprendizado. Os argumentos utilizados no transcorrer dessa Tese foram confirmados enquanto anseio dos alunos da Escola Alfa, quando ao desocupar essa escola escreveram entre as suas reivindicações (Anexo 8) : "Queremos a volta das salas ambiente, para cada professor trabalhar melhor e assim trazer mais conteúdo nas aulas". Mais do que nunca é necessário que haja olhos, corações e mentes que pensem e repensem novas formas pedagógicas de estruturação física do espaço escolar.

A implantação de salas ambiente em uma escola coloca as ações pedagógicas em primeiro plano, ou seja, a pedagogia ganha uma centralidade. Pode amenizar a hiperatividade e o déficit de atenção substituindo assim as intervenções medicamentosas.

Nas salas fixas, o bom professor é aquele que de alguma forma consegue domesticar o corpo discente que está sedento por movimentos, novas vivencias e espaços. Nesse caso, a Escola despreza o movimento corporal historicamente construído que o aluno trás para o ambiente escolar. Nas salas ambiente o professor é um facilitador do ensino-aprendizado em um espaço mais prazeroso, acolhedor, dinâmico. O estado de ânimo dos alunos, o interesse e a motivação, nesse caso, recebem a influência do meio físico da escola.

7 - Considerações finais

Para estudar a educação pública no nosso país faz-se necessário contextualizar o atual período que atravessa o sistema capitalista de produção, suas formas de reprodução e seus planos de expansão. Vivemos uma reestruturação produtiva que teve seus princípios delineados a partir da crise do fordismo, manifestada após o fim do prolongado período de expansão econômica que se seguiu à Segunda Guerra Mundial, e da ocorrência da profunda recessão mundial de 1973/1975. Entende-se o termo fordismo como um conjunto de práticas econômicas, gerenciais, técnicas, políticas e sociais que, articuladas entre si, resultaram em estratégias de reprodução do capital de forma ampliada com o objetivo de diminuir o tempo para a produção das mercadorias. Tal crise levou ao estabelecimento de novas estratégias de acumulação do capital, chamado de "sistema de produção flexível". Nesse sistema, diferentemente do fordismo, parte das empresas se dispersa territorialmente causando desconcentração industrial, o que não significa processos de desconcentração do capital. Esse "sistema de produção flexível" é articulado com práticas capitalistas fortemente financeirizadas implicando em um endividamento crescente dos governos, das empresas e das pessoas. Essas também se endividam para estudar. Cada vez mais, um número menor de empresas dominam o mercado mundial da educação. Privatizações, terceirizações e a atuação decisiva do capital financeiro marcam os mercados mundiais. Uma contradição se manifesta de forma aguda: quanto mais ocorrem mecanizações e informatizações nas empresas, mais tendem a cair as taxas de lucro, o que contribui para a formação de grandes conglomerados econômicos, também na educação. Torna-se difícil para pequenas e médias empresas sobreviverem, inclusive no ramo da educação privada. Ao mesmo tempo, discursos governamentais sofisticados articulados por meio das diversas mídias procuram demonstrar a inviabilidade da escola pública no sentido de abrir caminho para a sua privatização.

A produção de mercadorias sofistica-se e estende-se para ramos antes marginalizados ou subtilizados neste processo, como o da produção cultural,

por exemplo. Concebe-se a educação enquanto mercadoria destinada ao mercado e grandes conglomerados educacionais/financeiros são formados com o objetivo de azeitar a máquina da reprodução do capital. Isso implica em conceber uma educação que não seja questionadora, que não possa compreender o mundo a partir dos valores que transcendem o interesses do mercado: a competitividade, o individualismo e o consumismo, por exemplo. Com isso as ciências humanas são secundarizadas e o pensamento crítico sofre um cerco ideológico.

O que verificamos atualmente no Brasil é o fortalecimento de uma educação tecnicista, impregnada com o ideário da racionalidade capitalista, e que amplia e barateia a mão de obra nacional , com vistas a atender as necessidades do desenvolvimento capitalista. Nessa visão a educação é o pressuposto para o desenvolvimento econômico, bem como do desenvolvimento do indivíduo, que, ao estudar, estaria valorizando a si mesmo na mesma lógica em que se valoriza o capital.

Estamos vivendo as consequências das políticas educacionais firmadas durante a ditadura civil militar no Brasil (1964-1985). Os acordos e convênios mostram atualmente os seus resultados nas novas gerações de estudantes e professores brasileiros. Destacamos o acordo assinado entre o Ministério da Educação e Cultura do Brasil (MEC) e a United States Agency for International Development dos Estados Unidos (USAID) em que os Estados Unidos da América transferiram para o Brasil suas concepções de organização social, política e econômica, particularmente na área da educação, através de uma reforma no ensino. Essas ações na educação favoreceram o avanço do capital sobre a educação e a formação de gerações de estudantes tecnicistas avessos às ciências humanas. Observamos também, uma espécie de "inclusão perversa"[74] na educação, ou seja, garante-se o acesso das classes populares ao ensino e ao mesmo tempo as limita quanto a uma formação educacional mais ampla, consistente, qualificada e crítica.

[74] Termo usado por José de Souza Martins ao analisar processos de inclusão social, onde permanece a situação de precariedade dos incluídos.

Em 2015, as ocupações das escolas públicas paulistas moveram-se em sentido contrário a essas políticas neoliberais privatizantes. Essas rebeliões estudantis, inesperadas pela sociedade brasileira, inspiradas em movimentos internacionais, inspiradoras de outros movimentos, tiveram como objetivo a luta contra a reorganização escolar proposta pelo governo do estado. Elas expuseram socialmente a profunda crise por que possam as escolas públicas brasileiras. Elas revelaram gerações que se apropriaram do espaço escolar e que acreditaram que a realidade escolar pode ser mudada se agirem e se reconhecerem como parte integrante e ativa nas decisões escolares. Revindicaram uma escola pública de qualidade que fosse democrática e criativa. Fizeram do espaço escolar o lugar do conhecimento, do debate e da festa, um espaço de vida criativa. Uma criatividade possível de ser exercida, no cotidiano escolar, por meio das salas ambiente.

Objeto dessa Tese, a implantação de salas ambiente é uma estratégia pedagógica necessária e inovadora. Entende-se como salas ambiente formas de estruturação física das escolas, baseadas em Planos Políticos Pedagógicos, em que os professores ficam fixos em determinadas salas de aula e os alunos são os que se movimentam para seus estudos entre uma disciplina escolar e outra. A implantação de salas ambiente em uma escola coloca as ações pedagógicas em primeiro plano, ou seja, a pedagogia ganha uma centralidade. Atualmente as paisagens das escolas públicas se assemelham com as paisagens das prisões. O espaço geográfico das escolas tornou-se o espaço do confinamento: cadeados, correntes, grades e muros são os seus signos. Nesse sentido, esse estudo destaca a potencialidade criadora das salas ambiente como forma de transformação desse estado de coisas nas escolas públicas.

É possível criar ambientes nas escolas em que estudantes e professores sintam prazer em frequentá-los, com diálogo e atividades educativas e culturais que os integrem à comunidade como um todo, ou seja, uma escola democrática. É necessário romper com as estruturas escolares arcaicas. As salas ambiente se contrapõem as salas fixas que desempenham papel de jaulas, onde o bom professor é aquele que de alguma forma consegue domesticar os corpos sedentos por movimentos. Elas podem despertar o

potencial criativo de professores e estudantes, pois possibilitam melhores condições de aprendizado, favorecem a sociabilização e a construção de relações mais solidárias entre alunos, estimulam a auto organização discente, combatem o tédio e fazem diminuir a ansiedade em um ambiente confinado, dificultando assim a evasão escolar.

A análise do lugar Escola, a sua observação e descrição, a comparação entre sala ambiente e sala fixa, e finalmente a análise combinada de tudo isso produziu essa Tese. Ela se projeta no campo do conhecimento, com essas ferramentas especialmente geográficas, como uma contribuição para as pedagogias escolares à procura de um melhor ensino-aprendizado.

8 - Bibliografia de Referência

ALMEIDA, Nedir Fernandes de. **Metamorfoses dos usos do lugar : a revalorização urbana como estratégia de acumulação de capital**: . Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-23012008-115246/>. Acesso em: 2014-07-23.

ARBEX, José. **Narcotráfico: um jogo de poder nas Américas**, São Paulo: Editora Moderna, 1993.

BOTELHO, Adriano - **Do fordismo à produção flexível – a produção do espaço em um contexto de mudança das estratégias de acumulação do capital** , Revista **GEOUSP** número 10, São Paulo: Departamento de Geografia, FFLCH-USP, 2001.

BRUNS, Barbara, LUQUE, Javier. **Professores Excelentes-como melhorar a aprendizagem dos estudantes na América Latina e no Caribe.** Washington, D.C.: Grupo Banco Mundial, 2014,

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio – **Cidade de muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo,** São Paulo: Edusp/ Editora 34, 2000.

CAMARGO, Danilo Alexandre Ferreira de. **O abolicionismo escolar**: reflexões a partir do adoecimento e da deserção dos professores. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-29082012-105335/>. Acesso em: 26-07-2014.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: Labur Edições, 2007.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

ENGUITA, Mariano. **A face oculta de escola**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FOUCAULT, Michel – **Microfísica do Poder**, Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal Ltda, 1998.

FREIRE, João Batista. **Educação de Corpo Inteiro Teoria e Prática da Educação Física**. São Paulo,Scipione,1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia- saberes necessários à prática educativa.** São Paulo. Editora Paz e Terra, 2003.

HESSEL, Stéphane e MORIN, Edgar - **Le Chemin de l'espérance**. Paris: Livrairie Arthème Fayard, 2011

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, Pensar, Agir.** Corporeidade e Educação. Campinas S. P., Papirus, 1994.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna – uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Edições Loyola,1992.

HELLER, Agnes. **O quotidiano e a História.** São Paulo: Paz e Terra, 1972 (ed. original: 1963).

LEFEBVRE, Henri. **Lógica Formal, Lógica Dialética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

LEFEBVRE, Henri. **Crítica da vida cotidiana III: da modernidade ao modernismo** (Por uma metafilosofia do cotidano) Paris: Editora Arche, 1981 – Nobuko Kawashita (Tradução)

LEFEBVRE, Henri**. La presencia y la ausência** – contribuición a teoria de las representaciones. México: Fondo de Cultura Economica, 1983.

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana** . Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro Editora, 2001.

LÜCK, Heloísa. Indicadores para a qualidade na gestão escolar e ensino. **Gestão em Rede ,** Curitiba**,** revista número 25, nov/dez.2000.

MARQUES, Fabrício. **Quando o computador ajuda a aprender.** REVISTA FAPESP, número 246, São Paulo: FAPESP, 2016.

MARTINS, José de Souza. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo. Editora PAULUS, 1997.

MASSEY, Doreen. **Um sentido Global do Lugar in O Espaço da Diferença**. Org. Antonio A Arantes. Campinas: Papirus, 2000.

MEDINA, João Paulo S. **O Brasileiro e seu Corpo**. Educação e Política do Corpo. Campinas, S. P. Papirus, 1990

MEDINA, João Paulo S. **A Educação Física Cuida do Corpo... e Mente**. Campinas, Papirus, 1989.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos**. "Sala ambiente"** (verbete). Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2002.

MONBEIG, Pierre. **A Geografia no Ensino Secundário** - Boletim Geográfico- v.2-número 26. São Paulo: FFLCH- USP - 1945.

MORAES, Antônio Carlos Robert - **Renovação da Geografia e Filosofia da Educação: dúvidas não sistemáticas** - Revista Orientação- Departamento de Geografia - FFLCH - USP - 1986.

MOSCOVICI, Serge**. A Psicanálise, Sua Imagem e seu Público**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012

PENIN, S. T. S – **Caderno de Pesquisa**, número 92, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1995.

PENIN, S.T.S. **Escola e Cotidiano: a obra em construção** (o poder das práticas cotidianas na transformação da escola) – 2ª. ed - São Paulo: Cortez, 2011 (Ed. original: 1989).

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. A geografia: pesquisa e ensino. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org). **Novos Caminhos da Geografia.** São Paulo: Editora Contexto, 2002.

ROVAI, Esméria - Um encontro com o passado pensando o **futuro**. In: ROVAI, Esméria (org.) **Ensino Vocacional** - Uma pedagogia Atual. São Paulo: Cortez, 2005.

REZENDE, Eduardo Coelho Morgado e FERREIRA, Ricardo Vicente. **A Geografia fora da sala de aula**. São Paulo: Editora Necrópolis, 2008.

REICH, Wilhelm – **Escuta Zé Ninguém**, Lisboa , Portugal, Publicações Dom Quixote,1974.

SACRISTÁN, J. G., GÓMEZ, A. L. P. **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SCHMID, Aloísio Leoni. **A idéia de conforto: reflexões sobre o ambiente construído**. Curitiba: Pacto Ambiental, 2005.

SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1993.

TAMBERLINI, Ângela Maciel de Barros. Os ginásios Vocacionais, a História e a possibilidade de futuro In: ROVAI, Esméria (org.) **Ensino Vocacional** - Uma pedagogia Atual. São Paulo: Cortez, 2005.

TÜKCKE, Christoph . **Sociedade Excitada - filosofia da sensação.** Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

ZABALA, ANTONI, A Prática Educativa: Como Ensinar. Porto Alegre, 1998.

WEB SITES VISITADOS:

http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/11/1707366-rede-estadual-de-sp-enfrenta-saida-recorde-de-professores.shtml?cmpid=compfb, acessado em 15/11/2015.

http://www.apeoesp.org.br/noticias/noticias/a-cada-2-dias-um-professor-e-agredido-por-aluno-em-escolas-estaduais/ 09/07/2015

http://oglobo.globo.com/opiniao/crise-forca-fim-do-injusto-ensino-superior-gratuito-19768461, acessado em 28/07/2016

http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,cortella-a-escola-passou-a-ser-vista-como-um-espaco-de-salvacao,1168058, acessado em 18/05/2014.

http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,cortella-a-escola-passou-a-ser-vista-como-um-espaco-de-salvacao,1168058, acessado em 18/05/2014.

www.estado.com.br, acessado em 17/05/2014.

http://www.debatesculturais.com.br/estado-educacao-e-espaco-escolar/acessado em 18/09/2016.

http://pmdb.org.br/wp-content/uploads/2015/10/RELEASE-TEMER_A4-28.10.15-Online.pdf, acessado em 19/09/2016.

sf-sistema-sedol2-id-documento-composto-58261.pdf, acessado em 24/09/2016.

https://www.facebook.com/groups/751383798306225/?fref=ts, acessado em 01/08/2016

http://www.fiquemsabendo.com.br/2015/07/a-cada-2-dias-um-professor-e-agredido-por-aluno-em-escolas-estaduais/ acessado em 01/08/2016.

http://www.educacao.sp.gov.br/noticias/com-foco-na-qualidade-de-ensino-educacao-anuncia-nova-organizacao-para-a-rede-estadual, acessado em 05/10/2015.

https://www.youtube.com/watch?v=IkWrKtFsuR4, acessado em 05/01/2016,

http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/pesquisa-revela-que-maior-uso-de-drogas-entre-estudantes-de-escolas-particulares-2908898, acessado em 03/03/2016.

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/bncc-2versao.revista.pdf, acessado em 19/09/2016.

http://www.brasil.gov.br/educacao/2015/09/mec-apresenta-base-curricular-nacional-do-ensino-basico, acessado em 19/09/2016

http://www.deolhonosplanos.org.br/construcao-de-curriculo-nacional-recebe-criticas-por-pouca-divulgacao-e-falta-de-participacao-da-sociedade/ acessado em 19/09/2016.

http://www.revistaforum.com.br/2015/12/09/estudantes-italianos-ocupam-escola-em-roma-e-pedem-o-apoio-dos-secundaristas-de-sp/acessado em 18/12/2015.

https://gremiolivre.wordpress.com/2015/10/21/como-ocupar-um-colegio-versao-online/acessaddo em 21 de outubro de 2016.

www.chargeonline.com.br, acessado em 23/01/2016

https://www.youtube.com/watch?v=LK9Ri2prfNw, acessado em 23/03/2016

http://www.redebrasilatual.com.br/educacao/2016/01/pedagogia-da-cidadania-as-licoes-dos-estudantes-para-2016-1135.html, acessado 10/04/2016.

http://www.redebrasilatual.com.br/educacao/2016/01/pedagogia-da-cidadania-as-licoes-dos-estudantes-para-2016-1135.html, acessado em 10/04/2016.

https://www.youtube.com/watch?v=LK9Ri2prfNw, acessado em 18/09/2016

https://www.youtube.com/watch?v=14NqOdRY_Ls, acessado em 16/09/2016.

https://www.google.com.br/search?q=charges+laerte&biw=1366&bih=643&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&sqi=2&ved=0ahUKEwjQotiVlfjNAhVGF5AKHaMWD8sQsAQIJw#imgrc=X37GCqF_6xrSEM%3A, acessado em 22/10/2015.

http://www.ncstsp.org.br/artigos/resistencia-estudantil-faz-alckimin-suspender-fechamento-de-escolas/acesssado em 05.01.2016

http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1961/lei-6052-03.02.1961.html, acessado em 07/07/2016.

http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/109459/lei-3552-59, acessado em 07/08/2016.

http://jornalbrasil.com.br/noticia/alunos-de-escolas-ocupadas-querem-usar-aula-voluntaria-para-abonar-dias-letivos.html, acessado em 01/12/2015.

http://naescolaenolar.blogspot.com.br/2011/03/implementacao-da-sala-ambiente-uma.html, acessado em 01.08.2016.

http://naescolaenolar.blogspot.com.br/2011/03/implementacao-da-sala-ambiente-uma.html, acessado em 01.08.2016.

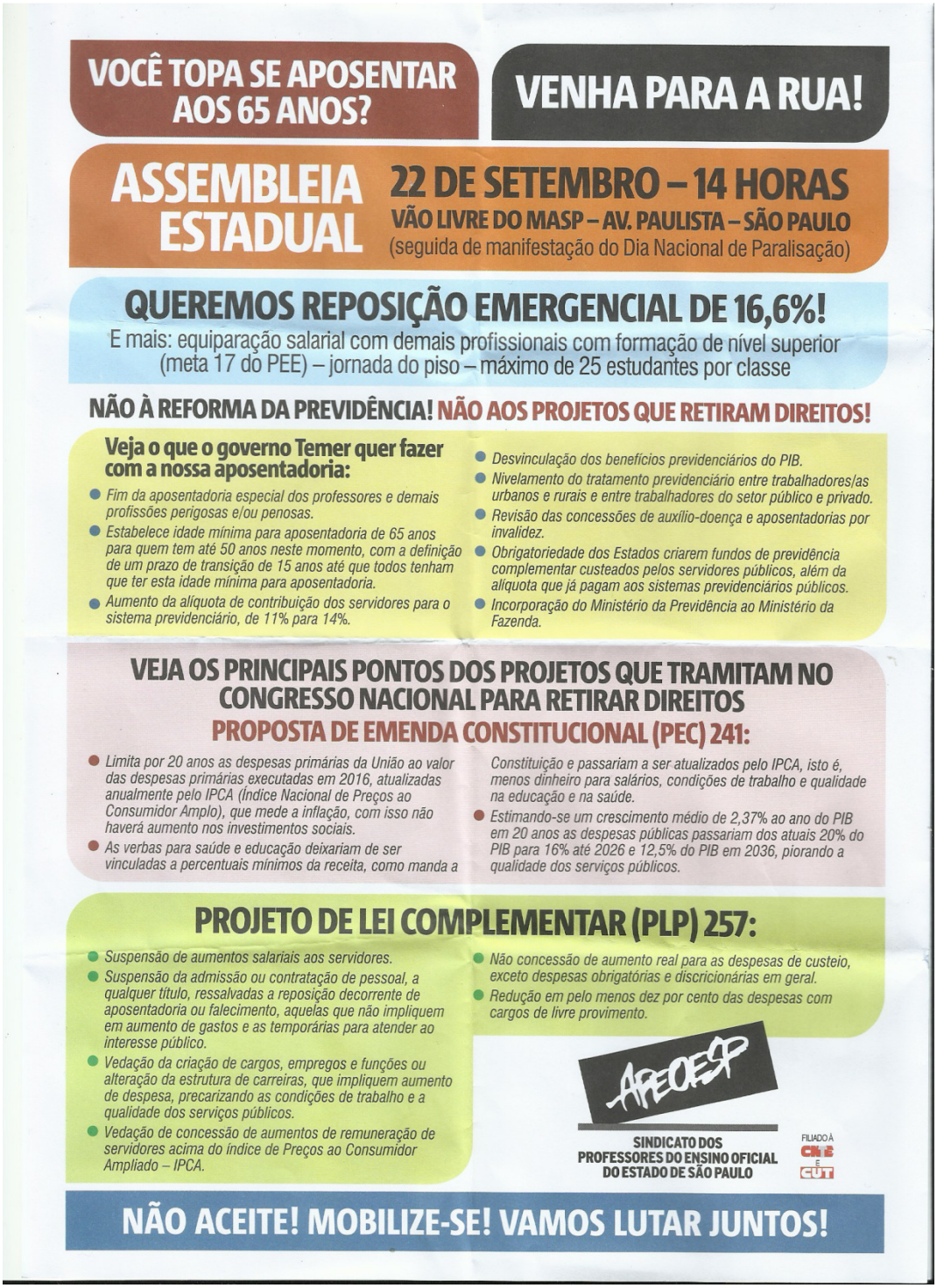
http://www.vagalume.com.br/dani-black/o-trono-do-estudar.html, acessado em 23/10/2015.

http://www.jornalcidade.net/rio-claro/destaque-foto/apostilas-sao-descartadas-na-fausto-santomauro/acessado em 20/09/2016.

http://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2013/04/apostilas-novas-sao-jogadas-em-canavial-na-regiao-de-piracicaba.html, acessado em 20/09/2016.

09 - Anexos

Anexo 1



VOCÊ TOPA SE APOSENTAR AOS 65 ANOS?

VENHA PARA A RUA!

ASSEMBLEIA ESTADUAL

22 DE SETEMBRO – 14 HORAS

VÃO LIVRE DO MASP – AV. PAULISTA – SÃO PAULO

(seguida de manifestação do Dia Nacional de Paralisação)

QUEREMOS REPOSIÇÃO EMERGENCIAL DE 16,6%!

E mais: equiparação salarial com demais profissionais com formação de nível superior (meta 17 do PEE) – jornada do piso – máximo de 25 estudantes por classe

NÃO À REFORMA DA PREVIDÊNCIA! NÃO AOS PROJETOS QUE RETIRAM DIREITOS!

Veja o que o governo Temer quer fazer com a nossa aposentadoria:

- *Fim da aposentadoria especial dos professores e demais profissões perigosas e/ou penosas.*
- *Estabelece idade mínima para aposentadoria de 65 anos para quem tem até 50 anos neste momento, com a definição de um prazo de transição de 15 anos até que todos tenham que ter esta idade mínima para aposentadoria.*
- *Aumento da alíquota de contribuição dos servidores para o sistema previdenciário, de 11% para 14%.*
- *Desvinculação dos benefícios previdenciários do PIB.*
- *Nivelamento do tratamento previdenciário entre trabalhadores/as urbanos e rurais e entre trabalhadores do setor público e privado.*
- *Revisão das concessões de auxílio-doença e aposentadorias por invalidez.*
- *Obrigatoriedade dos Estados criarem fundos de previdência complementar custeados pelos servidores públicos, além da alíquota que já pagam aos sistemas previdenciários públicos.*
- *Incorporação do Ministério da Previdência ao Ministério da Fazenda.*

VEJA OS PRINCIPAIS PONTOS DOS PROJETOS QUE TRAMITAM NO CONGRESSO NACIONAL PARA RETIRAR DIREITOS

PROPOSTA DE EMENDA CONSTITUCIONAL (PEC) 241:

- *Limita por 20 anos as despesas primárias da União ao valor das despesas primárias executadas em 2016, atualizadas anualmente pelo IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo), que mede a inflação, com isso não haverá aumento nos investimentos sociais.*
- *As verbas para saúde e educação deixariam de ser vinculadas a percentuais mínimos da receita, como manda a Constituição e passariam a ser atualizados pelo IPCA, isto é, menos dinheiro para salários, condições de trabalho e qualidade na educação e na saúde.*
- *Estimando-se um crescimento médio de 2,37% ao ano do PIB em 20 anos as despesas públicas passariam dos atuais 20% do PIB para 16% até 2026 e 12,5% do PIB em 2036, piorando a qualidade dos serviços públicos.*

PROJETO DE LEI COMPLEMENTAR (PLP) 257:

- *Suspensão de aumentos salariais aos servidores.*
- *Suspensão da admissão ou contratação de pessoal, a qualquer título, ressalvadas a reposição decorrente de aposentadoria ou falecimento, aquelas que não impliquem em aumento de gastos e as temporárias para atender ao interesse público.*
- *Vedação da criação de cargos, empregos e funções ou alteração da estrutura de carreiras, que impliquem aumento de despesa, precarizando as condições de trabalho e a qualidade dos serviços públicos.*
- *Vedação de concessão de aumentos de remuneração de servidores acima do índice de Preços ao Consumidor Ampliado – IPCA.*
- *Não concessão de aumento real para as despesas de custeio, exceto despesas obrigatórias e discricionárias em geral.*
- *Redução em pelo menos dez por cento das despesas com cargos de livre provimento.*

APEOESP

SINDICATO DOS PROFESSORES DO ENSINO OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO

FILIADO À CNTE E CUT

NÃO ACEITE! MOBILIZE-SE! VAMOS LUTAR JUNTOS!

Anexo 2 - Carta do ministro da educação ao presidente da república justificando a necessidade da medida provisória *Nº 746, de 22 de setembro de 2016.*

EM nº 00084/2016/MEC

Brasília, 15 de setembro de 2016.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,

1. Cumprimentando-o cordialmente, submetemos à apreciação de Vossa Excelência proposta de alteração da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, para dispor sobre a organização dos currículos do ensino médio, ampliar progressivamente a jornada escolar deste nível de ensino e criar a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral.

2. A LDB, criada em 1996, incluiu o ensino médio como parte da educação básica. Ao longo destes 20 anos, uma série de medidas foram adotadas para esta etapa de ensino, no entanto, a sua função social, prevista no art. 35, não atingiu os resultados previstos. O referido artigo prevê que o ensino médio deverá consolidar e aprofundar os conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, bem como formar indivíduos autônomos, capazes de intervir e transformar a realidade. Todavia, nota-se um descompasso entre os objetivos propostos por esta etapa e o jovem que ela efetivamente forma.

3. As Diretrizes Curriculares do Ensino Médio, criadas em 1998 e alteradas em 2012, permitem a possibilidade de diversificar 20% do currículo, mas os Sistemas Estaduais de Ensino não conseguiram propor alternativa de diversificação, uma vez que a legislação vigente obriga o aluno a cursar treze disciplinas.

4. Atualmente o ensino médio possui um currículo extenso, superficial e fragmentado, que não dialoga com a juventude, com o setor produtivo, tampouco com as demandas do século XXI. Uma pesquisa realizada pelo Centro Brasileiro de Análise e Planejamento – Cebrap, com o apoio da Fundação Victor Civita – FVC, evidenciou que os jovens de baixa renda não veem sentido no que a escola ensina.

5. Apesar de tantas mudanças ocorridas ao longo dos anos, o ensino médio apresenta resultados que demandam medidas para reverter esta realidade, pois um elevado número de jovens encontra-se fora da escola e aqueles que fazem parte dos sistemas de ensino não possuem bom desempenho educacional.

6. Em relação à matrícula, somente 58% dos jovens estão na escola com a idade certa (15 a 17 anos). Do total de matriculados, 85% frequentam a escola pública e, destes, por

APROVADO PELA ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO – CONJUR-MEC

volta de 23,6% estudam no período noturno. A falta de escolaridade reflete diretamente nos resultados sociais e econômicos do país.

7. Os dados educacionais publicados recentemente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP evidenciaram resultados aquém do mínimo previsto, isto é, 41% dos jovens de 15 a 19 anos matriculados no ensino médio apresentaram péssimos resultados educacionais.

8. O Brasil utiliza o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB para avaliar a aprendizagem dos alunos. Esse índice leva em consideração o fluxo escolar (taxa de aprovação, evasão e abandono), a nota da Prova Brasil para ensino fundamental e a nota do Sistema de Avaliação da Educação Básica – SAEB para o ensino médio. Na criação do IDEB, o Brasil definiu alcançar o índice 5,2 em 2021 com metas progressivas a cada dois anos. Essa meta está relacionada ao resultado obtido pelos 20 países mais bem colocados no mundo, que compõem a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE.

9. Nos resultados do SAEB, o ensino médio apresentou resultados ínfimos. Em 1995, os alunos apresentavam uma proficiência média de 282 pontos em matemática e, hoje, revela-se o índice de 267 pontos, ou seja, houve uma queda de 5,3% no desempenho em matemática neste período. Os resultados tornam-se mais preocupantes, observado o desempenho em língua portuguesa: em 1995, era 290 pontos e, em 2015, regrediu para 267 – uma redução de 8%.

10. Neste período, o Brasil passou pela democratização da educação, com a universalização da oferta de matrícula na educação básica e, embora não tenha conseguido atender a todos os alunos do ensino médio, 58% dos jovens de 15 a 17 anos estão na escola. Contudo, a qualidade do ensino ofertado, além de não acompanhar o direito ao acesso, decresceu, uma vez verificados os resultados de aprendizagem apresentados.

11. Essa realidade piora, sobretudo, ao se observar o percentual de alunos por nível de proficiência. No geral, mais de 75% dos alunos estão abaixo do esperado, e por volta de 25% encontram-se no nível zero, ou seja, mais de dois milhões de jovens não conseguem aplicar os conhecimentos adquiridos nas disciplinas de português e matemática.

12. O IDEB do ensino médio no Brasil está estagnado, pois apresenta o mesmo valor (3,7) desde 2011. No período de 2005 a 2011, apresentou um pequeno aumento de 8% e, de 2011 a 2015, nenhum crescimento. O IDEB 2015 está distante 14% da meta prevista (4,3) e 28,8% do mínimo esperado para 2021 (5,2). A situação piora quando se analisa o desempenho por unidade federativa, em que somente dois estados, Amazonas e Pernambuco, conseguiram atingir a meta prevista para 2015.

13. Isso é reflexo de um modelo prejudicial que não favorece a aprendizagem e induz os estudantes a não desenvolverem suas habilidades e competências, pois são forçados a cursar, no mínimo, treze disciplinas obrigatórias que não são alinhadas ao mundo do trabalho, situação esta que, aliada a diversas outras medidas, esta proposta visa corrigir, sendo notória, portanto, a relevância da alteração legislativa.

14. Aprofundando-nos no aspecto da urgência, há que se considerar que, dada a oscilação do quantitativo populacional brasileiro, observa-se que o desafio nacional é ainda mais amplo. No período de 2003 a 2022, é estimado que a população jovem brasileira atinja seu ápice, alcançando por volta de 50 milhões dos habitantes. A partir disso, inicia-se uma queda projetada em 12,5 milhões de jovens, de modo que este é o momento mais importante e urgente para investir na educação da juventude, sob pena de não haver garantia de uma população economicamente ativa suficientemente qualificada para impulsionar o desenvolvimento econômico.

15. No entanto, o mais relevante é que, nesse mesmo período, a taxa de crescimento da população idosa caminha em torno de 3% ao ano, ou seja, serão esses jovens (a base contributiva do nosso sistema social de transferências de recursos dos ativos para os inativos) que entrarão no mercado de trabalho nas duas próximas décadas, razão pela qual se mostra urgente investir para que o Brasil se torne um País sustentável social e economicamente.

16. Em 2011, 13,6% da população de jovens de 15 a 24 anos não estudavam e não trabalhavam. Hoje esse percentual está em torno de 20%. A parcela de jovens fora do mercado de trabalho e da escola deveria reduzir com a conclusão da vida escolar e a transição para o trabalho, no entanto, o reverso tem ocorrido.

17. A situação piora na medida em que somente 16,5% dos jovens ingressam no ensino superior e 8% cursam educação profissional, ou seja, aproximadamente 75% da juventude torna-se invisível para os sistemas educacionais brasileiros e não consegue sequer boa colocação no mercado de trabalho.

18. Um novo modelo de ensino médio oferecerá, além das opções de aprofundamento nas áreas do conhecimento, cursos de qualificação, estágio e ensino técnico profissional de acordo com as disponibilidades de cada sistema de ensino, o que alinha as premissas da presente proposta às recomendações do Banco Mundial e do Fundo das Nações Unidas para Infância – Unicef.

19. Resta claro, portanto, que o ensino médio brasileiro está em retrocesso, o que justifica uma reforma e uma reorganização ainda este ano, de tal forma que, em 2017, os sistemas estaduais de ensino consigam oferecer um currículo atrativo e convergente com as demandas para um desenvolvimento sustentável.

20. É de se destacar, outrossim, que o Brasil é o único País do mundo que tem apenas um modelo de ensino médio, com treze disciplinas obrigatórias. Em outros países, os jovens, a partir dos quinze anos de idade, podem optar por diferentes itinerários formativos no prosseguimento de seus estudos.

21. Neste sentido, a presente medida provisória propõe como principal determinação a flexibilização do ensino médio, por meio da oferta de diferentes itinerários formativos, inclusive a oportunidade de o jovem optar por uma formação técnica profissional dentro da carga horária do ensino regular.

22. A presente proposta também estabelece a ampliação progressiva da jornada escolar, conforme o Plano Nacional de Educação, e limita a carga horária máxima de mil e duzentas horas para Base Nacional Curricular Comum, com autonomia dos sistemas estaduais de ensino para organização de seus currículos, de acordo com as realidades diversas.

23. Na perspectiva de ofertar um ensino médio atrativo para o jovem, além da liberdade de escolher seus itinerários, de acordo com seus projetos de vida, a medida torna obrigatória a oferta da língua inglesa, o ensino da língua portuguesa e da matemática nos três anos desta etapa, e prevê a certificação dos conteúdos cursados de maneira a possibilitar o aproveitamento contínuo de estudos e o prosseguimentos dos estudos em nível superior e demais cursos ou formações para os quais a conclusão do ensino médio seja obrigatória.

24. A presente medida, também, cria a Política de Educação em Tempo Integral de Fomento à Implantação de Escolas em Tempo Integral para o ensino médio de escolas estaduais, que apoiará a implementação de proposta baseada não apenas em mais tempos de aula, como também em uma visão integrada do estudante, apoiada nos quatro pilares de Jacques Delors: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser, buscando uma formação ampla do jovem, tanto nos aspectos cognitivos quanto nos aspectos socioemocionais, o

APROVADO PELA ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO – CONJUR-MEC

que é fundamental para tornar a escola atrativa e significativa, reduzindo as taxas de abandono e aumentando os resultados de proficiência.

25. Estas, Excelentíssimo Senhor Presidente, são as razões que nos levam a submeter à apreciação de Vossa Excelência a presente proposta.

Respeitosamente,

JOSÉ MENDONÇA BEZERRA FILHO
Ministro de Estado da Educação

APROVADO PELA ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO – CONJUR-MEC

Anexo 3

I - SEMANA CULTURAL: arte e reflexão (2013)

Projeto: SEMANA CULTURAL: Arte e Reflexão

Data: 16, 17 e 18 de outubro de 2013.

Horário: 7h às 12h20 (período matutino de aulas).

Objetivo: Incentivar a reflexão indispensável ao exercício da cidadania por meio do estímulo à leitura e às artes; motivar o interesse científico e cultural; incentivar a interação social no espaço escolar estabelecendo-o como local privilegiado para a constituição do espírito republicano.

Justificativa: A Semana Cultural integra-se ao esforço de construção de um ambiente escolar onde se torne possível compreender a formação educacional do alunado em um sentido amplo: tanto no que tange ao desenvolvimento intelectual quanto à formação cultural e cidadã, privilegiando, por meio das artes, a sensibilização em prol de um ambiente onde impere o diálogo e as ações cooperativas, em detrimento da violência em suas várias manifestações. Assim, a proposta dessa Semana encontra-se em consonância com o Parecer CNE/CEB nº 15/98 que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, em seu capítulo 3, que apresenta os fundamentos da "Estética da Sensibilidade", da "Política da Igualdade" e da "Ética da Identidade" como as bases sobre as quais devem ser pensadas as ações no âmbito escolar. A estruturação da Semana Cultural, que se efetiva em atividades de promoção da leitura, da escrita, da oralidade, da música, da dança, da performance teatral, assim como a realização de palestras e debates, sustenta uma proposta de interdisciplinaridade e mutualidade, visando aos desenvolvimentos sociocultural e educacional de todos os alunos membros da Escola.

Atividades:

1) Realização de palestras que terão como eixo a reflexão acerca do espaço da escola e sua inerente relação com a promoção da cidadania. Tais atividades, objetivando um debate mais rico e profícuo a toda comunidade escolar e ao público em geral, contarão com a participação de professores da Escola, professores convidados e de alunos da Escola Alfa que ora desenvolvem projetos de pesquisa sobre as relações entre Direitos Humanos e Educação. Os temas a serem desenvolvidos nos debates serão[75]:

A. "Se é público não é de ninguém?";

B."É possível uma escola sem drogas?";

C. "Por que os alunos depredam a escola?";

[75] Programação ainda sujeita a possíveis alterações, mas que não comprometerão o teor da atividade

D. “Qual o lugar do professor hoje?”

2) Realização de Sarau com apresentações voluntárias de alunos da Escola Alfa de atrações musicais, teatrais e/ou literárias.

Cronograma: - Divulgação: 01 (terça-feira) e 02(quarta-feira) de outubro;

- Inscrições: 03 (quinta-feira) a 08 (terça-feira) de outubro;

- Reunião com os inscritos: 09 (quarta-feira) de outubro;

- Reunião da Comissão de Organização da Semana Cultural: 10 (quinta-feira) de outubro;

- Realização:

- Dia 16 de Outubro: Palestras A e B seguidas de debates
- Dia 17 de Outubro: Palestras C e D seguidas de debates.
- Dia 18 de Outubro: Sarau dos alunos, com as apresentações descritas no item 2 do subtítulo “Atividades”.

Observação: Os dias 16 e 17 de Outubro serão abertos ao público em geral e o dia 18 de Outubro, objetivando a manutenção da segurança, será restrito à Comunidade Escolar (alunos, professores, gestores funcionários e pais de alunos).

Material necessário: Microfones, aparelhagem de som, equipamento multimídia para a realização das palestras e debates. Demais aparelhos, instrumentos musicais, cabos, extensões, materiais cenográficos necessários às apresentações do dia 18 de Outubro ficarão a cargo da Comissão responsável e do Grêmio.

Envolvidos: Alunos da Escola Alfa, Grêmio Estudantil e professores.

Anexo 4 - Projeto de Ação pedagógica na Escola Alfa

ÁGUA: MEIO AMBIENTE, SUSTENTABILIDADE E CIDADANIA

Fevereiro de 2015

Água-Língua(*)

Beber deste conhecimento
Poço de sabedoria
Lavar a alma
Foi a gota d'água
Estar no fundo do poço
Desta água não beberei
Águas do mar da vida
Sede de poder; sede de Justiça...

A água está na lágrima, na saliva, no suor...
Está na coriza, na urina...

Água benta, água do Batismo
Água como espelho (Mito de Narciso)

Água para lavar
Água para curar (águas termais)
Água como ornamento (chafarizes e fontes)
Água na piscina...

A água está na fé
(o dilúvio, o Mar Vermelho, a fonte da água viva)
- O sertão vai virar mar?

Incolor, mas quem não gosta de vê-la em cachoeiras e cascatas?
Insípida, mas quem não gosta de bebê-la, sobretudo no calor?
Inodora, mas para que aroma,
se ela mexe com nosso tato como no banho?
Para que, se de tão bela,
é um colírio para os olhos?
Para que, se nos maravilha com seu canto? (som das águas)

Se pudéssemos, faríamos um instante de silêncio só para pensar nessas coisas.

Marcos Bastos dos Santos (04/8/2000)

(*) Crônica baseada - em parte - no texto *Caminhos que Andam: os Rios e a Cultura Brasileira*, de Renato da Silva Queiroz que, por sua vez, agradece a Irene Maria Ferreira Barbosa, professora da UNESP-Marília (vide Bibliografia, na obra *Águas Doces no Brasil).*

ÁGUA: MEIO AMBIENTE, SUSTENTABILIDADE E CIDADANIA

I - INTRODUÇÃO

Esse projeto nasceu a partir de discussões realizadas na primeira reunião de planejamento dos professores, coordenadores pedagógicos e direção da EESP. Esse encontro foi realizado em 18, 19 e 20 de fevereiro de 2015. Envolveu professores do período matutino e vespertino, do ensino fundamental e médio.

Sabemos que não será fácil executá-lo. Com certeza, ocorrerão falhas e acertos mas acreditamos que é nesse percurso que se pode construir uma prática pedagógica que una o conjunto da comunidade escolar e que, através da transversalidade do tema proposto, possamos avançar um pouco mais na construção de uma escola democrática, construtora de cidadania.

Escolhemos como **eixo motivador a questão da água**, como estratégica de desenvolvimento de práticas sociais ambientalmente sustentáveis e que despertem em nossa comunidade com (ciência) do seu papel na sociedade modificando a relação do homem com o meio em que vive.

II - JUSTIFICATIVA

Atualmente, a escassez da oferta de água à população da região metropolitana de São Paulo é dramática. Uma situação paradoxal em um país que possui aproximadamente 8% das águas doces do planeta. Sabemos que a quantidade de água no planeta se mantém a mesma há bilhões de anos, porém a relação do homem com a natureza alterou em muito os padrões de distribuição dessas águas além de poluí-las. Milhões de toneladas de lixo são atiradas na natureza, sem reciclagem, nas grandes metrópoles de nosso país. Também constatamos que São Paulo encontra-se em uma das maiores áreas impermeabilizadas do planeta, alterando os ritmos climáticos e agravando enchentes. As cidades da região metropolitana de São Paulo cresceram desordenamente canalizando rios, devastando florestas e poluindo o meio ambiente. É necessário urgentemente desenvolver práticas ambientais sustentáveis, principalmente nas escolas, preparando assim gerações futuras paro o enfrentamento de possíveis situações adversas e que sejam conscientes da necessidade de construção de um mundo melhor.

Sabemos que as primeiras civilizações da Antiguidade são conhecidas como civilizações hidráulicas (ou de regadio) porque se constituíram ao longo de grandes rios. Grande parte das cidades do mundo geralmente são construídas às margens de rios. Foi entre rios que se construiu São Paulo: em torno dos rios Anhangabaú e Tamanduateí. Assim, temos o Rio Indo na Índia, o Amarelo na China, o Nilo no Egito e os rios que delimitavam as civilizações mesopotâmicas (Tigre e Eufrates). Aliás, Mesopotâmia quer dizer "entre rios"

em grego (*mesós, meio; potamós, rio)*. A propósito, já na Grécia antiga, a água, além de sua importância óbvia em todos os tempos, foi igualmente objeto de investigação "científica".

O nosso projeto é tributário do crescimento da preocupação global frente à problemática que vem se desenvolvendo com relação à água. A demanda desse recurso vem aumentando pela constante ampliação do desenvolvimento industrial e a consequente aglomeração populacional nas grandes cidades. Tal aglomeração, além de necessitar de uma maior oferta do precioso líquido, vem devolvendo ao sistema hídrico uma água de má qualidade, pondo em risco a qualidade do recurso e a garantia de níveis satisfatórios de vida para as gerações atuais e futuras.Mas, no mundo em geral, a água potável, fonte indispensável para a vida na Terra, corre sério risco quanto à sua oferta devido à intervenção humana na natureza. Como combinar a ocupação humana do espaço e a preservação da natureza? É preocupante quando constatamos que da água existente no planeta, 99% não está disponível para o uso humano. Desta água, 97% são salgadas, encontradas nos oceanos e mares, 2% formam as geleiras inacessíveis e, apenas 1% de toda essa água é doce, estando armazenada nos lençóis subterrâneos, rios e lagos . Isso quando a Terra já ultrapassa a marca de sete bilhões de habitantes e com a expectativa de chegar a oito bilhões até 2025. O alarme já foi disparado: se forem mantidas as atuais práticas de consumo, o planeta rumará para uma escassez crônica de água em determinadas áreas que poderá transformá-la em causa de conflitos entre países e de convulsões sociais internas.

III- OBJETIVOS GERAIS

- Auxiliar na percepção dos alunos quanto à sua importância e inserção no meio ambiente em que vivem;

- demonstrar aos alunos as interferências negativas e positivas na qualidade das águas, em sua comunidade local;

- provocar mudanças de hábitos nos alunos e seus familiares, estimuladas pela sensibilização a respeito do cuidado com as águas;

- auxiliar na compreensão dos sintomas e das causas reais dos problemas locais a respeito da poluição, do lixo e da falta de água potável;

- implantar na escola a coleta seletiva de lixo e estimular a sua reciclagem

- conscientizar que a água não deve ser desperdiçada nem poluída;

- utilizar pesquisas bibliográficas para subsidiar o conhecimento à compreensão do tema;

- compreender através do estudo das águas conceitos das diversas disciplinas escolares;

- potencializar a percepção da água como meio de questionamento artístico, concretizando a relação entre arte e sociedade além de associar características da materialidade com a poética dos trabalhos artísticos;

IV - OBJETIVOS ESPECÍFICOS

A nossa proposta é concretizar na escola os objetivos específicos desse projeto concomitantemente com os conteúdos específicos contidos nos Cadernos do Aluno da Secretaria estadual da Educação. Sendo assim, entendemos como objetivos específicos a serem colocados em prática nas sala de aula:

- Pesquisa de artistas contemporâneas da cena urbana que intervém na questionamento relacionado à água;

- intervenções artísticas na escola sobre o tema: possibilidade de realizar grafites na área externa da escola;

- questionar como se constituiu na cultura ocidental, tanto na sua matriz grego-romana como judaico-cristã, a concepção da dicotomia homem/natureza, que ora acaba gerando o problema ecológico;

- questionar o papel da individualidade contemporânea, o sujeito isolado, como gerador de uma determinada ética;

- desenvolver a compreensão dos direitos em sociedade e a participação ativa do cidadão;

- desenvolver pesquisas como esta escola pode contribuir para a conservação ambiental e proteção do patrimônio público;

- realizar trabalho de campo na região central de São Paulo localizando os principais rios e identificando sua bacia hidrográfica;

- estudos das águas no mundo, no Brasil e na cidade de São Paulo: suas ocorrências, as suas relações com suas populações, suas ofertas e demandas.

- a água enquanto instrumento da geopolítica: guerras, conflitos e disputas de mercado por esse recurso ambiental;

- pesquisa sobre os principais rios no mundo e suas relações com a cidade tendo como objetivo se apropriar do "acontecimento" e "desenvolvimento" das cidades ao longo dos rios;

- a partir da invenções de Leonardo da Vinci: desenvolver o interesse/gosto pela pesquisa; propiciar ao aluno a possibilidade de pensar sobre projetos; direcioná-lo na aplicação do conhecimento científico; fazê-lo criar/pensar/transformar; analisar a situação atual com relação ao problema da falta de água e o que fazer para amenizar os problemas gerados por isso;

- realização de saraus para a leitura de trechos literários pertinentes ao tema. Alguns vídeos poderão se apresentados, como a intertextualidade com as músicas.

- coleta a ser feita pelos alunos de entrevistas sobre o tema, reportagens sobre acontecimentos relevantes na escola, bairro, cidade, estado, Brasil, mundo.

- prestigiar a linguagem verbal-argumentativa.

- o uso da água durante a idade média na Europa, passado e presente e a sua influência trazida para a América;

- a influência da burguesia com a industrialização na utilização dos recursos hídricos, sua contribuição para a poluição do meio ambiente, bem como projetos de recuperação das águas e do meio ambiente no mundo;

- estudo dos recursos hídricos das primeiras civilizações e também forma de recuperação de áreas secas com o uso das águas marítimas (por ex: dessalinização em Israel).

- relacionar esse projeto ao projeto de robótica atualmente desenvolvido na escola demonstrando o uso correto da energia para recuperar os recursos naturais;

- criar maquete em escala propiciando ao aluno a possibilidade de criar e desenvolver medidas e cálculos atualizados;

- utilizar de parcerias para trazer palestras e materiais para o nosso ambiente escolar;

- abordar o tema dos projeto em aulas expositivas e, dentro delas, apresentar atividades que os sensibilizem;

- realizar oficinas de reciclagem de lixo.

V - RECURSOS NECESSÁRIOS

- Sala multimídia

- Ativação do laboratório para o desenvolvimento de trabalhos

- Organização e abertura da biblioteca

- Disponibilizar verba para a impressão de banners ou imagens em tamanho A3

- Tinta para a grafitagem

- Xerox

- Material diversos como fitas colantes, cartolinas, pincéis atômicos, etc

- compra de material necessário para a reciclagem de lixo na escola.

VI - CRONOGRAMA

Fase de sensibilização e organização

Período: de 23 de fevereiro a 02 de abril de 2015

- Nos ATPs, discussão e acompanhamento do projeto

- de 23 de fevereiro a 13 de março: Eleição dos representantes de cada sala que serão responsáveis por acompanhar diretamente o projeto.

- 13 de março (sexta): reunião dos representantes de sala, na última aula para apresentação e discussão do projeto (especialmente a reciclagem do lixo)

- Reunião do Conselho Escolar para referendo do projeto e organização das eleições anuais

- Final de março: Reunião de pais

Fase de desenvolvimento

Período: de 06 de abril a 30 de junho de 2015

- Nos ATPs, discussão e acompanhamento do projeto

- Início de Abril: Possível Eleição do Grêmio Estudantil

- 16 de abril(quinta): reunião dos representantes de sala, na última aula para apresentação e discussão do projeto

- 13 de maio (quarta): reunião dos representantes de sala, na última aula para apresentação e discussão do projeto

- Meados de Maio: reunião de pais

- 16 de junho(terça): reunião dos representantes de sala, na última aula para apresentação e discussão do projeto

Fase de Resultados e Avaliações

- Nos ATPs, discussão e acompanhamento do projeto

Período: de 03 de agosto a 11 de setembro

- 14 de agosto: reunião dos representantes de sala (sexta-feira) , na última aula para - preparação da Semana Cultural no aniversário da escola e avaliação dos resultados do projeto.

- Meados de agosto: reunião de pais

- 14 a 18 de setembro - realização da Semana Cultural com apresentação dos resultados do projeto.

Anexo 05 - Questionário destinado à pesquisa com ex alunos

Nome:

Período em que estudou na EESP:

Atividade Atual:

Continua estudando? Que curso?

01) Por que foi estudar na EESP?

02) Qual era/é o seu local de moradia? Era distante da Escola?

03) Qual a importância que você atribui à estrutura física de uma escola para um melhor ensino/aprendizagem?

04) Quais as principais diferenças que você percebeu entre a estrutura organizacional tradicional das salas de aula e das salas ambiente?

05) Na sua opinião, quais os principais problemas que você aponta no ensino público?

06) Que soluções você aponta para os principais problemas enfrentados pela escola?

07) Como você identifica os estudantes que estão nas escolas? Quais as suas principais características?

08) Você tem algo a mais a comentar? Se sim, escreva o quê?

Anexo 06 - Nota da Unicamp dos professores, estudantes e pesquisadores sobre a ocupação das escolas

No dia 23 de setembro de 2015, fomos informados, via imprensa, que a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEE-SP) irá fazer uma grande reestruturação das escolas da rede paulista de educação básica. A forma como todos nós, professores, estudantes, pais e pesquisadores soubemos deste projeto de reorganização escolar já é, por si só, motivo de preocupação. Não foi apresentado publicamente o projeto da reestruturação, assim como não foi realizada nenhuma consulta pública sobre a nova proposta. Parece que o governo Geraldo Alckmin se recusa a debater de forma transparente e democrática essa grande mudança, que afetará milhares de professores e milhões de estudantes. Por isso, a surpresa generalizada e a reação marcadamente contrária ao projeto de reorganização.

Os argumentos do governo para a mudança, comunicados por meio de videoconferência aos profissionais da rede estadual, foram dois: 1) que escolas com apenas um segmento têm melhores desempenhos nas avaliações do Saresp e Prova Brasil (embora sem demonstração científica que comprove tal relação); 2) que há uma alteração na pirâmide etária que indica retração da população em idade escolar no Estado de São Paulo. Segundo a Secretaria Estadual de Educação, entre os anos de 1998 e 2015, a rede estadual de ensino teria perdido cerca de 2 milhões de alunos. Com isso, o governo Geraldo Alckmin justifica, em suas próprias palavras, que é preciso "um novo modelo de escola que se adeque à queda da taxa de natalidade e à redução expressiva da população em idade escolar".

Diante destes números, poderíamos pensar em reorganizar as escolas diminuindo o número de alunos por sala de aula e reduzindo a jornada de trabalho dos professores, por exemplo, duas medidas que teriam um impacto imediato sobre a qualidade do trabalho educativo. No entanto, estas propostas não foram consideradas pela Secretaria de Educação. Parece que o governo não está realizando uma reorganização visando à melhoria da educação oferecida pela rede estadual, pelo contrário, parece ser uma reforma administrativa que visa reduzir gastos da educação e abrir espaço para parcerias com o setor privado.

O impacto imediato da reestruturação será o fechamento de salas de aulas e até mesmo de escolas inteiras. Segundo o Censo Escolar MEC/INEP de 2013, a rede estadual de São Paulo mantinha 5.585 escolas; agora, segundo os números divulgados pelo governo estadual, serão 1.443 escolas de ciclo único; 3.186 escolas com dois ciclos; e 479 escolas com três ciclos. Portanto, serão 5.108 escolas mantidas pela rede estadual paulista, eliminando 2 milhões de vagas excedentes, sem alterar o módulo absurdo de 35 (Ensino Fundamental) ou 40 (Ensino Médio) estudantes por sala de aula e a jornada de trabalho excessiva dos professores. O fechamento de centenas de escolas implicará na demissão de professores e funcionários, deslocamento de estudantes,

remoções, destruição do patrimônio público, etc.

Está subentendido na reestruturação que o projeto do governo é completar o processo de municipalização do Ensino Fundamental. Isso está explícito no Projeto de Plano Estadual de Educação, encaminhado pelo executivo estadual para a Assembleia Legislativa de São Paulo. Conforme indicado na meta 21 desse projeto o objetivo é "promover, até o final da vigência do Plano Estadual de Educação (PEE), a municipalização dos anos iniciais do Ensino Fundamental". A reorganização da escola por ciclos já cria a estrutura adequada para intensificar o processo de municipalização também do ciclo II do Ensino fundamental. Estudos demonstram que a municipalização tem sido um terreno fértil para os processos de privatização da escola pública, seja com a aquisição dos denominados "sistemas de ensino" de escolas privadas, via o apostilamento, para ampliação das contratações terceirizadas, com as parcerias público-privadas e/ou com os contratos de gestão privada para o ensino público.

A reorganização escolar proposta também afeta diretamente o Ensino Médio, com o fechamento de salas no período noturno, da diminuição da oferta de vagas para Educação de Jovens e Adultos, entre outros desdobramentos. O projeto das Escolas de Tempo Integral encontra abrigo adequado nessa nova organização das escolas por ciclo, o qual precisa ser amplamente debatido com a comunidade, incluindo a acadêmica.

O projeto do governo é ampliar as Escolas de Tempo Integral para 50% das escolas estaduais e dentro delas as parcerias com a iniciativa privada. No Projeto de Plano Estadual de Educação encaminhado pelo governo, podemos demonstrar esses objetivos. A estratégia 6.7, que trata do Ensino em Tempo Integral, diz: "Estimular, em regime de colaboração, a apropriação dos espaços e equipamentos públicos e privados, articulando ações entre esses e as escolas, de forma a viabilizar a extensão do tempo de permanência do aluno em atividades correlacionadas ao currículo". Para esse projeto são necessárias as escolas de ciclo único.

É nesse contexto que a flexibilização curricular é também proposta, pois abre mais espaço para as parecerias com o setor privado, que passam a atingir diretamente as atividades correlacionadas ao currículo. A lógica empresarial passa a orientar ainda mais a organização da escola. Não à toa a meta 22 do Plano Estadual de Educação apresentado pelo governo, que dispõe sobre a implementação do "novo modelo de Ensino Médio, com organização curricular flexível e diversificada" assume todo o linguajar empresarial, colocando como meta para o Ensino Médio, garantir "acesso ao conhecimento como instrumento para a cidadania, o desenvolvimento de competências e habilidades, necessárias ao prosseguimento de estudos e que favoreçam a empregabilidade".

A partir dessa flexibilização do currículo, será possível criar diversas novas subcategorias de professores. Além de todas as formas de contratação feitas diretamente pelo Estado, abre-se a possibilidade de, no interior das escolas estaduais, professores e educadores serem contratados via parcerias privadas

para “viabilizar a extensão do tempo de permanência do aluno em atividades correlacionadas ao currículo”, aumentando a terceirização nas escolas e podendo atingir até mesmo algumas funções docentes.

A reorganização da escola por ciclos terá um impacto muito mais profundo do que o fechamento de centenas de escola, a demissão de milhares de trabalhadores docentes e não docentes, a destruição do patrimônio público e/ou o deslocamento de milhões de estudantes. Trata-se de se criar a organização necessária para o projeto de privatização da escola pública paulista.

Com isso, nós, estudantes, professores e pesquisadores da Faculdade de Educação da UNICAMP, nos colocamos ao lado dos estudantes, pais e professores que saem às ruas defendendo a escola pública para questionar esse projeto de reorganização da escola paulista, exigindo transparência, diálogo, bem como a mudança de seu rumo. Portanto, solicitamos à Secretaria de Educação do Estado de São Paulo a exposição imediata do projeto que orienta a reestruturação das escolas estaduais, com os dados que fundamentam a argumentação apresentada pelo governo. Solicitamos também que este projeto seja debatido por meio de audiências públicas, recebendo as propostas da comunidade escolar.

Anexo 7 - Manifesto de intelectuais e artistas em apoio às escolas ocupadas.

"Não fechem as nossas escolas! Respeitem os estudantes!

Não bastasse o atual estado crítico do ensino básico – com salas superlotadas, baixíssimos salários para docentes e funcionários e péssimas condições de trabalho –, o governo Geraldo Alckmin impõe uma mudança de grande porte à rede de ensino paulista, fechando mais de 90 escolas, encerrando períodos inteiros, removendo milhares de estudantes de suas escolas, impactando a vida de milhares de famílias e ameaçando o emprego de professores em todo estado.

O projeto de "reorganização" foi construído a toque de caixa, sem qualquer consulta às comunidades, sem audiências efetivamente públicas, sem tempo hábil de se fazer o real debate sobre as necessidades das escolas e o mérito da iniciativa. Como tem sido demonstrado em muitos estudos que contestam o projeto, suas justificativas são muito frágeis ou questionáveis. Não por acaso, em sua versão oficial que acaba de ser publicada, a reorganização foi baixada por decreto, sequer apresentada aos parlamentares estaduais.

Para agravar a situação, de forma covarde o governo conclama a uma "guerra" contra os estudantes que tiveram que ocupar suas escolas para serem ouvidos. Estão amplamente registrados todos os tipos de agressão, intimidação, coação e diversas ilegalidades por parte da polícia e de agentes públicos na tentativa de "desqualificar" ou "desmoralizar" o movimento enquanto se supostamente se consolida o projeto como um fato consumado.

Ao contrário das tentativas, o que temos visto são estudantes com muita convicção e firmeza, reforçando como nunca sua identidade com as escolas, cuidando dos espaços públicos, sendo protagonistas das programações de aulas públicas, de eventos culturais e esportivos.

Nós, intelectuais, artistas e figuras públicas que de maneira suprapartidária subescrevemos esse manifesto reivindicamos, para o bem da cidadania e da escola pública, a suspensão imediata da "guerra" contra os estudantes adolescentes bem como desse projeto de reorganização para que de uma vez por todas se escutem as vozes das escolas e comunidades que são as mais interessadas e com quais deve se pensar a educação."

Anexo 08 - Reivindicações dos alunos ao fim da ocupação da Escola Alfa

Reivindicações ocupação

Boa Noite, nós ocupantes decidimos a data de desocupação que ocorrerá no dia 31, amanhã as 11h.
Segue abaixo as atuais reivindicações
Se alguém tiver algo a mais a acrescentar deixe nos comentários.
- Queremos que todo o trabalho de revitalização que começamos durante a ocupação tenha continuidade.
- Queremos a abertura e inauguração da sala de informática para auxiliar nos estudos.
- Funcionários para operar na biblioteca.
- Nenhum aluno ocupante ou apoiador deve ser punido de qualquer forma.
- Queremos a volta das salas ambientes, para cada professor trabalhar melhor e assim trazer mais conteúdo nas aulas.
- Volta dos campeonatos e inter-classes.
- Utilização do teatro para aulas e atividades extracurriculares com mais frequência.
- Dedetização Frequentes.
- Queremos que os Problemas de infiltração sejam resolvidos.
- Abertura da Biblioteca e Laboratório de Química em 2016.

https://www.facebook.com/ocupacaoeesp/?fref=ts